

ONE CHOICE WILL FREE HIM



# FOUR

A DIVERGENT COLLECTION

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
VERONICA ROTH

EXCLUSIVE  
SCENES  
INCLUDED!

## Histórias de Divergente

As Histórias de Divergente são formadas por contos exclusivos narrados por Tobias. Elas revelam fatos desconhecidos e fascinantes sobre o personagem Quatro – seu passado, sua própria iniciação e seus pensamentos sobre sua nova vida na Audácia, até que conhece Tris Prior.

VERONICA ROTH

QUATRO  
A TRANSFERÊNCIA

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE  
DIVERGENTE

ROCCO

## A transferência

Eu termino a simulação gritando. Meus lábios estão latejando, e quando passo minhas mãos na boca, há sangue nelas. Devo tê-los mordido durante o teste.

A mulher da Audácia que administra meu teste de aptidão – Tori, ela disse que esse era o seu nome – me dá um olhar estranho enquanto puxa o cabelo para trás e amarra em um nó. Seus braços estão marcados de cima a baixo com tatuagens, chamas, raios de luz e asas de falcão.

— Quando você estava na simulação... Você sabia que não era real? — Tori me pergunta enquanto desliga a máquina.

Ela faz soar como uma pergunta casual, mas é uma casualidade estudada, aprendi com anos de prática. Percebo quando vejo. Sempre percebo.

De repente estou consciente do meu próprio coração. Isto é o que meu pai disse que iria acontecer. Ele me disse que eles iriam perguntar se eu estava ciente durante a simulação, e me disse o que responder quando perguntassem.

— Não — respondo. — Se eu soubesse, acha que eu teria mastigado meu lábio?

Tori me estuda por alguns segundos, então morde o anel em sua boca antes de dizer:

— Parabéns. Seu resultado foi Abnegação.

Concordo com a cabeça, mas a palavra “Abnegação” me faz sentir como se houvesse uma corda em volta do meu pescoço.

— Você não está contente? — ela pergunta.

— Os membros da minha facção ficarão.

— Eu não perguntei sobre eles, perguntei sobre você — a boca e os olhos de Tori viram para baixo nos cantos como se carregassem pequenos pesos. Como se ela estivesse triste com alguma coisa. — Esta é uma sala segura. Você pode dizer o que quiser aqui.

Eu sabia quais escolhas faria no teste de aptidão até antes de chegar à escola esta manhã. Eu escolhi comida ao invés de uma arma. Atirei-me na frente do cachorro para salvar a menina. Sabia que depois de ter feito essas escolhas, o teste iria acabar e eu iria receber Abnegação como resultado. E sei que teria feito escolhas diferentes se meu pai não tivesse me treinado, não tivesse controlado cada parte do meu teste de aptidão de longe. Então, o que eu estava esperando? Qual facção eu queria?

Qualquer uma delas. Qualquer uma delas, menos Abnegação.

— Estou satisfeito — digo com firmeza.

Eu não me importo com o que ela diz, esta não é uma sala segura. Não há salas seguras, verdades seguras, segredos seguros para contar.

Ainda posso sentir os dentes do cachorro fechando em torno do meu braço, rasgando minha pele. Eu aceno para Tori e começo a andar em direção à porta, mas pouco antes de eu sair, uma mão se fecha em volta do meu cotovelo.

— Você é o único que tem que viver com a sua escolha — ela diz. — Todo mundo irá superar, seguir em frente, não importa o que você decidir. Mas você nunca superará.

Abro a porta e saio.

+ + +

Eu volto para o refeitório e sento-me à mesa da Abnegação, entre as pessoas que mal me conhecem. Meu pai não permite que eu vá para a maioria dos eventos da comunidade. Ele afirma que vou causar perturbação, que farei alguma coisa para prejudicar sua reputação. Eu não me importo. Estou mais feliz no meu quarto, na casa silenciosa, do que rodeado pela diferencial e apologética Abnegação.

A consequência da minha ausência constante, porém, é que os outros da Abnegação são receosos em relação a mim, convencidos de que há algo de errado comigo, que sou doente, imoral ou estranho. Mesmo aqueles que estão dispostos a acenar para mim em saudação não chegam a olhar nos meus olhos.

Sento-me com as mãos apertando meus joelhos, observando as outras mesas, enquanto os outros estudantes terminam seus testes de aptidão. A mesa da Erudição está coberta de material de leitura, mas eles não estão todos estudando – estão apenas fazendo um show, conversando em vez de trocar ideias, seus olhos correndo de volta aos livros a cada vez que acham que alguém os está observando. Os membros da Franqueza estão falando alto, como sempre. Os membros da Amizade estão sorrindo, rindo, tirando comida dos bolsos e passando ao redor. Os membros da Audácia são estridentes e falam alto, pendurados sobre as mesas e cadeiras, apoiando-se uns nos outros, se cutucando e provocando.

Eu queria qualquer outra facção. Qualquer outra, menos a minha, onde cada um já decidiu que eu não valho a atenção deles.

Finalmente uma mulher da Erudição entra no refeitório e levanta a mão, pedindo silêncio. A Abnegação e a Erudição se aquietam imediatamente, mas é preciso que a mulher grite “Silêncio!” para que a Audácia, a Amizade e a Franqueza a notem.

— Os testes de aptidão acabaram — ela diz. — Lembrem-se de que vocês não tem permissão para discutir seus resultados com ninguém, nem mesmo seus amigos ou família. A Cerimônia de Escolha será amanhã à noite no Eixo. Planejem chegar pelo menos 10 minutos antes de começar. Vocês estão dispensados.

Todos correm para as portas, exceto a nossa mesa, onde esperamos que todos os outros saiam, antes mesmo de levantarmos. Sei o caminho que meus companheiros da Abnegação irão fazer depois daqui, irão para o corredor, sairão pelas portas da frente e seguirão para o ponto de ônibus. Eles poderiam ficar lá por mais de uma hora deixando as pessoas passarem na frente deles. Não acho que posso mais suportar esse silêncio.

Em vez de segui-los, eu passo por uma porta lateral e vou para um beco ao lado da escola. Eu já passei por este caminho antes, mas geralmente vou lentamente, não querendo ser visto ou ouvido. Hoje tudo o que quero fazer é correr.

Dou uma arrancada para o final do beco e para a rua vazia, saltando sobre um ralo na calçada. Minha blusa larga da Abnegação balança ao vento, e eu a tiro dos ombros, deixando-a tremular atrás de mim como uma bandeira, e em seguida, a solto. Empurro as mangas da camisa até os cotovelos enquanto corro, desacelerando para uma corrida leve quando o meu corpo já não pode resistir ao arranque. Parece que toda a cidade está correndo atrás de mim em um borrão, os edifícios se misturando. Ouço o som dos meus sapatos como um som separado de mim.

Finalmente eu tenho que parar, sinto meus músculos queimando. Estou no deserto dos sem facção que fica entre o setor da Abnegação, a sede Erudita, a sede da Franqueza e nossos lugares em comum. Em cada reunião de facção, os nossos líderes, geralmente falando através de meu pai, nos exortam a não ter medo dos sem facção, a tratá-los como seres humanos em vez de pobres criaturas perdidas. Mas nunca me ocorreu ter medo deles.

Eu vou para a calçada para que possa olhar através das janelas dos edifícios. Na maioria das vezes tudo o que eu vejo é mobília antiga, salas vazias, pedaços de lixo no chão. Quando a maioria dos moradores da cidade foi embora – como eles devem ter feito, uma vez que nossa população atual não preenche todos os prédios – eles não devem ter ido com pressa, porque os espaços que ocupavam estão bastante vazios. Nada de interessante deixado para trás.

Entretanto, quando passo por um dos edifícios na esquina, vejo algo dentro. O quarto logo além da janela está tão vazio quanto qualquer um dos outros que já passei, mas pelo vão da porta posso ver uma única brasa, um carvão aceso.

Franzo a testa e faço uma pausa em frente à janela para ver se ela abre. A princípio, ela não cede, e então eu a empurro para frente e para trás, e ela salta para cima. Empurro meu tronco primeiro, e depois as pernas, caindo no chão. Meus cotovelos doem ao raspar o piso.

O edifício tem cheiro de alimento cozido, fumaça e suor. Ando em direção à brasa, para ver se escuto vozes que me avisem da presença de algum sem facção, mas só há silêncio.

Na sala ao lado, as janelas estão cobertas por tinta e sujeira, mas um o pouco de luz do dia faz com que eu possa ver através delas – há panos enrolados espalhados no chão por toda a sala, e latas velhas com pedaços de comida seca dentro deles. No centro da sala há um pequeno grelhador a carvão. A maioria dos carvões está branco, seu combustível gasto, mas

ainda acesos, o que sugere que algum sem facção esteve aqui recentemente. E a julgar pelo cheiro e a abundância de latas e cobertores velhos, havia um bom número deles.

Sempre me ensinaram que os sem facção vivem sem comunidade, isolados um dos outros. Agora, olhando para esse lugar, eu me pergunto por que sempre acreditei. O que iria impedi-los de formar grupos, assim como nós? Está em nossa natureza.

— O que você está fazendo aqui? — uma voz demanda, e ela vem até mim como um choque elétrico.

Eu giro e vejo um homem pálido de rosto sujo na sala ao lado, limpando as mãos em uma toalha áspera.

— Eu só estava... — eu olho para o grill. — Eu vi o fogo. Só isso.

— Oh.

O homem coloca a ponta da toalha em seu bolso de trás. Ele veste calças pretas da Franqueza, remendadas com tecido azul da Erudição e uma camisa cinza da Abnegação, a mesma que estou vestindo. Ele é magro como um palito, mas parece forte. Forte o suficiente para me machucar, mas não acho que ele vá fazer isso.

— Obrigado, eu acho — ele diz. — Nada está pegando fogo aqui.

— Posso ver — eu digo. — Que lugar é esse?

— É a minha casa — ele diz com um sorriso frio. Ele está perdendo um de seus dentes.

— Eu não sabia que teria convidados, por isso não me incomodei em arrumar.

Eu olho dele para as latas espalhadas.

— Você tem de se mexer muito à noite, para exigir tantos cobertores.

— Nunca conheci um Careta que se importasse tanto com a vida de outras pessoas — ele diz. Ele se aproxima de mim e franze a testa. — Você parece um pouco familiar.

Eu sei que não posso tê-lo encontrado antes, não onde eu moro, cercado por casas idênticas no bairro mais monótono da cidade, cercado por pessoas com roupas cinza idênticas com cabelos curtos idênticos. Em seguida, penso: escondido como o meu pai tenta me manter, ele ainda é o líder do conselho, uma das pessoas mais importantes em nossa cidade, eu ainda me assemelho a ele.

— Sinto muito tê-lo incomodado — falo em minha melhor voz da Abnegação. — Eu vou indo.

— Eu te conheço — diz o homem. — Você é o filho de Evelyn Eaton, não é?

Endureço ao ouvir o nome. Fazia anos desde que eu o ouvi, porque meu pai não o fala, nem mesmo o reconhece se ouvir. Ser conectado a ela de novo, mesmo que apenas na semelhança facial, é estranho, como colocar uma velha peça de roupa que não serve mais.

— Como você a conhece?

Ele deve a tê-la conhecido bem, para enxerga-la em meu rosto, que é mais pálido que o dela, os olhos azuis em vez de castanho-escuros. A maioria das pessoas não olha perto o suficiente para ver todas as coisas que temos em comum: os nossos dedos longos, o nariz adunco, a postura, o franzir das sobrancelhas.

Ele hesita um pouco.

— Ela se voluntariava com os da Abnegação às vezes. Distribuindo alimentos, cobertores e roupas. Tinha um rosto memorável. Além disso, ela era casada com um líder do conselho. Será que não são todos que a conhecem?

Às vezes, sei que as pessoas estão mentindo só pela forma como as palavras chegam até mim, desconfortáveis e erradas, da forma como um membro da Erudição se sente quando lê uma frase gramaticalmente incorreta. No entanto, ele conhecia minha mãe, não porque ela lhe entregou uma lata de sopa uma vez. Mas estou tão sedento de ouvir mais sobre ela que eu não penso muito sobre o assunto.

— Ela morreu, você sabia? — pergunto. — Anos atrás.

— Não, eu não sabia — Sua boca se inclina um pouco em um canto. — Sinto muito em ouvir isso.

Eu me sinto estranho, de pé nesse lugar úmido que cheira a corpos vivos e fumaça, entre estas latas vazias que sugerem a pobreza e exclusão. Mas há algo interessante sobre isso

aqui também, uma liberdade, uma recusa em pertencer a estas categorias arbitrárias que fizemos para nós mesmos.

— Sua Cerimônia de Escolha deve ser amanhã, para você parecer tão preocupado — diz o homem. — Que facção você conseguiu?

— Eu não deveria contar às pessoas — falo automaticamente.

— Eu não sou uma pessoa — ele diz. — Eu sou ninguém. Isso é o que significa não ter facção.

Eu não digo nada. A proibição de compartilhar meu resultado do teste de aptidão, ou qualquer um dos meus segredos, é definida firmemente no molde que me faz e refaz diariamente. É impossível mudar agora.

— Ah, um seguidor de regras — ele fala, como se estivesse desapontado. — Sua mãe me disse uma vez que se sentia como se a inércia a tivesse levado para a Abnegação. Era o caminho de menor resistência — ele encolhe os ombros. — Confie em mim quando eu lhe digo, menino Eaton, que vale a pena resistir.

Sinto uma onda de raiva. Ele não deveria estar me contando sobre a minha mãe como se ela pertencesse a ele e não a mim, não devia me fazer questionar tudo o que me lembro sobre ela só porque ela pode ou não ter lhe servido comida uma vez. Ele não deveria estar me dizendo coisa alguma, ele é ninguém, sem facção, isolado, nada.

— Ah é? — replico. — Olha aonde resistir te levou. Vivendo de latas em edifícios arruinados. Não soa tão notável assim para mim.

Começo a andar em direção à porta de onde o homem emergiu. Sei que vou encontrar uma porta para um beco em algum lugar lá atrás, eu não me importo onde, desde que eu possa sair daqui rapidamente.

Escolho meu caminho pelo chão, cuidando para não pisar em um dos cobertores. Quando chego no corredor, o homem diz:

— Prefiro comer em uma lata do que ser estrangulado por uma facção.

Eu não olho para trás.

+ + +

Quando chego em casa, sento-me no degrau da frente e respiro profundamente o ar fresco da primavera por alguns minutos.

Foi minha mãe quem me ensinou a aproveitar momentos como esses, momentos de liberdade, embora ela não saiba disso. Observei-a aproveitando esses momentos, deslizando para fora de casa depois de escurecer enquanto meu pai estava dormindo, voltando para casa quando a luz do sol estava aparecendo por trás dos edifícios. Ela os aproveitou mesmo quando ela estava conosco, ficando na pia com os olhos fechados, tão distante do presente que ela nem sequer ouvia quando eu falava com ela.

Mas aprendi alguma coisa a observando também, que os momentos livres sempre têm que acabar.

Eu me levanto sacudo as manchas de cimento da minha calça cinza, e abro a porta. Meu pai está sentado na poltrona na sala de estar, cercado pela papelada. Arrumo minha postura, de modo que ele não me repreenda por me curvar. Vou em direção às escadas. Talvez ele me deixe ir para o meu quarto despercebido.

— Conte-me sobre o seu teste de aptidão — ele diz, e aponta para o sofá para eu sentar.

Eu atravesso a sala, passando com cuidado sobre uma pilha de papéis sobre o carpete, e me sento onde ele indicou, na beira da almofada para que eu possa me levantar rapidamente.

— E então?

Ele tira os óculos e olha para mim com expectativa. Ouço a tensão em sua voz, do tipo que só se desenvolve depois de um dia difícil no trabalho. Eu devo ter cuidado.

— Qual foi o seu resultado?

Eu nem sequer penso em me recusar a responder.

— Abnegação.

— E nada mais?

Eu franzo a testa.

— Não, claro que não.

— Não me olhe assim — ele diz, e minha carranca desaparece. — Nada de estranho aconteceu com o seu teste?

Durante o meu teste, eu sabia onde estava, eu sabia que quando eu senti como se estivesse em pé no refeitório da minha escola secundária, eu estava na verdade sentado em uma cadeira na sala de teste de aptidão, o meu corpo conectado a uma máquina por uma série de fios. Isso foi estranho. Mas eu não quero falar com ele sobre isso agora, não quando posso ver o estresse se formando dentro dele como uma tempestade.

— Não — respondo.

— Não minta para mim — ele diz e aperta meu braço.

Eu não olho para ele.

— Eu não estou mentindo — digo. — Eu sou da Abnegação, tal como esperado. A mulher mal olhou pra mim no meu caminho para fora da sala. Eu juro.

Ele me solta. Minha pele pulsa onde ele a agarrou.

— Bom — ele diz. — Tenho certeza de que você tem algo em que pensar. Você devia ir para o seu quarto.

— Sim, senhor.

Levanto-me e atravesso a sala novamente, aliviado.

— Oh — ele diz. — Alguns dos meus colegas membros do conselho estão chegando hoje à noite, então você deve jantar mais cedo.

— Sim senhor.

+ + +

Antes de o sol se pôr, roubo comida dos armários e da geladeira: dois pãezinhos e cenouras cruas com as folhas ainda presas, um pedaço de queijo, uma maçã e restos de frango sem tempero. Toda a comida tem o mesmo sabor, gosto de poeira e pasta. Mantenho meus olhos fixos na porta, para que eu não me encontre com os colegas de trabalho do meu pai. Ele não ia gostar se eu ainda estivesse aqui quando eles chegassem.

Estou terminando um copo de água quando os primeiros membros do conselho surgem em minha porta, e eu me apresso pela sala antes que meu pai chegue à entrada. Ele espera com a mão na maçaneta e as sobranceiras levantadas para mim enquanto eu escorrego ao redor do corrimão. Ele aponta para as escadas e eu as subo rapidamente, enquanto ele abre a porta.

— Olá, Marcus.

Eu reconheço a voz de Andrew Prior. Ele é um dos melhores amigos do meu pai no trabalho, o que não significa nada, porque ninguém realmente conhece o meu pai. Nem mesmo eu.

Do alto da escada, olho para Andrew. Ele está limpando os sapatos no tapete. Eu vejo ele e sua família às vezes, uma perfeita união da Abnegação, Natalie e Andrew, e o filho e a filha, não gêmeos, mas ambos mais jovens que eu na escola, todos andando tranquilamente pela calçada e balançando a cabeça para os que passam. Natalie organiza todos os esforços voluntários para os sem facção entre a Abnegação, minha mãe deve tê-la conhecido, embora raramente presenciasse eventos sociais da Abnegação, preferindo manter seus segredos como eu mantenho os meus, escondidos em casa.

Os olhos de Andrew encontram os meus, e eu corro pelo corredor até meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Ao que tudo indica, meu quarto é tão escasso e limpo como qualquer outro quarto da Abnegação. Meus lençóis cinzentos e cobertores estão dobrados firmemente em torno do colchão fino, e os meus livros escolares estão empilhados em uma torre perfeita na minha mesa de madeira compensada. Um pequeno armário que contém vários conjuntos idênticos de roupa fica ao lado da pequena janela, que permite a entrada de apenas uma pequena faixa de

luz solar durante a tarde. Através dela eu posso ver a casa ao lado, que é exatamente como a que, estou exceto que ela fica um metro e meio para o leste.

Sei como a inércia levou minha mãe para a Abnegação, se é que o homem estava falando a verdade. Posso ver o mesmo acontecendo comigo também, amanhã, quando eu ficar entre os potes de elementos das facções com a faca na mão. Existem quatro facções que eu não conheço ou confio, com práticas que não conheço, e apenas uma que é familiar, previsível, compreensível. Se escolhendo Abnegação não terei uma vida de felicidade extasiante, pelo menos estarei em um lugar confortável.

Sento-me na beira da cama. Não, não estarei, eu penso, e então engulo o pensamento, porque sei de onde vem: da parte infantil de mim que tem medo do homem da lei que está na sala de estar.

O homem cujos nós dos dedos eu conheço melhor do que seu abraço.

Checo se a porta está fechada e coloco a cadeira embaixo da maçaneta, só para prevenir. Então agacho ao lado da cama e alcanço o baú que mantenho lá.

Minha mãe o deu para mim quando eu era mais novo, e disse ao meu pai que era para guardar cobertores, e que ela o tinha encontrado em um beco em algum lugar. Mas quando ela colocou-o no meu quarto, ela não o encheu com cobertores. Ela fechou a porta e tocou os dedos em seus lábios e pousou na minha cama para abri-lo.

Dentro do baú aberto havia uma escultura azul. Parecia água caindo, mas era na verdade vidro, perfeitamente claro, polido, sem falhas.

— O que ele faz? — Eu perguntei a ela na época.

— Ele não faz nada — ela respondeu e sorriu, mas o sorriso era apreensivo, como se estivesse com medo de alguma coisa. — Mas pode ser capaz de fazer algo aqui. — Ela bateu no meu peito, bem acima do meu esterno. — As coisas bonitas, por vezes, são capazes disso.

Desde então, tenho enchido meu baú com objetos que outros chamariam de inúteis: óculos antigos sem lente, fragmentos de placas-mãe descartadas, velas de ignição, fios descascados, o gargalo quebrado de uma garrafa verde, uma lâmina de faca enferrujada. Eu não sei se minha mãe teria chamado de bonito, ou mesmo se eu chamaria, mas cada um deles me pareceu da mesma forma que a escultura parecia, como coisas secretas e valiosas, mesmo se elas estivessem esquecidas.

Em vez de pensar sobre o meu resultado do teste de aptidão, pego cada objeto e os coloco em minhas mãos para que eu memorize cada parte de cada um.

+ + +

Acordo com um susto ouvindo os passos de Marcus no corredor do lado de fora do quarto. Estou deitado na cama com os objetos espalhados no colchão ao meu redor. Seus passos se abrandam quando ele se aproxima da porta, e eu pego as velas de ignição, as peças da placa-mãe e os fios e os jogo de volta para o baú e o tranco, guardando a chave no bolso. Sei que no último segundo, quando a maçaneta da porta começa a se mover, que a escultura ainda está do lado de fora, então eu a enfio debaixo do travesseiro e deslizo o baú para debaixo da cama.

Então mergulho em direção à cadeira e a tiro de debaixo da maçaneta para o meu pai poder entrar. Quando ele entra, olha a cadeira em minhas mãos com desconfiança.

— O que você está fazendo? — ele pergunta. — Você estava tentando não me deixar entrar?

— Não, senhor.

— Esta é a segunda vez que você mentiu para mim hoje — diz Marcus. — Eu não criei meu filho para ser um mentiroso.

— Eu...

Não consigo pensar em nada para falar, então fecho a boca e levo a cadeira de volta para a minha mesa, onde ele sempre fica, logo atrás da pilha perfeita de livros escolares.

— O que você está fazendo aqui que não quer que eu veja?

Aperto o encosto da cadeira com força e olho para os meus livros.

— Nada — respondo calmamente.

— Com essa são três mentiras — ele diz, e sua voz está baixa, mas dura como pedra.

Ele vem em minha direção e eu ando para trás instintivamente. Mas em vez de vir até mim, ele puxa o baú de debaixo da cama, e em seguida, tenta abrir a tampa. A tampa não se move.

O medo passa em meu estômago como uma lâmina. Aperto a barra da minha camisa, mas não posso sentir meus dedos.

— Sua mãe disse que isso era para cobertores — ele fala. — Disse que você tem frio à noite. Mas o que eu sempre quis saber é, se ainda há cobertores aqui, por que mantê-lo trancado?

Ele estende a mão com a palma para cima e ergue as sobrancelhas para mim. Eu sei o que ele quer: a chave. E tenho que dar para ele, porque ele pode ver quando estou mentindo, pode ver tudo sobre mim. Eu a pego em meu bolso e coloco a chave nas mãos dele. Agora não posso sentir minhas mãos, e minha respiração está acelerada, a respiração superficial que sempre vem quando sei que ele está prestes a explodir.

Eu fecho meus olhos quando ele abre o baú.

— O que é isso? — Ele passa as mãos pelos objetos sem cuidado, espalhando-os para a esquerda e direita. Ele os pega um por um e os estende para mim. — Para que você precisa disto, ou disto...

Eu vacilo, uma e outra vez, não tenho uma resposta. Eu não preciso deles. Eu não preciso de nenhum deles.

— Este é um lugar de autoindulgência — ele grita, e ele empurra o baú para fora da borda da cama e seu conteúdo se espalha todo pelo chão. — Isso envenena esta casa com egoísmo!

Agora não posso sentir meu rosto também.

Suas mãos se chocam contra meu peito. Eu tropeço para trás e bato na cômoda. Em seguida, ele ergue a mão para me bater, e eu digo, minha garganta apertada de medo:

— A Cerimônia de Escolha, pai!

Ele faz uma pausa com a mão levantada, e eu me encolho contra a cômoda, meus olhos embaçados demais para enxergar. Ele normalmente tenta não ferir meu rosto, especialmente por conta de dias como amanhã, quando as pessoas estarão olhando para mim, observando-me escolher.

Ele abaixa a mão e por um momento acho que a violência acabou, que a raiva se foi. Mas então ele diz:

— Tudo bem. Fique aqui.

Eu me encosto à cômoda. Sei que ele não vai sair e meditar sobre as coisas e voltar pedindo desculpas. Ele nunca faz isso.

Ele vai voltar com um cinto, e as listras que ele vai esculpir em minha pele vão ser facilmente escondidas por uma camisa e uma expressão obediente da Abnegação.

Eu me viro e um tremor percorre meu corpo. Aperto a borda da cômoda e espero.

+ + +

Naquela noite, eu durmo de bruços, a dor mordendo cada pensamento, com meus bens quebrados no chão em volta de mim. Depois que ele me bateu até que eu tivesse que colocar meu punho na boca para abafar um grito, ele pisou em cada objeto, até que este foi quebrado ou amassado até ficarem irreconhecíveis, em seguida, jogou o baú contra a parede, quebrando as dobradiças da tampa.

Meus pensamentos nesse momento são: *Se você escolher Abnegação, nunca vai ficar longe dele.*

Eu afundo meu rosto no travesseiro.

Mas não sou forte o suficiente para resistir à inércia da Abnegação, este medo que me leva para o caminho que meu pai criou para mim.

+ + +

Na manhã seguinte, tomo uma ducha fria, não para economizar os recursos como a Abnegação instrui, mas para deixar minhas costas dormentes. Visto-me lentamente com minhas roupas largas e simples da Abnegação e fico na frente do espelho do corredor para cortar meu cabelo.

— Deixe que eu faça isso — meu pai diz, do final do corredor. — É o seu Dia da Escolha, afinal.

Coloco o cortador na borda do painel deslizante e tento me endireitar. Ele está atrás de mim, e desvio meus olhos quando o cortador começa a zunir. Há apenas um tipo de lâmina, apenas um comprimento aceitável para um homem da Abnegação. Estremeço quando seus dedos estabilizam minha cabeça, e espero que ele não veja como até mesmo o seu leve toque me aterroriza.

— Você sabe o que esperar — ele diz.

Ele cobre o topo da minha orelha com uma mão enquanto arrasta o cortador sobre o lado da minha cabeça. Hoje ele está tentando proteger meu ouvido das lâminas, e ontem ele levantou um cinto contra mim. O pensamento parece veneno fazendo efeito em mim. É quase engraçado. Quase tenho vontade de rir.

— Você vai ficar no seu lugar, e quando seu nome for chamado, irá para frente para pegar sua lâmina. Então irá se cortar e deixar o sangue escorrer na taça certa.

Nossos olhos se encontram no espelho, e ele move sua boca em um quase sorriso. Ele toca meu ombro, e percebo que estamos quase da mesma altura agora, aproximadamente do mesmo tamanho, embora eu ainda me sinta muito menor.

Em seguida ele acrescenta gentilmente:

— A faca vai doer só por um momento. Depois, sua escolha estará feita, e tudo irá acabar.

Eu me pergunto se ele ainda se lembra do que aconteceu ontem, ou se já colocou a lembrança em um compartimento separado em sua mente, mantendo sua metade monstruosa separada da sua parte paternal. Mas eu não tenho esses compartimentos, posso ver todas as suas identidades em camadas sobre as outras – monstro, pai, homem, líder do conselho e viúvo.

E de repente meu coração está batendo tão forte, meu rosto está tão quente que eu mal posso suportar.

— Não se preocupe sobre eu lidar com a dor — digo. — Eu tive muita prática.

Por um segundo, seus olhos no reflexo são como punhais, e minha forte raiva se foi, substituída pelo medo familiar. Mas tudo o que ele faz é desligar o cortador e colocá-lo na borda e descer as escadas, me deixando para varrer o cabelo cortado, escová-los dos meus ombros e pescoço, e guardar a máquina na gaveta do banheiro.

Então volto para o meu quarto e olho para os objetos quebrados no chão. Cuidadosamente, eu os reúno em uma pilha e os coloco no cesto de lixo ao lado da mesa, pedaço por pedaço.

Estremecendo, fico em pé. Minhas pernas estão tremendo.

Naquele momento, olhando para a vida que construí para mim mesmo aqui nos restos destruídos do pouco que eu tinha, eu penso, *tenho que ir embora daqui*.

É um pensamento forte. Sinto a sua força tocando dentro de mim como um sino, então eu penso de novo. *Eu tenho que ir embora daqui*.

+ + +

Ando até a cama e deslizo minha mão debaixo do travesseiro, onde a escultura da minha mãe continua segura, azul e brilhante com a luz da manhã. Eu a coloco na mesa, perto da pilha de livros, e saio do meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Quando desço as escadas, estou muito nervoso para comer, mas enfio um pedaço de torrada na boca mesmo assim para o meu pai não me fazer perguntas. Eu não devia me

preocupar. Agora ele está fingindo que eu não existo, fingindo que não hesito toda vez que tenho que me inclinar para pegar algo.

*Eu tenho que ir embora.* É uma prece agora, um mantra, a única coisa a qual eu me prendo agora.

Ele termina de ler o jornal que a Erudição publica toda manhã, eu termino de lavar a louça e nós saímos da casa juntos, sem conversar. Nós andamos pela calçada e ele cumprimenta nossos vizinhos com um sorriso, e tudo está sempre em perfeita ordem para Marcus Eaton, exceto seu filho. Exceto por mim; eu não estou em ordem, eu estou em constante desordem.

Mas hoje, eu estou grato por isso.

Nós entramos no ônibus e ficamos no corredor, para deixar os outros ao nosso redor sentarem, a figura perfeita do diferencial da Abnegação. Eu observo os outros entrarem, meninos e meninas da Franqueza falando alto, membros da Erudição com olhares estudados. Observo os membros da Abnegação levantarem para oferecer seus assentos. Todos estão indo para o mesmo lugar hoje – o Eixo, um prédio negro à distância, suas duas torres arranhando o céu.

Quando chegamos lá, meu pai coloca a mão em meu ombro enquanto caminhamos pela entrada, enviando choques de dor pelo meu corpo.

*Eu tenho que ir embora.*

É um pensamento desesperado, e a dor só o estimula a cada passo enquanto subo as escadas para o andar da Cerimônia de Escolha. Eu busco por ar, mas não por causa das minhas pernas ardendo; mas por causa do meu coração fraco, ficando mais forte a cada segundo que passa. Ao meu lado, Marcus enxuga gotas de suor da testa, e todos os outros membros da Abnegação fecham seus lábios para não respirar tão alto, para não parecer que estão reclamando.

Ergo meus olhos para as escadas a minha frente, e estou queimando com esse pensamento, essa necessidade, essa chance de escapar.

Nós chegamos ao andar certo, e todos param para tomar fôlego antes de entrar. O salão é escuro, as janelas estão fechadas, os assentos estão arranjados em um círculo ao redor de vasos que contêm vidro, água, pedras, brasas e terra. Eu encontro o meu lugar na fila, entre uma garota da Abnegação e um garoto da Amizade. Marcus fica na minha frente.

— Você sabe o que fazer — ele diz, e é mais como se ele estivesse dizendo isso a si mesmo do que a mim. — Você sabe qual é a escolha certa. Sabe o que fazer.

Eu apenas encaro um lugar longe de seus olhos.

— Vejo você em breve — ele diz.

Ele passa pela seção da Abnegação e senta na fileira da frente, com outros líderes do conselho. Gradualmente as pessoas enchem o salão, aqueles que estão perto de fazer suas escolhas estão em um quadrado no limite, aqueles que estão assistindo estão sentados no meio. As portas se fecham, e há um momento de silêncio enquanto o representante do conselho da Audácia se move para o pódio. Seu nome é Max. Ele envolve os dedos nos cantos do pódio e posso ver, mesmo de onde estou, que suas juntas estão feridas.

Eles aprendem a lutar na Audácia? Devem aprender.

— Bem vindos à Cerimônia da Escolha — Max diz, sua voz profunda preenchendo facilmente o salão. Ele não precisa do microfone; sua voz é alta o suficiente e forte o suficiente para penetrar meu crânio e se espalhar pelo meu cérebro. — Hoje vocês irão escolher suas facções. Até esse ponto, vocês têm seguido os caminhos de seus pais, as regras de seus pais. Hoje vocês irão encontrar seus próprios caminhos, suas próprias regras.

Quase posso ver meu pai pressionando seus lábios em desdenho por um discurso típico da Audácia. Eu conheço seus hábitos tão bem que quase os faço, mesmo que não compartilhe o mesmo sentimento. Eu não tenho nenhuma opinião em particular sobre a Audácia.

— Há um longo tempo, nossos ancestrais perceberam que cada um de nós, cada indivíduo, era responsável pelo mal que existe no mundo. Mas eles não concordaram em qual era exatamente esse mal — Max diz. — Alguns diziam que era a desonestidade...

Penso nas mentiras que contei, ano após ano, sobre esse machucado ou aquele corte, as mentiras por omissão que contei quando escondia os segredos de Marcus.

— Alguns diziam que era a ignorância, alguns a agressão...

Eu penso na paz dos pomares da Amizade, a liberdade que eu encontraria lá da violência e crueldade.

— Alguns diziam que o egoísmo era a causa.

*Isso é para o seu próprio bem*, era o que Marcus falava antes de o primeiro golpe me acertar. Como se me bater fosse um ato de autossacrifício. Como se o machucasse fazer aquilo. Bem, eu não o vi mancando na cozinha esta manhã.

— E o último grupo falou que a covardia era a culpada.

Alguns gritos se erguem da seção da Audácia, e o resto dos membros da Audácia riu. Penso no medo me engolindo na noite passada até que eu não pudesse sentir, até que eu não pudesse respirar. Penso nos anos que me transformaram em pó debaixo dos pés do meu pai.

— Foi assim que surgiram nossas facções: Franqueza, Erudição, Amizade, Abnegação e Audácia — Max sorri. — Nelas nós encontramos administradores, professores, conselheiros, líderes e protetores. Nelas nós encontramos nosso senso de pertencer a algo, nosso senso de comunidade, nossas próprias vidas — ele limpa a garganta. — Chega disso. Vamos começar. Venha para frente, pegue sua faca e faça sua escolha. Primeiramente, Gregory Zellner.

Parece que a dor deve me seguir da minha antiga vida para a nova, com a faca escavando minha palma. Mesmo assim, ainda nessa manhã eu não sabia que facção eu escolheria como refúgio. Gregory Zellner suspende sua mão em cima do vaso com terra, e escolhe a Amizade.

Amizade parece ser o caminho óbvio para um abrigo, com a sua vida pacífica, seus pomares com cheiro adocicado, a sua comunidade sorridente. Na Amizade eu encontraria o tipo de aceitação que desejei a minha vida inteira, e talvez, com o tempo, eu aprenderia a me sentir seguro comigo mesmo, confortável com quem eu sou.

Mas enquanto vejo as pessoas sentadas naquela seção, em suas roupas vermelhas e amarelas, eu só vejo um buraco, pessoas curadas, capazes de alegrar umas as outras, capazes de apoiar uma as outras. Elas são muito perfeitas, muito bondosas, para alguém como eu ser conduzido para seus braços por raiva e medo.

A cerimônia está indo rápido demais.

— Helena Rogers.

Ela escolhe a Franqueza.

Eu sei o que acontece na iniciação da Fraqueza. Escutei os sussurros sobre ela na escola um dia. Lá, eu teria que expor cada segredo, cavá-los com as minhas unhas. Eu teria que me esfolar vivo para me juntar à Franqueza. Não, eu não posso fazer isso.

— Frederick Lovelace.

Frederick Lovelace, vestido todo de azul, corta sua palma e deixa seu sangue cair na água cristalina da Erudição, tornando-a um profundo tom de rosa. Eu aprendo rápido o suficiente para o nível da Erudição, mas me conheço bem o suficiente para entender que sou muito instável e emocional para um lugar como esse. A facção me enforcaria, e o que eu quero é ser livre, não ser jogado em outra prisão.

Não demora muito tempo para que o nome da menina da Abnegação ao meu lado seja chamado.

— Anne Erasmus.

Anne — outra que nunca falou mais do que poucas palavras para mim — tropeça para a frente e anda pelo corredor até o pódio de Max. Ela aceita a faca com mãos trêmulas, corta sua palma e suspende a mão acima do vaso da Abnegação. É fácil para ela. Ela não tem do que fugir, apenas uma receptiva e bondosa comunidade a se juntar. E depois, ninguém da Abnegação se transferiu em anos. É a facção mais leal, em termos de estatísticas da Cerimônia da Escolha.

— Tobias Eaton.

Eu não me sinto nervoso enquanto caminho pelo corredor até os vasos, mesmo que ainda não tenha escolhido o meu lugar. Max me passa a faca, e eu enrolo meus dedos ao redor do cabo. É liso e frio, a lâmina limpa. Uma faca nova para cada pessoa, e uma nova escolha.

Enquanto ando para o centro do salão, para o meio dos recipientes, passo por Tori, a mulher que administrou meu teste de aptidão. *Você é o único que tem que viver com a sua escolha*, ela dissera. O seu cabelo está puxado para trás e posso ver uma tatuagem se rastejando pela sua clavícula até sua garganta. Seus olhos encaram os meus com uma força peculiar e eu encaro de volta, firme, quando tomo lugar entre os vasos.

Com que escolha eu posso viver? Nem Erudição ou Franqueza. Nem Abnegação, o lugar que estou tentando fugir. Nem Amizade, em que sou muito quebrado para pertencer.

A verdade é: eu quero que minha escolha enfie uma faca bem no coração do meu pai, para perfurá-lo com o tanto de dor, vergonha e decepção que seja possível.

Só há uma escolha que possa fazer isso.

Eu olho para ele e ele acena, e eu corto fundo a minha palma, tão fundo que a dor traz lágrimas aos meus olhos. Eu pisco para afastá-las e fecho minha mão em um punho para deixar que o sangue se acumule lá. Seus olhos são como os meus, um azul tão escuro que em uma luz como essa sempre parecem pretos, como covas no crânio. Minhas costas latejam e ardem, minha camisa de colarinho arranha a pele sensível ali, a pele onde ele usou aquele cinto.

Abro minha mão em cima das brasas. E sinto como se elas estivessem queimando meu estômago, me enchendo até o topo de fumaça e fogo.

Eu estou livre.

+ + +

Eu não escuto os gritos da Audácia; tudo o que ouço é um zumbido.

Minha nova facção é como uma criatura com muitos braços, que se estende em minha direção. Me movo para mais perto dela, e não ousa olhar para trás para ver o rosto do meu pai. Mãos dão palmadas nos meus braços, elogiando minha escolha, e eu caminho para a parte de trás do grupo, sangue escorrendo pelos meus dedos.

Fico com os outros iniciados, perto de um garoto de cabelos escuros da Erudição que me avalia e me despreza com um olhar. Eu não devo parecer muita coisa em minhas roupas cinza da Abnegação, alto e magro por conta do estirão de crescimento do ano passado. O corte em minha mão está jorrando, o sangue espirrando no chão e descendo pelo meu pulso. Enfiei a faca muito fundo.

Enquanto o último dos meus colegas faz sua escolha, aperto a barra da minha camisa larga da Abnegação entre os meus dedos e puxo. Rasgo uma tira de tecido da frente e a enrolo na mão para estancar o sangramento. Não precisarei mais dessas roupas.

Os membros da Audácia sentados na nossa frente ficam de pé assim que a última pessoa escolhe, e eles se apressam pelas portas, me carregando com eles. Eu me viro antes das portas, incapaz de me impedir, e vejo meu pai sentado na fileira da frente, com outros poucos membros da Abnegação misturados a ele. Ele parece chocado.

Eu sorrio um pouco. Eu fiz isso, coloquei aquela expressão em seu rosto. Eu não sou aquela criança perfeita da Abnegação, condenada a ser engolida por inteira pelo sistema e dissolvido na obscuridade. Ao invés disso, sou o primeiro da Abnegação a me transferir para a Audácia em mais de uma década.

Eu me viro e corro para alcançar os outros, não querendo ser deixado para trás. Antes de deixar o salão, desabotoo minha camisa rasgada e a deixo cair no chão. A camiseta cinza que estou vestindo por baixo ainda é larga, mas é mais escura, combina mais com as roupas pretas da Audácia.

Eles rompem pelas escadas, deixando as portas abertas, rindo, gritando. Eu sinto uma queimação nas minhas costas, ombros, pulmões e pernas e de repente não tenho certeza da escolha que fiz, das pessoas que reivindiquei. Eles são tão barulhentos e selvagens. Será que posso ter um lugar entre elas? Eu não sei.

Acho que não tenho escolha.

Eu me empurro pelas pessoas, procurando pelos meus colegas iniciados, mas eles parecem ter desaparecido. Movo-me para o lado do grupo, esperando ver um relance de onde

eles estão, e vejo os trilhos do trem suspensos na rua a nossa frente, em uma gaiola de treliças de madeira e metal. Os membros da Audácia sobem as escadas e se espalham pelas plataformas do trem. No pé das escadas, a multidão é tão densa que eu não consigo achar uma maneira de passar, mas sei que se eu não subir as escadas logo, posso perder o trem, então decido forçar caminho até lá. Tenho que cerrar os dentes para não me desculpar enquanto dou cotoveladas nas pessoas ao meu lado, e o ímpeto da multidão me empurra para cima.

— Você não corre tão mal assim — Tori diz enquanto dá um passo de lado para abrir caminho para mim na plataforma. — Pelo menos para um garoto da Abnegação.

— Obrigado.

— Você sabe o que vai acontecer depois, certo? — Ela vira e aponta para uma luz à distância, fixada na frente de um trem que está vindo. — Ele não vai parar. Só vai desacelerar um pouco. E se você não conseguir pular para dentro, isso é tudo para você. Sem facção. É fácil assim ficar de fora.

Eu aceno. Não estou surpreso que o processo de iniciação já tenha começado, que ele tenha começado no segundo em que deixamos a Cerimônia da Escolha. E eu não estou surpreso que os integrantes da Audácia esperem que eu prove a mim mesmo também. Observo o trem chegar mais perto – eu posso ouvi-lo agora, assobiando nos trilhos.

Ela sorri para mim.

— Você vai ficar perfeitamente bem aqui, não vai?

— O que te faz dizer isso?

Ela dá de ombros.

— Você me ataca como alguém que está pronto para lutar, só isso.

O trem chega até nós e os membros da Audácia começam a se agrupar. Tori corre até o limite e eu a sigo, copiando sua postura e movimentos enquanto ela se prepara para pular. Ela agarra a alça na borda da porta e desliza para dentro, então faço a mesma coisa, hesitando no começo, procurando me equilibrar e depois me puxando para dentro.

Mas estou despreparado para a virada do trem, e tropeço, batendo de cara na parede de metal. Eu aperto meu nariz, que está latejando.

— Sutil — comenta um dos membros da Audácia.

Ele é mais novo que Tori, com a pele escura e um sorriso fácil.

— Sutileza é para a Erudição — Tori diz. — Ele conseguiu entrar no trem, Amar, é isso o que conta.

— Era para ele estar no outro vagão, contudo. Com os outros iniciados — Amar diz.

Ele me olha, mas não da forma que o transferido da Erudição me olhou minutos atrás. Ele parece mais curioso do que qualquer outra coisa, como se eu fosse uma peculiaridade que ele precisa examinar cuidadosamente para entender.

— Se ele é seu amigo, tudo bem. Qual é o seu nome, Careta?

O nome está na minha boca no segundo em que ele pergunta, e estou prestes a responder como sempre respondo, que me chamo Tobias Eaton. Deveria ser natural, mas nesse momento mal posso dizer meu nome em voz alta, não aqui, entre as pessoas que eu espero que sejam meus novos amigos, minha nova família. Eu não posso – eu não vou – mais ser o filho de Marcus Eaton.

— Por mim você pode me chamar de Careta — respondo, tentando adotar o tom da Audácia que só ouvi em corredores e salas de aula até agora.

Vento entra pelo vagão enquanto ele pega velocidade, é barulhento, rugindo nos meus ouvidos.

Tori me olha de um jeito estranho, e por um momento temo que ela diga meu nome para Amar, que tenho certeza de que ela se lembra pelo meu teste de aptidão. Mas ela só acena fracamente, e aliviado, me volto para a porta, minha mão ainda agarrada à alça.

Nunca me ocorreu antes que eu podia recusar falar o meu nome, ou que eu podia dar um nome falso, construir uma nova identidade para mim mesmo. Eu estou livre aqui, livre para atacar pessoas, livre para rejeitá-las e livre até para mentir.

Vejo a rua entre as barras de madeira que suportam os trilhos do trem, apenas uma história entre nós. Mas mais para frente, os velhos trilhos dão espaço para os novos, e a plataforma vai mais alto, se envolvendo nos tetos de prédios. A subida ocorre gradualmente, de modo que eu não a teria percebido se não estivesse olhando para o chão enquanto nós viajávamos para mais distante dele, para mais perto do céu.

O medo faz minhas pernas ficar fracas, então eu me afasto do vão da porta e me agacho contra em uma parede enquanto espero que cheguemos aonde quer que nós estejamos indo.

+ + +

Eu continuo naquela posição – agachado na parede, minha cabeça nas mãos – quando Amar me cutuca com o pé.

— Levante-se, Careta — ele diz, sem ser muito rude. — Está quase na hora de pular.

— Pular? — pergunto.

— É — ele sorri. — Esse trem não para pra ninguém.

Eu fico de pé. O tecido que enrolei em volta da minha mão está ensopado de vermelho. Tori está logo atrás de mim e me empurra até o vão da porta.

— Deixem o iniciado pular primeiro! — Ela grita.

— O que você está fazendo? — Eu demando, olhando de forma carrancuda para ela.

— Estou te fazendo um favor! — ela responde, e me empurra contra a porta de novo.

Os outros membros da Audácia dão um passo atrás, cada um deles sorrindo para mim como se eu fosse sua refeição. Eu me balanço na porta, segurando a alça com tanta força que as pontas dos meus dedos começam a ficar dormentes. Eu vejo onde tenho que pular – logo a frente, os trilhos abraçam o telhado de um edifício e depois dão a volta. O vão parece pequeno daqui, mas enquanto o trem chega mais perto, parece cada vez maior, e minha morte iminente parece cada vez mais provável.

Meu corpo inteiro treme enquanto os membros da Audácia do vagão da frente pulam. Nenhum deles erra o telhado, mas isso não significa que eu não serei o primeiro. Solto meus dedos da alça, olho para o telhado e me impulsiono o mais forte que consigo.

O impacto me faz estremecer, e eu caio para frente apoiados nas mãos e joelhos, o cascalho do telhado entrando em minha mão machucada. Eu olho para os meus dedos. Sinto como se o tempo tivesse me enganado, que o pulo de verdade desapareceu da vista e da memória.

— Droga — alguém atrás de mim diz. — Eu estava esperando que nós fôssemos raspar uma panqueca de Careta do pavimento mais tarde.

Olho para o chão e sento nos meus calcanhares. O teto está inclinando e balançando debaixo de mim – eu não sabia que uma pessoa podia ficar tonta de medo.

Mesmo assim, sei que passei por apenas dois testes de iniciação: eu subi em um trem em movimento, e consegui pular no telhado. Agora a questão é, como os membros da Audácia descem do telhado?

Um momento depois Amar pisa na borda, e tenho a minha resposta: eles vão nos fazer pular.

Fecho meus olhos e finjo que não estou aqui, ajoelhado no cascalho com essas pessoas tatuadas insanas ao meu redor. Eu vim aqui para escapar, mas isso não é uma escapatória, é só uma forma diferente de tortura e já é tarde para escapar. Minha única esperança então, é sobreviver a isto.

— Bem-vindos a Audácia! — Amar grita. — Onde ou você enfrenta seus medos e tenta não morrer no processo ou vai embora como um covarde. Nós temos um recorde mínimo de transferidos este ano, sem surpresas.

Os membros da Audácia ao redor de Amar socam o ar e gritam, carregando o fato de que ninguém quer se juntar a eles como uma bandeira de orgulho.

— A única maneira de entrar no complexo da Audácia a partir deste telhado é pulando da borda — Amar diz, abrindo os braços vastamente para indicar o espaço vazio em volta dele.

Ele se inclina para trás em seus pés e balança os braços, como se estivesse prestes a cair, depois se equilibra e sorri. Eu respiro fundo pelo meu nariz e seguro a respiração.

— Como sempre, ofereço a oportunidade de ir primeiro aos nossos iniciados, nascidos na Audácia ou não — ele desce da borda do telhado e faz um gesto para ele, com as sobancelhas levantadas.

O grupo de jovens da Audácia perto do telhado troca olhares. Perto da borda está o garoto da Erudição, uma menina da Amizade, dois garotos e uma garota da Franqueza. Há apenas seis de nós.

Um dos iniciados da Audácia dá um passo a frente, um garoto de pele escura que pede aplausos dos seus amigos com as mãos.

— Vai, Zeke! — uma das garotas grita.

Zeke salta para a borda, mas não calcula o salto direito e tropeça para a frente de imediato, perdendo seu balanço. Ele grita algo ininteligível e desaparece. A garota da Franqueza que está ali perto arqueja, cobrindo a boca com a mão, mas o amigo da Audácia de Zeke desata a rir. Não acho que aquele fosse o momento dramático e heroico que ele tinha em mente.

Amar, sorrindo, faz um gesto para a borda de novo. Os nascidos na Audácia fazem uma fila atrás dela, assim como o garoto da Erudição e a garota da Amizade. Eu sei que tenho que me juntar a eles, que tenho que pular, não importa como eu me sinta sobre isso. Entro na fila, rígido, como se minhas articulações fossem parafusos enferrujados. Amar olha para seu relógio e autoriza um salto a cada trinta segundos.

A fila está encolhendo, dissolvendo.

De repente ela acaba, e eu sou tudo o que resta. Piso na borda e espero pela autorização de Amar. O sol está se pondo por trás dos edifícios na distância, seus traços irregulares desconhecidos por este ângulo. A luz brilha dourada perto do horizonte, e o vento passa pelo lado do edifício, levantando minhas roupas do meu corpo.

— Vá em frente — Amar diz.

Eu fecho meus olhos e estou congelado; não poso nem me empurrar do telhado. Tudo o que eu consigo fazer é me inclinar e cair. Meu estômago congela e meus membros tateiam o ar buscando por algo, alguma coisa para me segurar, mas há apenas o nada, apenas a queda, o ar, a busca frenética pelo chão.

E então eu caio sobre a rede.

Ela se enrola em volta de mim, me prendendo em fios fortes. Mãos buscam por mim nas beiradas. Prendo meus dedos na rede e me empurro na direção deles. Caio de pé em uma plataforma de madeira, e um homem com a pele marrom escura e articulações feridas sorri para mim. Max.

— O Careta! — ele me dá uma palmada nas costas, fazendo com que eu recue. — Bom ver que você conseguiu vir até aqui. Vá se juntar aos seus amigos iniciados. Amar estará lá em um segundo, tenho certeza.

Atrás dele está um túnel escuro com paredes de pedra. O complexo da Audácia é subterrâneo — eu pensei que seria pendurado em um prédio alto com uma série de cordas frágeis segurando, uma manifestação dos meus piores pesadelos.

Tento descer os degraus e ir para onde estão os outros transferidos. Minhas pernas parecem estar funcionando de novo. A garota da Amizade sorri para mim.

— Aquilo foi surpreendentemente divertido — diz ela. — Me chamo Mia. Você está bem?

— Parece que ele está tentando não vomitar — um dos garotos da Franqueza diz.

— Só coloque para fora, cara — o outro garoto da Franqueza adiciona. — Nós adoraríamos ver um showzinho.

Minha resposta vem do nada:

— Cale a boca — eu repreendo.

Para minha surpresa, eles se calam. Acho que nunca alguém da Abnegação os mandou ficar quietos.

Poucos segundos depois, vejo Amar rolando pela borda da rede. Ele desce os degraus, selvagem, amarrotado e pronto para o próximo surto de insanidade. Ele acena para que todos

os iniciados cheguem para mais perto dele, e nós fechamos a entrada da abertura do túnel em um semicírculo.

Amar junta suas mãos em sua frente.

— Meu nome é Amar — ele diz. — Eu sou o seu instrutor da iniciação. Eu cresci aqui, e três anos atrás, passei pela iniciação sem dificuldades, o que significa que fico encarregado dos novatos até quando eu quiser. Sorte de vocês. Nascidos na Audácia e transferidos fazem a maior parte dos treinos físicos separadamente, assim os nascidos na Audácia não quebram os transferidos ao meio imediatamente — ao ouvir isso, os nascidos na Audácia do outro lado do semicírculo sorriem. — Mas nós estamos tentando algo diferente este ano. Os líderes da Audácia e eu queremos ver se sabendo dos seus medos antes de começarem a treinar irá prepará-los melhor para o resto da iniciação. Então, antes mesmo de nós os deixarmos ir para o refeitório para jantar, faremos alguns autodescobrimentos. Sigam-me.

— E se eu não quiser me descobrir? — Zeke pergunta.

Tudo o que Amar tem que fazer é olhar para ele para que ele volte para o grupo dos nascidos na Audácia de novo. Amar é não é como ninguém que eu já tenha conhecido — amável em um minuto e severo em outro, e às vezes os dois ao mesmo tempo.

Ele lidera o caminho pelo túnel, depois para em uma porta construída na parede e a empurra aberta com o ombro. Nós o seguimos por uma sala fria e úmida com uma enorme janela na parede de trás. Em cima de nós as luzes fluorescentes piscam e estremecem, e Amar se ocupa com uma máquina que se parece muito com a usada para administrar meu teste de aptidão. Eu escuto um som de gotas — o teto está pingando em uma poça de água no canto.

Outra sala grande e vazia se estende além da janela. Há câmeras em cada canto — será que há câmeras em todo o complexo da Audácia?

— Essa é a sala da paisagem do medo — Amar anuncia olhando para nós. — A paisagem do medo é onde vocês enfrentarão seus piores medos.

Organizada sobre a mesa perto da máquina está uma fileira de seringas. Elas parecem sinistras para mim à luz bruxuleante, poderiam muito bem ser instrumentos de tortura, facas, lâminas e atizadores quentes.

— Como isso é possível? — O garoto da Erudição pergunta. — Você não conhece nossos piores medos.

— Eric, certo? — Amar indaga. — Você está correto, eu não conheço seus piores medos, mas o soro que vou injetar em vocês vai estimular as partes do seu cérebro que processam o medo e você mesmo irá construir os obstáculos. Nessa simulação, ao contrário da simulação do teste de aptidão, você estará consciente de que o que você vê não é real. Enquanto isso, eu estarei nesta sala, controlando a simulação, e irei autorizar que o programa ligado ao soro de simulação passe para o próximo obstáculo quando o seu coração atingir um certo nível — uma vez que você se acalme, em outras palavras, ou enfrente seus medos de um modo significativo. Quando você ultrapassa todos os seus medos, o programa vai terminar e você vai “acordar” naquela sala de novo com uma grande consciência dos seus próprios medos.

Ele pega uma faz seringas e acena para Eric.

— Permita-me saciar a curiosidade da Erudição — ele diz — você vai primeiro.

— Mas...

— Mas — Amar interrompe suavemente — eu sou o seu instrutor da iniciação, e acho que é do seu interesse fazer exatamente o que eu estou falando.

Eric fica parado por um momento, e depois tira sua jaqueta azul, dobra ao meio e a pendura nas costas da cadeira. Seus movimentos são demorados e calculados — designados, eu suspeito, a irritar Amar o quanto for possível. Eric se aproxima de Amar, que enfia a agulha quase selvagemmente na lateral do pescoço de Eric. Depois ele leva Eric para a sala ao lado.

Uma vez que Eric está em pé no meio da sala e atrás do vidro, Amar prende eletrodos ligados à máquina de simulação em si mesmo e pressiona algo na tela do computador para iniciar o programa.

Eric continua parado, suas mãos ao lado do corpo. Ele olha para nós pelo vidro, e um momento depois, mesmo que ele não tenha se movido, parece que está olhando para outra coisa, como se a simulação tivesse começado. Mas ele não grita, se debate ou chora como eu

esperava de alguém que estivesse encarando seu pior medo. O ritmo do seu coração marcado no monitor a frente de Amar acelera cada vez mais, como um pássaro alçando voo.

Ele está com medo. Ele está com medo, mas não está se movendo.

— O que está acontecendo? — Mia me pergunta. — O soro está funcionando?

Eu aceno.

Observo Eric inspirar e expirar pelo nariz. Seu corpo balança, estremece, como se o chão estivesse ribombando debaixo de seus pés, mas sua respiração é lenta e constante, seus músculos contraindo e relaxando a cada segundo, como se ele continuasse se contraindo por acidente e depois corrigindo seu erro. Observo o ritmo do seu coração no monitor na frente de Amar, observo-o desacelerar cada vez mais até que Amar toca a tela, forçando o programa a seguir em frente.

Isso acontece de novo e de novo a cada medo. Eu conto os medos enquanto eles passam em silêncio. Eles devem significar que o que estou sentindo é certo – que Eric é alguém que vale a pena ficar de olho. Talvez até alguém para se ter medo.

+ + +

Por mais de uma hora eu observo os outros iniciados enfrentarem seus medos, pulando, correndo, apontando armas, e em alguns casos, deitando de bruços no chão, soluçando. Algumas vezes tenho uma ideia do que eles estão vendo, dos arrepiantes e assustadores medos que os torturam, mas na maioria das vezes os vilões que eles estão enfrentando são privados, conhecidos apenas por eles e Amar.

Eu fico perto dos fundos da sala, me encolhendo cada vez que ele chama a próxima pessoa. Mas então eu sou o último que resta na sala, e Mia está terminando, tirada da sua paisagem do medo quando ela fica agachada encostada na parede, com a cabeça entre as mãos. Ela se levanta com uma aparência devastada e sai da sala sem esperar Amar dispensá-la. Ele olha para a última seringa na mesa e depois para mim.

— Só eu e você, Careta — ele fala. — Venha, vamos acabar logo com isso.

Eu fico na frente dele. Quase não sinto a agulha entrar em minha pele; eu nunca tive problemas com injeções, embora alguns dos outros iniciados tenham ficado com os olhos cheios de lágrimas depois da injeção. Ando para a próxima sala e olho para a janela que parece com um espelho deste lado. No momento antes de o soro da simulação fazer efeito, posso me ver da forma que os outros me viram, desengonçado e afundado em minhas roupas cinza, alto, magro e sangrando. Eu tento me endireitar, e fico surpreso pela diferença que isso faz, surpreso pela sombra de alguém forte que vejo em mim mesmo logo antes de a sala desaparecer.

Imagens enchem o espaço em pedaços, o céu da nossa cidade, o buraco na calçada, sete andares abaixo de mim, a linha da borda debaixo dos meus pés. Vento sopra pelo lado do edifício, mais forte do que quando eu estava aqui na vida real, balançando minhas roupas com tanto vigor que elas estalam, e me tiram o equilíbrio. Depois o edifício cresce comigo no topo dele, me movendo para cada vez mais longe do chão. O buraco se fecha e o chão duro o cobre.

Eu recuo da borda, mas o vento não me deixa andar para trás. Meu coração batendo cada vez mais rápido enquanto confronto a realidade do que eu tenho que fazer; eu tenho que pular de novo, desta vez sem confiar que não haverá dor quando eu bater com força no chão.

Uma panqueca de Careta.

Eu balanço as mãos, fecho meus olhos com força e solto um grito entre dentes. Depois sigo a força do vento e caio rápido. Eu atinjo o chão.

Uma dor lancinante passa por mim, só por um segundo.

Eu fico de pé, tirando a poeira da minha bochecha, e espero pelo próximo obstáculo. Eu não tenho ideia do que vai ser. Nunca passei muito tempo pensando em meus medos, ou até o que significaria estar livre do medo, dominá-lo. Ocorre-me que, sem medo, eu poderia ser forte, poderoso, incontrolável. A ideia me seduz só por um segundo antes de algo acertar minhas costas com força.

E depois algo acerta meu lado esquerdo, depois o direito, e estou fechado em uma caixa grande o suficiente somente para o meu corpo. Primeiramente, o choque me impede de entrar em pânico, depois eu respiro e olho para a escuridão vazia, e me espremo cada vez mais. Eu não consigo mais respirar. Eu não consigo respirar.

Mordo meu lábio para me impedir de soluçar – eu não quero que Amar me veja chorar, não quero que ele diga para os membros da Audácia que eu sou covarde. Tenho que pensar, não consigo pensar por conta da asfixia dentro desta caixa. A parede contra as minhas costas aqui é a mesma que carrego na memória, de quando eu era mais novo, trancado na escuridão do vestibulo do andar de cima como uma punição. Eu nunca tive certeza de quando ia terminar, quantas horas eu ficaria preso lá com monstros imaginários me aterrorizando no escuro, com o som dos soluços de minha mãe vazando pelas paredes.

Bato minha mão na parede na minha frente, de novo e de novo, depois a arranho, ainda que os estilhaços machuquem a pele debaixo das minhas unhas. Coloco meus braços para cima e bato na caixa com toda a força do meu corpo, repetidamente, fechando meus olhos, assim posso fingir que não estou aqui, não estou aqui. Me deixa sair, me deixa sair, me deixa sair, me deixa sair.

— Pense, Careta! — uma voz grita, e eu fico parado.

Eu lembro que isso é uma simulação.

Pense. Do que eu preciso para sair desta caixa? Eu preciso de uma ferramenta, alguma coisa mais forte do que eu. Cutuco algo com os meus pés e me abaixo para pegar. Mas quando abaixo, a parte de cima da caixa desce, e eu não posso me endireitar de novo. Engulo um grito e acho a ponta afiada de um pé-de-cabra com os meus dedos. Encosto a ferramenta na borda que se forma no canto esquerdo da caixa e empurro o mais forte que posso.

Todas as bordas pulam de uma vez e eu caio no chão. Respiro ar fresco, aliviado.

E então uma mulher aparece na minha frente. Eu não reconheço seu rosto, suas roupas são brancas, não pertencentes a nenhuma facção. Eu me movo em sua direção, e uma mesa aparece na minha frente, com uma arma carregada em cima dela. Eu franzo a testa.

Isso é um medo?

— Quem é você? — pergunto a ela, e ela não me responde.

Eu percebo o que tenho que fazer – carregar a arma e atirar. Pavor cresce dentro de mim, mais forte que qualquer medo. Minha boca fica seca, e vou na direção da bala e da arma. Eu nunca segurei uma arma antes, então demoro alguns segundos para perceber como abrir o carregador do revólver. Naqueles segundos penso na luz deixando seus olhos, essa mulher que não conheço, não conheço o suficiente para me importar com ela.

Eu estou com medo –estou com medo do que me será pedido para fazer na Audácia, do que eu vou querer fazer. Com medo de algum tipo de violência escondida dentro de mim, moldada pelo meu pai e pelos anos de silêncio que minha facção me impôs.

Deslizo a bala pelo carregador, e depois seguro a arma com as duas mãos, o corte em minha mão latejando. Eu olho para o rosto da mulher. Seu lábio inferior estremece e seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Me desculpe — eu falo, e aperto o gatilho.

Vejo o buraco escuro que a bala criou no seu corpo e ela cai no chão, evaporando em uma nuvem de poeira.

Mas o pavor não vai embora. Eu sei que algo está por vir; posso sentir isso crescer dentro de mim. Marcus ainda não apareceu, e ele vai aparecer, eu sei disso com a mesma certeza que sei meu próprio nome. Nosso nome.

Um círculo de luz me envolve e no seu limite vejo um par de sapatos cinza caminhando. Marcus Eaton dá um passo para dentro da luz, mas não o Marcus Eaton que conheço. Esse tem covas no lugar onde seriam seus olhos e um buraco escuro onde seria sua boca.

Outro Marcus Eaton está ao seu lado, e devagar, por todo o círculo, cada vez mais versões monstruosas de meu pai dão um passo para frente para me cercar, suas bocas abertas e sem dentes, as cabeças se virando em ângulos estranhos. Eu fecho minhas mãos em punho. Isso não é real. Obviamente não é real.

O primeiro Marcus desfivelava seu cinto e o deslizava para fora de sua calça, assim como todos os outros Marcus. Enquanto eles fazem isso, os cintos se transformam em cordas de metal, com as pontas farpadas. Eles arrastam seus cintos no chão, suas línguas oleosas deslizando pelos cantos de suas bocas escuras. De uma vez, eles erguem os cintos para trás e eu grito a plenos pulmões, enrolando os braços ao redor da minha cabeça.

— Isso é para o seu próprio bem — os Marcus falam em vozes metálicas e sincronizadas, como um coral.

Eu sinto a dor me dilacerando, rasgando, retalhando. Caio de joelhos e aperto meus braços nas orelhas como se eles pudessem me proteger, mas nada pode me proteger, nada. Eu grito de novo e de novo, mas a dor continua, assim como a sua voz.

— Eu não aceito comportamento autoindulgente na minha casa! Eu não criei um filho mentiroso!

Eu não consigo ouvir, eu não vou ouvir.

Uma imagem da escultura que minha mãe me deu aparece na minha mente, espontaneamente. Eu a vejo onde a coloquei em minha mesa, e a dor começa a retroceder. Foco todos os meus pensamentos nela e nos outros objetos espalhados pelo meu quarto, quebrados, a tampa do meu baú solto de suas dobradiças. Eu me lembro das mãos da minha mãe, com seus dedos esguios, trancando o baú e me dando a chave.

As vozes desaparecem uma por uma, até que não sobra nenhuma.

Deixo meus braços caírem no chão, esperando pelo próximo obstáculo. Minhas juntas arranhadas pelo chão de pedra, que está frio e sujo de poeira. Ouço passos e me preparo para o que está vindo, mas então escuto a voz de Amar.

— O que é isso? — ele pergunta. — Isso é tudo? Meu Deus, Careta.

Ele para perto de mim e me oferece sua mão. Eu a seguro e deixo que ele me ponha de pé. Eu não olho para ele. Não quero ver sua expressão. Não quero que ele saiba o que sabe, não quero virar o iniciado patético com a infância turbulenta.

— Nós deveríamos arranjar um novo nome para você — ele fala casualmente. — Alguma coisa mais forte que “Careta”. Como “Matador” ou algo do tipo.

Com isso, eu olho para ele. Ele está sorrindo um pouco. Vejo um pouco de pena naquele sorriso, mas não tanto quanto pensei que eu veria.

— Se eu fosse você, não iria querer dizer meu nome também — ele observa. — Vamos lá, vamos comer alguma coisa.

+ + +

Amar me leva para a mesa dos iniciados uma vez que chegamos ao refeitório. Há alguns membros da Audácia sentados nas mesas ao redor, olhando para o outro lado do refeitório, onde chefes tatuados e com piercing ainda continuam servindo comida. O refeitório é uma caverna iluminada por lâmpadas azuis esbranquiçadas, formando um brilho estranho.

Eu sento em uma das cadeiras vazias.

— Meu Deus, Careta. Você parece que está quase desmaiando — Eric diz, e um dos garotos da Franqueza sorri.

— Você todos saíram de lá vivos — Amar fala. — Parabéns. Vocês passaram pelo primeiro dia de iniciação com diferentes graus de sucesso — ele olha para Eric. — Entretanto, nenhum de vocês foi tão bem como o Quatro aqui.

Ele aponta para mim enquanto fala. Eu franzo a testa — Quatro? Ele está falando dos meus medos?

— Ei, Tori — Amar chama por cima de seu ombro — você já ouviu de alguém que só teve quatro medos em sua paisagem do medo?

— A última vez que ouvi, o recorde era sete ou oito. Por quê? — Tori pergunta.

— Eu tenho um transferido aqui com apenas quatro medos.

Tori aponta para mim e Amar acena.

— Esse vai ser um novo recorde — Tori fala.

— Muito bem — Amar fala para mim.

E então ele se vira e vai para a mesa de Tori.

Todos os outros iniciados olham para mim, os olhos arregalados e quietos. Antes da paisagem do medo eu era apenas alguém em que eles podiam pisar em seu caminho para ser um membro da Audácia. Agora eu era como Eric – alguém que valia a pena ficar de olho, talvez até alguém para se ter medo.

Amar me deu mais que um nome. Me deu poder.

— Qual é o seu verdadeiro nome mesmo? Começa com um E...? — Eric me pergunta, estreitando seus olhos.

Como se ele soubesse de algo, mas não tivesse certeza se agora era hora de compartilhar.

Os outros talvez lembrem meu nome também, vagamente, da Cerimônia de Escolha, da mesma forma que eu lembro os dele – só letras em um alfabeto, perdidos em uma neblina de nervos enquanto eu antecipava a minha escolha. Se eu confundir suas memórias agora, o mais forte que conseguir, me tornar tão memorável quanto possível, talvez eu consiga me salvar.

Eu hesito por um momento, depois coloco meus cotovelos na mesa e levanto minhas sobrelanceiras para ele.

— Meu nome é Quatro — eu digo. — Me chame de Careta de novo e nós teremos um problema.

Ele revira os olhos, mas sei que deixei bem claro. Eu tenho um novo nome, o que significa que posso ser uma nova pessoa. Alguém que não se deixa levar pelos comentários dos sabichões da Erudição. Alguém que não pode ser diminuído.

Alguém que está pronto para lutar.

Quatro.

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
VERONICA ROTH



# FOUR THE INITIATE

A  
DIVERGENT  
STORY



## A iniciação

A sala de treinamento cheira a esforço, suor, poeira e sapatos. Toda vez que meu punho acerta o saco de pancadas, meus dedos, que já estão feridos por conta de uma semana de lutas na Audácia, ardem.

— Percebo que viu o quadro de avisos — Amar diz, encostado no batente da porta. Ele cruza os braços. — E percebeu que vai lutar contra Eric amanhã. Ou então você estaria em sua paisagem do medo ao invés de treinando aqui.

— Eu venho para cá também — eu respondo, e me afasto do saco de pancadas, sacudindo os braços. Às vezes eu aperto minhas mãos com tanta força que começo a perder a sensibilidade nos dedos.

Eu quase perdi minha luta contra a garota da Amizade, Mia. Eu não sabia como vencê-la sem bater nela, e eu não podia bater nela — pelo menos, não até ela quase me estrangular e minha visão começar a ficar escura. Meus instintos tomaram conta de mim, e com apenas uma cotovelada forte na mandíbula ela caiu. Sinto a culpa se remexendo dentro de mim quando penso nisso.

Eu quase perdi a segunda luta também, contra o maior garoto da Franqueza, Sean. Eu o desgastei, levantando-me toda vez que ele pensava que havia me vencido. Ele não sabia que passar pela dor era um dos meus velhos hábitos — aprendi cedo, como chupar o dedo, ou segurar o garfo com a mão esquerda ao invés da direita. Agora meu rosto está cheio de feridas e cortes, mas eu me provei.

Amanhã meu oponente é Eric. Vencê-lo custará mais do que um movimento inteligente, ou persistência. Serão necessárias habilidades que não tenho, força que não possuo.

— É, eu sei. — Amar ri. — Olha, eu passo um bom tempo tentando entender qual é a sua, então eu saí perguntando por aí. E acabou que você está aqui toda manhã e na sala da paisagem do medo toda noite. Você nunca passa um tempo com outros iniciados. Você está sempre exausto e dorme como um morto.

Uma gota de suor rola por trás da minha orelha. Eu a seco com os meus dedos enfaixados, depois passo o braço pela minha testa.

— Se juntar a uma facção é mais do que passar pela iniciação, sabia? — Amar diz, e puxa a corrente que segura o saco de pancadas, testando a resistência. — A maioria dos que estão na Audácia conhecem seus melhores amigos durante a iniciação, seus namorados, ou namoradas, que seja. Inimigos também. Mas você parece determinado a não ter nenhuma dessas coisas.

Eu vi os outros iniciados juntos, fazendo piercings e aparecendo no treinamento com narizes, orelhas e lábios vermelhos e inchados, ou construindo torres de comida na mesa de café da manhã. Nunca me ocorreu que eu poderia ser um deles, ou que eu deveria tentar ser um.

Dou de ombros.

— Estou acostumado a ficar sozinho.

— Bem, acho que você está prestes a explodir, e eu realmente não quero estar lá quando isso acontecer — ele comenta. — Vamos lá, a galera está planejando um joguinho hoje à noite. Um jogo da Audácia.

Seguro a faixa que cobre um dos meus dedos. Eu não deveria sair e jogar. Eu deveria ficar aqui e treinar, e depois dormir, para estar pronto para lutar amanhã.

Mas aquela voz, aquela que diz “deveria”, agora parece com a voz do meu pai, me dizendo para me comportar, para me isolar. E eu vim aqui porque estava pronto para parar de escutar aquela voz.

— Não estou te oferecendo um status na Audácia por nenhum motivo em particular além de me sentir mal por você — ele ressalta.

— Tá — eu digo. — Qual é o jogo?

Amar apenas sorri.

— O jogo se chama Desafio. — Uma garota da Audácia, Lauren, está se segurando na barra lateral do vagão do trem, mas ela fica se balançando, quase caindo, depois ri e se equilibra de novo, como se o trem não estivesse dois andares acima da rua, como se ela não fosse quebrar o pescoço se caísse. Na sua mão livre está um frasco prateado. Isso explica muita coisa. Ela balança a cabeça. — A primeira pessoa escolhe alguém e a desafia a fazer alguma coisa. Depois a pessoa toma um gole da bebida, completa o desafio e tem a chance de desafiar outra pessoa a fazer alguma coisa. E quando todo mundo tiver completado seu desafio, ou morrido tentando, a gente fica um pouco bêbado e vai pra casa.

— Como se ganha? — um dos Audaciosos grita do outro lado do vagão. Um garoto que está sentado encostado em Amar, como se eles fossem velhos amigos, ou irmãos.

Eu não sou o único iniciado aqui.

Sentado de frente pra mim está Zeke, o primeiro a pular e uma garota com cabelos castanhos, uma faixa na testa cobrindo um corte e um piercing no lábio. Os outros são mais velhos, todos membros da Audácia. Eles têm um tipo de intimidade, se encostando, dando socos nos ombros e puxando o cabelo uns dos outros. É um tipo de companheirismo, amizade e flerte, e nada disso é familiar para mim. Eu tento relaxar, enrolando os braços em meus joelhos.

Eu realmente sou um Careta.

— Você ganha não sendo uma menininha — Lauren diz. — E, olha, nova regra, você também não ganha fazendo perguntas estúpidas.

— Como sou a dona do álcool, eu vou primeiro — ela acrescenta. — Amar, eu te desafio a ir na livraria da Erudição enquanto todos os Testas estiverem estudando e gritar algo obsceno.

Ela passa o frasco para ele. Todo mundo brinda enquanto Amar tira a tampa e dá um gole em qualquer que seja o licor que está ali dentro.

— Só me diga quando a gente chegar na parada certa! — ele grita.

Zeke acena com a mão para mim.

— Ei, você é o transferido, não é?! Quatro?

— Sou — eu respondo. — Belo primeiro pulo.

Eu percebo, tarde demais, que talvez seja um tipo de ponto fraco para ele — seu momento de triunfo, roubado por um passo em falso e a perda de equilíbrio. Mas ele apenas ri.

— É, não foi o meu melhor momento — ele diz.

— Não é como se outra pessoa tivesse tido a iniciativa como você — a garota ao lado dele diz.

— Meu nome é Shauna, aliás. É verdade que você só tem quatro medos?

— Por isso o nome — eu digo.

— Uau — ela concorda com a cabeça. Ela parece impressionada, o que me faz arrumar minha postura. — Acho que você nasceu pra estar na Audácia.

Eu dou de ombros, como se o que ela acabou de falar talvez fosse verdade, mesmo que eu saiba que não. Ela não sabe que eu vim para cá para escapar da vida que era predestinada pra mim, que estou lutando tanto para passar pela iniciação para que eu não tenha que admitir que sou um impostor. Nascido na Abnegação, com resultado da Abnegação, refugiado na Audácia.

Os cantos da sua boca viram para baixo, ela parece triste com alguma coisa, mas não pergunto o motivo.

— Como estão indo suas lutas? — Zeke me pergunta.

— Bem — eu respondo. Aponto para o meu rosto machucado. — Como você pode claramente ver.

— Olha só — Zeke vira a cabeça me mostrando um grande arranhão na parte de baixo da sua mandíbula. — Graças a essa garota aqui. — Ele aponta para Shauna com o dedo.

— Ele me venceu — Shauna diz. — Mas eu tive uma boa chance, pelo menos uma vez. Eu continuo perdendo.

— Não te incomoda o fato de ele ter batido em você? — pergunto.

— E por que incomodaria? — Ela pergunta.

— Não sei — eu digo. — Porque... porque você é uma garota, talvez?

Ela levanta as sobrancelhas.

— O que, você acha que eu não consigo aguentar como qualquer outro iniciado, só porque tenho partes femininas?

Ela aponta para seus seios, e eu me pego encarando, só por um segundo, antes de lembrar de olhar para o lado, meu rosto queimando.

— Desculpe — eu digo. — Não foi o que eu quis dizer. Só não estou acostumado a isso. A nada disso.

— Claro, eu entendo — ela responde, e não parece estar com raiva. — Mas você deveria saber que para a Audácia esse negócio de garota ou garoto não importa. O que importa é o que você tem no seu interior.

Então Amar se levanta, colocando as mãos no quadril de uma forma dramática, e marcha para o vão de entrada do vagão. O trem mergulha para baixo e Amar nem se segura em nada, ele só se embala com o movimento do vagão. Todo mundo fica de pé, e Amar é o primeiro a pular, lançando-se na noite. Os outros pulam atrás dele, e eu deixo as pessoas me empurrarem para o vão. Eu não estou com medo da velocidade do trem, só da altura, mas aqui o trem está perto do chão, então quando pulo, faço-o sem medo. Eu aterrisso nos dois pés, correndo alguns passos antes de conseguir parar.

— Olhe só pra você, ficando acostumado com o trem — Amar diz, me dando uma cotovelada.

— Aqui, tome um gole. Você parece estar precisando.

Ele ergue o frasco.

Eu nunca provei álcool antes. A Abnegação não bebe, então não era nem disponível lá. Mas eu já tinha visto quão confortável ele deixa as pessoas, e eu queria desesperadamente sentir como se eu não estivesse preso em uma pele apertada demais para mim, então eu não hesitei: peguei o frasco e bebi.

O álcool queimou e tinha gosto de remédio, mas descia rápido, me deixando aquecido.

— Bom trabalho — Amar fala e ele vai até Zeke, colocando o braço ao redor do pescoço dele e puxando a cabeça dele para seu peito. — Vi que você conheceu meu jovem amigo Ezekiel.

— Só porque minha mãe me chama assim, não significa que você tem que chamar também — Zeke diz, empurrando Amar. Ele olha pra mim. — Os avós de Amar eram amigos dos meus pais.

— Eram?

— Bem, meu pai está morto, assim como os avós dele — Zeke responde.

— E os seus pais? — pergunto a Amar.

Ele dá de ombros.

— Morreram quando eu era novo. Acidente de trem. Muito triste. — Ele sorri, como se não fosse triste.

— E meus avós saltaram logo depois de eu virar um membro oficial da Audácia — ele faz um gesto indiferente com a mão, sugerindo um mergulho.

— Saltaram?

— Ai, não conte para ele enquanto eu estiver aqui — Zeke diz, balançando a cabeça. — Eu não quero ver o olhar no rosto dele.

Amar não presta atenção.

— Os membros mais velhos da Audácia às vezes saltam para o desconhecido abismo quando atingem uma certa idade. É isso ou virar um sem facção — Amar explica. — E meu avô estava muito doente. Câncer. Minha avó não queria ficar sem ele.

Ele inclina a cabeça para o céu, e seus olhos refletem o luar. Por um momento, parece que ele está me mostrando uma parte secreta de si, uma parte cuidadosamente escondida atrás do charme, humor e ousadia da Audácia, e isso me assusta, porque essa parte secreta é dura, fria e triste.

— Sinto muito — eu digo.

— Pelo menos dessa forma eu pude dizer adeus — Amar devolve. — A maioria das mortes vem, você tendo a chance de dar adeus ou não.

A parte secreta desapareceu com um brilho de um sorriso, e Amar corre até o resto do grupo, com o frasco na mão. Eu fico para trás com Zeke. Ele anda do meu lado de uma forma descongelada e graciosa ao mesmo tempo, como um cachorro selvagem.

— E você? — Zeke pergunta. — Você tem pais?

— Só um. Minha mãe morreu há muito tempo.

Eu me lembro do funeral, com todos os integrantes da Abnegação enchendo nossa casa com murmúrios baixos, acompanhando nosso luto. Eles nos levaram refeições em bandejas de metal cobertas com alumínio, limpavam nossa cozinha e encaixotaram todas as roupas da minha mãe para nós, assim não haveriam mais traços dela. Eu me lembro deles murmurando que ela morreu por complicações em uma segunda gravidez. Mas eu tinha lembranças dela, alguns meses antes da sua morte, ficando em frente ao seu guarda-roupa, abotoando sua segunda blusa por cima de outra blusa mais apertada, seu estômago liso. Balanço a cabeça, afastando a memória. Ela está morta. É uma memória de criança, irrelevante.

— E seu pai, lidou bem com a sua escolha? — ele pergunta. — O Dia da Visita está chegando, sabe.

— Não — respondo distante. — Ele não lidou bem de forma alguma.

Meu pai nunca viria no Dia da Visita. Tenho certeza disto. Ele nunca mais vai falar comigo de novo.

O setor da Erudição era a parte mais limpa da cidade, cada sujeira, lixo ou mancha tirados do chão, cada rachadura na rua coberta com asfalto. Eu me sentia como se tivesse que pisar cuidadosamente para não marcar a calçada com meus tênis. Os outros da Audácia andavam indiferentes, as solas dos seus sapatos fazendo sons como o da chuva caindo.

É permitido que o lobby de cada base de facção tenha luzes acesas até a meia-noite, mas supunha-se que o resto devesse estar escuro.

Aqui, no setor da Erudição, cada prédio faz com que a sede brilhe como pilar de luz. Pelas janelas em que passamos é possível ver os integrantes da Erudição sentados em longas mesas, seus narizes enfiados em livros e telas, ou falando calmamente uns com os outros. Os jovens e os velhos misturados em todas as mesas, em suas impecáveis roupas azuis, seus cabelos macios, mais da metade deles com óculos reluzentes.

Vaidade, meu pai diria. Eles estão tão preocupados em parecer inteligentes que acabam parecendo idiotas por isso.

Eu paro para observá-los. Eles não parecem vaidosos para mim. Eles parecem pessoas que se esforçam para se sentir tão espertos como deveriam ser. Se isso significa usar óculos sem prescrição, não é minha função julgar. Eles são um refúgio que eu poderia ter escolhido.

Ao invés deles, escolhi o refúgio que os espia pelas janelas, que manda Amar para suas dependências para causar rebuliço.

Amar alcança a porta central da Erudição e a empurra.

Nós assistimos do lado de fora, espiando. Eu olho através da porta para um retrato de Jeanine Matthews pendurado na parede oposta. Seu cabelo loiro está puxado para trás, a jaqueta azul abotoada até a garganta. Ela é bonita, mas não é a primeira coisa que percebo nela. É sua rigidez.

E além disso – pode ser só imaginação, mas ela parece um pouco assustada?

Amar entra no lugar, ignorando os protestos dos Eruditos na mesa da recepção, e grita:

— Ei, Testas! Olhem só isso!

Todos os Eruditos levantam o olhar de seus livros e telas, e os membros da Audácia explodiram em gargalhadas quando Amar mostrou a bunda para eles. O Erudito atrás da mesa de recepção corre para pegá-lo, mas Amar sobre as calças e corre até nós. Todos nós começamos a correr também, avançando para longe das portas.

Eu não consigo evitar – estou rindo também, e me surpreende o quanto meu estômago dói com isso.

Zeke corre até o meu lado, e nós vamos até os trilhos de trem porque não há nenhum outro lugar para o qual correr. Os integrantes da Erudição que estavam correndo atrás de nós desistiram depois de um quarteirão, e nós paramos em um beco, encostando nas paredes para recuperar o fôlego.

Amar chega ao beco por último, as mãos levantadas, e nós gritamos para ele. Ele segura o frasco como se fosse um troféu e aponta para Shauna.

— Novata — ele diz. — Eu te desafio a escalar a escultura em frente ao edifício dos Níveis Superiores.

Ela pega o frasco quando ele joga para ela e toma um gole.

— Você que manda — ela responde, sorrindo.

Na hora que a brincadeira chega até mim, quase todo mundo está bêbado, embolando as pernas a cada passo e rindo de qualquer piada, não importa quão estúpida é. Eu me sinto aquecido, apesar do frio, mas minha mente ainda está afiada, absorvendo tudo dessa noite, o forte cheiro do pântano e o som de gargalhadas, o azul escuro do céu e a silhueta de cada prédio. Minhas pernas estão meio que andando e correndo e saltitando, e eu ainda não cumpro um desafio.

Nós estamos perto da sede da Audácia agora. Os prédios balançando em seu lugar.

— Quem falta? — Lauren pergunta, seus olhos turvos passando por cada pessoa até que me enxergam. — Ah, o com nome de número transferido da Abnegação. Quatro, não é?

— É — eu digo.

— Um Careta? — O garoto que estava sentado tão confortavelmente ao lado de Amar olha pra mim.

Ele é quem está com o frasco, o que vai determinar o próximo desafio. Até agora eu vi gente escalando estruturas, pulando em buracos escuros, vagueando por prédios vazios para encontrar uma torneira ou cadeira, correndo nu pelos becos ou enfiando agulhas na orelha sem anestesia. Se pedissem a mim para escolher um desafio, eu não saberia o que escolher. É bom que eu tenha sido a última pessoa escolhida.

Sinto um tremor no meu peito, nervoso. O que ele vai me mandar fazer?

— Caretas são nervosos — o garoto fala calmamente, como se fosse um fato. — Então prove que você é realmente um membro da Audácia agora... Eu te desafio a fazer uma tatuagem.

Eu vejo suas tatuagens, aparecendo em seus pulsos, braços, ombros e garganta. Os piercings em suas orelhas, nariz, lábios e sobrancelha. Minha pele está em branco, imaculada.

Mas ela não combina com o que eu sou — eu também estou marcado, tenho cicatrizes como eles — mas minhas marcas são memórias de dor, coisas por que passei e sobrevivi. Eu dou de ombros.

— Tudo bem.

Ele me passa o frasco e eu o esvazio, mesmo que queime minha garganta e lábios e tenha sabor de veneno.

Nós caminhamos até a Pira.

+ + +

Tori está usando roupas de baixo masculinas e uma camiseta quando atende a porta, seu cabelo caído para o lado esquerdo de seu rosto. Ela ergue uma sobrancelha para mim. Nós claramente a acordamos de um sono profundo, mas ela não parece estar com raiva — só um pouco ranzinza.

— Por favor? — Amar pede. — É para o jogo do Desafio.

— Você tem certeza de que quer que uma mulher cansada tatue sua pele, Quatro? A tinta não sai — ela diz pra mim.

— Eu confio em você — respondo. Eu não vou desistir do desafio, não depois de assistir todo mundo cumprir o seu.

— Certo — Tori boceja. — As coisas que eu faço pela tradição da Audácia... Eu volto em um instante, vou colocar minhas calças.

Ela fecha a porta entre nós. No caminho até aqui eu vasculhei meu cérebro pensando no que queria tatuar, e onde. Eu não conseguia decidir — meu pensamento estava muito embaralhado. Ainda está.

Alguns segundos depois Tori aparece usando calças, de pés descalços.

— Se eu tiver problemas por ligar as luzes a esta hora, direi que fomos invadidos por vândalos e vou citar nomes.

— Entendi — eu digo.

— Tem um caminho por aqui, vamos lá, — ela diz, acenando para a gente.

Eu a sigo para a sala escura, que está limpa exceto por folhas de papel espalhados pela mesa de café, cada um marcado com um desenho diferente. Alguns deles são fortes e simples, como a maioria das tatuagens que vi, e outros são mais intrincados e detalhados. Tori deveria ser o mais próximo de uma artista na Audácia.

Eu paro perto da mesa. Uma das páginas mostra os símbolos de todas as facções, sem os círculos que geralmente os unem. A árvore da Amizade está na base, formando um tipo de raiz para o olho da Erudição e as balanças da Franqueza. Acima dela, as mãos da Abnegação parecem quase embalar as chamas da Audácia.

É como se os símbolos estivessem crescendo uns nos outros.

Os outros passaram por mim. Eu corro para acompanhá-los, passando pela cozinha de Tori — também imaculada, mesmo que os eletrodomésticos estejam ultrapassados, a torneira enferrujada e a porta da geladeira mantida fechada por um grande grampo. A porta dos fundos está aberta e leva até um corredor pequeno e úmido que abre para o estúdio de tatuagem. Eu já passei por aqui antes, mas nunca entrei, certo de que nunca encontraria um motivo para atacar meu próprio corpo com agulhas. Acho que tenho um agora — aquelas agulhas são uma forma de me separar do meu passado, não só aos olhos dos meus companheiros da Audácia, mas aos meus próprios olhos, toda vez que eu olhar para o meu reflexo.

As paredes estão cobertas com imagens. A parede da porta é inteiramente dedicada aos símbolos da Audácia, alguns pretos e simples, outros coloridos e quase irreconhecíveis. Tori acende a luz em uma das cadeiras e arruma suas agulhas perto dela. Os outros da Audácia se penduram em cadeiras e balcões em volta de nós, como se estivessem se preparando para ver um tipo de performance. Meu rosto fica quente.

— Princípios básicos de tatuar — Tori começa. — Quanto menos pele, ou quanto mais osso você tiver em uma região em particular, mais dolorosa será a tatuagem. Para a sua primeira tatuagem, provavelmente é melhor fazer, não sei, no seu braço, ou...

— Na sua nádega — Zeke sugere, com uma gargalhada.

Tori dá de ombros.

— Não seria a primeira vez. Ou a última.

Eu olho para o garoto que me desafiou. Ele ergue a sobrancelha para mim. Eu sei o que ele espera, o que todos eles esperam — que eu escolha algo pequeno, no braço ou na perna, algo que seja facilmente escondido. Eu olho para a parede com todos os símbolos. Um dos desenhos em particular chama minha atenção, uma representação artística das chamas.

— Aquela — eu digo, apontando para a imagem.

— OK — tem algum lugar em mente?

Eu tenho uma cicatriz — um arranhão apagado no meu joelho de quando caí na calçada quando era criança. Sempre pareceu estúpido para mim que nenhuma dor que experimentei tenha deixado marcas visíveis; algumas vezes, como forma de provar para mim mesmo, comecei a duvidar que eu tivesse passado por tudo aquilo, com as memórias ficando esquecidas ao longo do tempo. Quero ter algum tipo de lembrete que quando esteja cicatrizado não desapareça para sempre — eu os carrego para todo lugar, sempre, e isso é como as coisas são: como as cicatrizes.

É o que essa tatuagem será para mim: uma cicatriz. E é certo que ela combine com as piores memórias de dor que eu tive. Pouso a mão nas costelas, lembrando dos machucados, e do medo que senti pela minha própria vida. Meu pai teve uma série de noites ruins depois que minha mãe morreu.

— Tem certeza? — Tori pergunta. — Esse é provavelmente o lugar mais doloroso possível.

— Que bom — eu digo, e sento na cadeira.

A multidão da Audácia grita e começa a passar outro frasco, esse maior do que o último, e da cor de bronze ao invés de prateado.

— Então nós temos um masoquista na cadeira hoje à noite. Adorável.

Tori senta na cadeira perto de mim e coloca um par de luvas. Eu me inclino para frente, levantando a barra da minha camisa, e ela molha um pedaço de algodão com álcool e passa

nas minhas costelas. Quando ela está quase se afastando, ela franze o rosto e passa o dedo em minha pele. O álcool pinica a pele ainda não cicatrizada das minhas costas e eu estremeço. — Como isso aconteceu, Quatro? — ela pergunta.

Eu olho para cima e percebo que Amar está olhando para mim, franzindo a testa.

— Ele é um iniciado — Amar diz. — Todos eles estão com cortes e arranhões a essa altura do campeonato. Você deveria vê-los mancando juntos por aí. É triste.

— Eu tenho um gigante no meu joelho — Zeke se intromete. — Está de um azul macabro...

Zeke sobe a barra de sua calça para mostrar seu machucado aos outros, e todos começam a compartilhar seus próprios arranhões, suas cicatrizes:

— Consegui este quando eles me deixaram cair depois da tirolesa.

— Bom, ganhei a cicatriz durante o arremesso de facas, então acho que estamos quites.

Tori me olha por um segundo, e tenho certeza de que ela não aceitou a explicação de Amar, mas ela não pergunta de novo. Em vez disso, ela liga a agulha e um zumbido enche o ar, e Amar me passa o frasco. O álcool ainda está queimando minha garganta quando a agulha toca minhas costelas, e eu estremeço, mas de alguma forma eu não ligo para a dor. Eu a saboreio.

+ + +

No dia seguinte, quando acordo, tudo dói. Especialmente minha cabeça.

Meu Deus, minha cabeça.

Eric está na beira de um colchão perto do meu, amarrando seu cadarço. A pele ao redor dos anéis em seu lábio está vermelha – ele deve ter colocado outro piercing ali recentemente. Eu não tenho prestado atenção.

Ele olha para mim.

— Você está horrível.

Eu me sento, e o movimento repentino faz minha cabeça latejar ainda mais.

— Espero que quando você perder, não use isso como uma desculpa — ele diz, sorrindo um pouco. — Porque eu te venceria de qualquer forma.

Ele levanta, se alonga e deixa o dormitório.

Eu seguro minha cabeça com as mãos por alguns segundos, depois levanto para tomar um banho. Tenho que ficar com metade do meu corpo dentro da água e metade fora, por conta da tinta nas minhas costelas.

Os integrantes da Audácia ficaram comigo por horas, esperando a tatuagem ficar pronta, e quando fomos embora, todas as garrafinhas estavam vazias. Tori acenara para mim e eu cambaleara para fora do estúdio de tatuagem. Zeke passara um braço pelos meus ombros e disse:

— Acho que você é um membro da Audácia agora.

Noite passada eu me peguei apreciando as palavras. Agora eu queria ter minha antiga cabeça de volta, a que estava focada e determinada, e não parecia que pequenos homenzinhos com martelos viviam dentro dela. Deixei a água fria escorrer pelo meu corpo por mais alguns minutos e depois olhei para o relógio na parede do banheiro.

Dez minutos para a luta. Eu vou me atrasar. E Eric está certo – eu vou perder.

Coloco a mão na testa enquanto corro até a sala de treinamento, meu pé apenas metade dentro do sapato. Quando irrompo pelas portas, os transferidos e alguns nascidos na Audácia estão no fundo da sala.

Amar está no centro da arena checando seu relógio. Ele me dá um olhar sério.

— Que gentileza a sua se juntar a nós — ele diz. Vejo em sua sobrancelha erguida que a camaradagem de ontem à noite não se estende até a sala de treinamento. Ele aponta para os meus sapatos. — Amarre seu cadarço, e não desperdice mais o meu tempo.

Do outro lado da arena, Eric estala cada um de seus dedos, calmamente, olhando para mim o tempo todo. Amarro meu cadarço com pressa e prendo as pontas para não ficarem no meu caminho. Quando olho para Eric eu só consigo sentir o meu batimento cardíaco, o latejar em minha cabeça e um ardor nas minhas costelas. Então Amar se afasta e Eric corre para a frente, rápido, e acerta seu punho em minha mandíbula.

Dou alguns passos para trás, segurando meu rosto. A dor corre pela minha mente. Levanto minhas mãos para bloquear o próximo soco. Minha cabeça lateja e vejo sua perna movimentar. Tento girar para escapar do chute, mas seu pé me acerta com força nas costelas. Sinto como se um choque elétrico tivesse atingido o lado esquerdo do meu corpo.

— Isso está mais fácil do que pensei que seria — Eric comenta.

Eu me sinto quente de vergonha, e com sua cena arrogante ele baixa a guarda, e eu o acerto no estômago. As costas de sua mão me acerta na orelha, fazendo-a zumbir, e perco o equilíbrio, meus dedos tocando no chão para me segurar.

— Sabe — Eric diz calmamente — acho que nós descobrimos seu nome verdadeiro.

Minha visão brilha com meia dúzia de dores diferentes. Eu não sabia que havia tantas variedades, como sabores, ácido, quente, ardente e pontiagudo.

Ele me acerta de novo, desta vez tentando atingir meu rosto, mas acertando minha clavícula ao invés disso.

Ele chacoalha a mão e fala:

— Eu devo dizer para eles? Jogar tudo no ar?

Ele tem meu nome entre os dentes, Eaton, uma arma muito mais ameaçadora do que seus pés, cotovelos ou punhos. A Abnegação diz, em vozes sussurrantes, que o problema com a maioria dos membros da Erudição é a sua arrogância, o orgulho que eles têm em saber das coisas que outros não sabem. Naquele momento, tomado pelo medo, reconheço isso como a fraqueza de Eric. Ele não acredita que posso machucá-lo tanto quanto ele pode me atingir. Ele acredita que eu sou tudo o que ele assume que eu seja lá fora, humilde, altruísta e passivo.

Sinto minha dor desaparecer entre a onda de ódio, e prendo meu braço para mantê-lo no lugar enquanto me arremesso na direção novamente, de novo e de novo. Eu nem vejo onde o estou acertando; eu não enxergo, sinto ou ouço nada. Eu estou vazio, sozinho, sem ninguém.

Então finalmente ouço seus gritos, vejo-o segurando o rosto com as duas mãos. Sangue corre pelas suas bochechas, escorrendo em seus dentes. Ele tenta se afastar, mas eu estou segurando o mais forte que posso. Chuto sua lateral com força, e então ele cai.

Entre suas mãos enfaixadas, eu encontro seus olhos.

Seus olhos estão opacos e sem foco. O sangue brilha em sua pele. Me ocorre que eu fiz isso, fui eu, e o medo me afasta, um tipo diferente de medo desta vez. Um medo de quem eu sou, do que posso estar virando.

Meus dedos latejam e eu saio da arena sem ser dispensado.

+ + +

O complexo da Audácia é um bom lugar para me recuperar, escuro e cheio de lugares secretos e silenciosos. Encontro um corredor perto do Abismo e sento encostado na parede, deixando o frio da pedra infiltrar em mim. Minha dor de cabeça voltou, assim como várias dores dos machucados da luta, mas eu mal percebo cada uma delas. Meus dedos estão grudentos com sangue, sangue de Eric. Tento esfregá-lo, mas está seco há muito tempo. Eu ganhei a luta, e isso significa que meu lugar na Audácia está seguro por enquanto – eu deveria me sentir satisfeito, não com medo. Talvez até feliz por finalmente pertencer a algum lugar, por entre pessoas cujos olhos não me evitam na mesa de almoço. Mas sei que para todo bem há um custo. Qual é o custo de ser um membro da Audácia?

— Ei — olho para cima e vejo Shauna batendo na parede de pedra como se fosse uma porta.

— Essa não é a dança da vitória que eu estava esperando.

— Eu não danço — eu digo.

— É, eu deveria saber.

Ela senta de frente para mim, encostada na parede oposta. Levanta os joelhos até o peito e enrola seus braços ao redor deles. Nossos pés estão a alguns centímetros de distância. Eu não sei por que percebo isso. Bem, na verdade eu sei – ela é uma garota. Eu não sei como falar com garotas. Especialmente uma garota da Audácia. Alguma coisa me diz que você nunca sabe o que esperar de uma garota da Audácia.

— Eric está no hospital — ela fala, e há um sorriso em seu rosto. — Eles acham que você quebrou o nariz dele. Você definitivamente quebrou um de seus dentes.

Eu olho para baixo. Eu quebrei o dente de alguém?

— Eu estava pensando se você poderia me ajudar — ela continua, cutucando meu sapato com o pé.

Como eu suspeitei: garotas da Audácia são imprevisíveis.

— Ajudá-la em quê?

— A lutar. Eu não sou boa nisso. Continuo sendo humilhada na arena — ela balança a cabeça.

— Eu tenho que enfrentar uma garota em dois dias, seu nome é Ashley, mas ela faz com que todo mundo a chame de Ash — Shauna revira os olhos. — Entendeu? Chamas da Audácia, ash – cinzas, que seja. Enfim, ela é uma das melhores do nosso grupo, e receio que ela vá me matar. Tipo, realmente me matar.

— Por que você quer minha ajuda? — Eu pergunto, desconfiando de repente. — Por que você sabe que eu sou um Careta e que nós devemos ajudar as pessoas?

— O quê? Não, claro que não — ela responde. Suas sobrancelhas estão franzidas em confusão. — Eu quero sua ajuda porque você é o melhor no seu grupo, obviamente.

Eu rio.

— Não, eu não sou.

— Você e Eric eram os únicos invictos e você acabou de vencê-lo, então sim, você é. Olha, se você não quer me ajudar, tudo o que tem que fazer é...

— Eu vou te ajudar. Eu só não sei como.

— Nós vamos dar um jeito — ela diz. — Amanhã à tarde? Te encontro na arena?

Eu concordo com a cabeça. Ela sorri, se levanta e começa a ir embora. Mas depois de alguns passos ela se vira e volta pelo corredor.

— Pare de ficar mal-humorado, Quatro. Todos estão impressionados com você. Abrace isso.

Eu observo sua silhueta virar a esquina no final do corredor. Eu estava tão perturbado pela luta que não pensei o que vencer Eric significava – que agora eu sou o primeiro colocado no grupo de iniciados. Talvez eu tenha escolhido a Audácia como refúgio, mas eu não estou apenas sobrevivendo aqui, estou me superando.

Olho para o sangue de Eric nos meus dedos e sorrio.

+ + +

Na manhã seguinte decido correr o risco. Sento com Zeke e Shauna no café da manhã. Shauna na maioria do tempo se inclina sobre sua comida e responde perguntas aos berros. Zeke boceja em seu café, mas aponta sua família para mim: seu irmão mais novo, Uriah, está sentado em uma das mesas com Lynn, a irmã mais nova de Shauna. Sua mãe, Hana – a mulher da Audácia mais doce que já vi, sua facção indicada somente pelas cores de sua roupa – ainda está na fila do café da manhã.

— Você sente falta de morar em casa? — pergunto.

Os integrantes da Audácia tem propensão para assados, tenho percebido. Sempre há pelo menos dois tipos diferentes de bolo no jantar, e uma montanha de muffins na mesa perto do fim da fila de café da manhã. Quando cheguei lá, todos os sabores tinham acabado, então fiquei com o farelo.

— Na verdade não — ele responde. — Quer dizer, eles estão bem ali. Os iniciados nascidos na Audácia não tem realmente permissão para falar com a família até o Dia da Visita, mas sei que se eu realmente precisasse de algo, eles estariam lá.

Eu concordo com a cabeça. Ao lado dele, os olhos de Shauna se fecham, e ela pega no sono com a bochecha apoiada na mão.

— E você? Sente saudade de casa?

Estou quase respondendo não, mas bem nesse momento o rosto de Shauna escapa de sua mão e ela esmaga o muffin de chocolate com o rosto. Zeke ri tanto que começa a chorar, e eu não consigo evitar rir, logo depois terminando o meu suco.

Mais tarde naquela manhã me encontro com Shauna na sala de treinamento. Seu cabelo curto está puxado para trás do rosto, e suas botas da Audácia, normalmente desamarradas e fazendo barulho enquanto ela caminha, está amarrada bem apertada. Ela está socando o ar, pausando entre cada soco para ajustar sua posição, e por um momento eu a observo, não sabendo como começar. Eu aprendi como lutar sozinho; dificilmente estou qualificado para ensinar qualquer coisa a ela.

Mas enquanto eu a observo, começo a perceber algumas coisas.

Como o fato de ela ficar com os joelhos encostados, ou que ela não deixa uma mão erguida para proteger sua mandíbula, ou que ela dá murros usando apenas os braços ao invés de jogar o peso de seu corpo em cada movimento. Ela para, secando a testa as costas da mão. Quando percebe que estou ali, ela pula como se tivesse acabado de tocar em uma chama viva.

— Regra número um: não seja assustador — ela diz. — Anuncie sua presença na sala se outra pessoa não viu que você entrou.

— Desculpe. Eu estava tomando algumas notas para você.

— Ah — ela mastiga o interior da bochecha. — E o que foi?

Conto a ela o que percebi, e então nós nos enfrentamos na arena. Começamos devagar, recuando do soco do outro para não nos machucarmos. Tive que continuar batendo no seu cotovelo com meu punho para lembrá-la de manter a mão levantada para proteger o rosto, mas meia hora depois, ela estava pelo menos se movendo melhor do que antes.

— Essa garota com que você tem que lutar amanhã. Eu a atingiria bem aqui, na mandíbula — toco a parte de baixo da minha mandíbula. — Um bom soco de baixo para cima bastaria. Vamos praticar.

Ela se prepara, e percebo com satisfação que seus joelhos estão afastados, e há um balanço em sua posição que não estava lá antes.

Nós giramos ao redor um do outro por uns segundos, e então ela tenta um soco. Enquanto faz isso, sua mão esquerda se afasta do rosto. Eu bloqueio o primeiro soco, e começo a atacar o buraco que ela deixou em sua defesa. No último segundo, paro meu punho no ar e ergo minha sobancelha para ela.

— Quer saber, talvez eu aprendesse minha lição se você me atingisse de verdade — ela diz, se posicionando de novo.

Sua pele está vermelha com o esforço e suor brilha em sua testa. Seus olhos estão cintilantes e críticos. Me ocorre, pela primeira vez, que ela é bonita. Não da maneira que eu geralmente penso — ela não é suave, delicada — mas de uma forma que é forte, capaz.

— Eu realmente prefiro não fazer isso.

— O que você pensa que é algum tipo de cavalheirismo da Abnegação na verdade é um insulto — ela aponta. — Eu posso cuidar de mim mesma. Posso aguentar um pouco de dor.

— Não é isso. Não é porque você é uma garota. Eu só... Eu só não sou a favor da violência sem motivo.

— Uma coisa de Careta, hein?

— Na verdade não. Caretas não são a favor de violência, ponto. Coloque um Careta na Audácia e eles apenas vão deixar que acabem com eles à vontade — eu digo, me permitindo sorrir um pouco. Não estou acostumado com gírias da Audácia, mas é uma sensação boa poder usá-las como uma coisa minha, me deixar relaxar no ritmo das palavras. — Só não parece como um jogo para mim, só isso.

É a primeira vez que expressei isso para alguém. Eu sei por que isso não parece um jogo para mim — porque por muito tempo essa foi a minha realidade, foi meu despertar e meu adormecer. Aqui, eu aprendi a me defender, aprendi a ser mais forte, mas algo que eu não aprendi, que não me deixarei aprender, é como gostar de causar dor em alguém. Se vou virar um integrante da Audácia, farei isso nos meus termos, mesmo que isso signifique que uma parte de mim sempre será Careta.

— Tudo bem — ela diz. — Vamos de novo.

Nós treinamos até que ela domine o soco de baixo para cima e quase perdemos o jantar. Quando vamos embora, ela me agradece, e casualmente passa um braço ao redor de mim. É só um abraço rápido, mas ela ri com o quanto isso me deixa tenso.

— Como Ser Um Membro Da Audácia: Um Curso De Introdução — ela comenta. — Lição um: é normal abraçar seus amigos aqui.

— Nós somos amigos? — pergunto, apenas parcialmente brincando.

— Ah, cala a boca — ela responde, e corre pelo corredor até o dormitório.

+ + +

Na manhã seguinte, todos os iniciados transferidos seguem Amar pela sala de treinamento até um corredor assustador com uma porta pesada no final. Ele nos diz para sentar encostados nas paredes e depois desaparece atrás da porta sem dizer nada.

Eu checo meu relógio. Shauna estará lutando a qualquer minuto agora – está demorando mais para os nascidos na Audácia terminarem a primeira fase da iniciação do que nós, uma vez que há mais deles.

Eric senta o mais longe possível de mim, e eu fico agradecido com a distância. Na noite depois que lutei com ele, me ocorreu que ele deve ter dito para todo mundo que sou filho de Marcus Eaton só para se vingar por ter perdido, mas ele não fez isso. Imagino se ele está só esperando pela oportunidade certa para atacar, ou se está se segurando por outra razão. Não importa o que seja, provavelmente é melhor para mim ficar longe dele o tanto quanto possível.

— O que você acha que é aqui? — Mia, a transferida da Amizade, parece nervosa.

Ninguém responde. Por alguma razão eu não me sinto nervoso. Não há nada atrás daquela porta que possa me machucar. Então quando Amar surge no corredor novamente e chama meu nome primeiro, eu não lanço olhares desesperados para os meus amigos iniciados. Eu apenas o sigo.

A sala é suja e escura, com apenas uma cadeira e um computador. A cadeira é reclinada, como a que sentei em meu teste de aptidão. A tela do computador está brilhando e rodando um programa que é um monte de linhas pretas em um fundo branco. Quando eu era mais novo, eu costumava ser um voluntário nos laboratórios da escola, cuidando dos acessórios, e algumas vezes até consertando computadores quando eles tinham algum problema. Eu trabalhei sob a supervisão de uma mulher da Erudição chamada Katherine, e ela me ensinou muito mais do que deveria, feliz em compartilhar seu conhecimento com alguém que queria ouvir. Então eu sei, olhando para aquele código, para que tipo de programa eu estou olhando, mesmo que eu nunca seja capaz de fazer muita coisa com ele.

— Uma simulação? — pergunto.

— Quanto menos você souber, melhor — ele diz. — Sente.

Eu sento, recostando e colocando os braços nos braços da cadeira. Amar prepara uma seringa, e a ergue para a luz para ter certeza de que o frasco está preso no lugar. Ele espetta a agulha no meu pescoço sem avisar e pressiona o êmbolo. Eu recuo.

— Vamos ver qual dos seus quatro medos aparece primeiro — ele diz. — Sabe, estou ficando um pouco entediado com eles, você deveria tentar me mostrar algo novo.

— Vou trabalhar nisso.

A simulação me absorve.

+ + +

Estou sentado no sólido banco de madeira da Abnegação na mesa da cozinha, com um prato vazia à minha frente. Do outro lado da janela só há sombras, por isso a única luz vem da lâmpada pendurada sobre a mesa, liberando uma cor laranja brilhante. Reparo no tecido preto que cobre o meu pescoço. Por que estou usando preto em vez de cinza?

Quando levanto a cabeça, ele – Marcus – está à minha frente. Por alguns segundos, ele é tal qual o homem que vi na Cerimônia de Escolha há pouco tempo, os seus olhos azuis escuros combinam com os meus, a sua boca reprimida em discordância.

Estou usando preto porque agora sou da Audácia, lembro-me. Então por que é que estou em casa, na Abnegação, sentado em frente ao meu pai?

Vejo a luz refletida da lâmpada no seu prato vazio. Isto tem de ser uma simulação, penso.

Nessa altura a luz por cima de nós treme, e ele se transforma no homem que sempre vi em minhas paisagens de medo, um monstro distorcido com olhos vazios e uma boca grande e escura. Ele investe do outro lado da mesa com as duas mãos esticadas, e em vez de unhas, ele tem lâminas nas pontas dos dedos. Ele me acerta com força e eu recuo para trás, caindo da cadeira. Tento recuperar o equilíbrio e corro para a sala de estar. Aqui está outro Marcus, vindo para mim do corredor. Procuro pela porta da frente, mas alguém a selou com blocos de cimento, encurralando-me.

Ofegante, corro escada acima. No topo da escada eu tropeço e caio no chão de madeira da entrada. Um Marcus abre a porta do armário por dentro; outro vem do quarto dos meus pais; e ainda há outro com garras vindo do banheiro. Eu me encolho contra a parede. A casa está escura.

Não há janelas.

Ele está por todo o lado.

De repente um dos Marcus está exatamente à minha frente, empurrando-me contra a parede com as duas mãos em volta da minha garganta. Outro arrasta as suas unhas pelos meus braços, provocando um dor que traz lágrimas aos meus olhos.

Estou paralisado, em pânico.

Engulo o ar. Não consigo gritar. Sinto dor e o meu coração rápido, e dou pontapés o mais forte que consigo, atingindo apenas ar. O Marcus com as mãos em minha garganta me ergue contra a parede, e então os meus pés estão fora do chão. Os meus ombros estão moles, como se eu fosse uma boneca de trapos. Não me consigo mexer.

Este lugar, este lugar está cercado dele. Não é real, entendo. É uma simulação. É como uma paisagem do medo.

Agora há mais Marcus, esperando abaixo com as mãos estendidas, por isso estou olhando para um mar de lâminas. Os seus dedos passam pelas minhas pernas, cortando-me, e sinto um rastro quente na lateral do meu pescoço em que o Marcus que está me sufocando aperta com mais força.

Simulação, lembro-me novamente. Tento ganhar força nos meus ombros. Imagino que meu sangue está ardendo, percorrendo todo o meu corpo. Arrasto a mão pela parede, à procura de uma arma. Um dos Marcus me alcança, os seus dedos fechando-se sobre os meus. Grito e luto enquanto lâminas se cravam em minhas pálpebras. As minhas mãos não encontram uma arma mas a maçaneta de uma porta. Eu a giro com força e caio dentro de outro armário. Os Marcus perdem a influência sobre mim. No armário há uma janela, do tamanho suficiente para o meu corpo. Enquanto eles me perseguem pela escuridão, bato com o meu ombro no vidro e ele se parte. O ar fresco preenche os meus pulmões.

Eu me sento direito na cadeira, ofegante.

Ponho as minhas mãos na garganta, nos braços e nas pernas, à procura de feridas que não existem. Ainda posso sentir os cortes e o sangue escorrendo das minhas veias, mas a minha pele está intacta.

A minha respiração acalma, e com ela, os meus pensamentos. Amar está sentado em frente ao computador, preso à simulação, e olha para mim.

— O que é? — pergunto sem fôlego.

— Você esteve lá por cinco minutos — Amar responde.

— Isso é muito?

— Não — ele responde com as sobrancelhas franzidas. — Não, não é. É muito bom, aliás.

Coloco os meus pés no chão e agarro a cabeça com as mãos. Posso não ter entrado em pânico por tanto tempo na simulação, mas a imagem do meu pai pervertido tentando arrancar os meus olhos continua a passar pela minha mente, fazendo o meu coração acelerar e desacelerar.

— O soro ainda está fazendo efeito? — pergunto, com os dentes tremendo. — Me fazendo entrar em pânico?

— Não, deve ter parado quando saiu da simulação. Por quê?

Abano as minhas mãos, que estão tremendo, como se estivessem dormentes. Abano a cabeça. Não era real, digo a mim mesmo. Esqueça.

— Às vezes a simulação causa pânico prolongado, dependendo do que você vê nela — ele explica. — Deixe-me acompanhá-lo até o dormitório.

— Não — abano a cabeça. — Eu vou ficar bem.

Ele olha para mim severamente.

— Não foi um pedido — ele se levanta e abre a porta por trás da cadeira.

Sigo-o por um caminho pequeno e escuro e depois pelos corredores de pedra, que levam ao dormitório dos transferidos. O ar é fresco, e úmido, por ser subterrâneo. Ouço o eco dos nossos passos e a minha respiração, mas nada mais.

Penso que vi alguma coisa — um movimento — do meu lado esquerdo, e desvio-me dele, me achatando contra a parede. Amar me para, colocando as mãos nos meus ombros para que eu tenha que olhar para ele.

— Hey — ele diz. — Recomponha-se, Quatro.

Aceno, o calor preenchendo meu rosto. Sinto uma grande vergonha no meu estômago. Supõe-se que eu seja Audacioso. Não se supõe que eu tenha medo dos monstros de Marcus assustando-me no escuro. Encosto contra a pedra e respiro fundo.

— Posso te perguntar uma coisa? — Amar fala de repente. Eu me encolho, imaginando que ele vai me perguntar sobre o meu pai, mas ele não faz isso. — Como foi que conseguiu sair do hall de entrada?

— Eu abri a porta.

— A porta sempre esteve ali atrás de você? Existia uma na sua antiga casa?

Balanço a cabeça.

A expressão normalmente amigável de Amar fica séria.

— Então você criou uma porta do nada?

— Sim — respondo — simulações estão em nossa cabeça. Então a minha mente criou a porta para que eu conseguisse sair. Tudo o que tive de fazer foi me concentrar-me.

— Estranho.

— O quê? Por quê?

— A maioria dos iniciados não consegue fazer algo impossível acontecer nestas simulações, porque diferente da paisagem do medo, eles não reconhecem que estão numa simulação. E eles não saem das simulações assim tão rápido por causa disso.

Sinto a minha pulsação na garganta. Não percebi que estas simulações eram para ser diferentes das paisagens de medo — pensei que todos sabiam que estavam em simulação quando estavam nela. Mas pelo o que Amar diz, supunha-se que era como o teste de aptidão, e antes do teste de aptidão, o meu pai me avisou sobre eu ficar consciente durante as simulações, e me treinou para esconder isso. Ainda me lembro do quanto ele foi insistente, como a voz dele estava tensa e o modo que ele agarrou o meu braço com força.

Naquela altura, eu pensava que ele nunca falaria daquela maneira a menos que estivesse preocupado com alguma coisa. Preocupado com a minha segurança.

Ele estava apenas sendo paranoico, ou há alguma coisa de perigoso sobre eu estar consciente durante as simulações?

— Eu era como você — Amar revela calmamente. — Eu podia mudar as simulações. Apenas pensei que fosse o único.

Eu quero dizer-lhe para guardar isso para si, para proteger os seus segredos. Mas na Audácia eles não querem saber de segredos da mesma maneira que a Abnegação, com os seus sorrisos de boca fechada como as suas casas, ordenadas e simples.

Amar olha para mim de forma estranha — ansioso, como se esperasse algo de mim. Mexo-me, pouco confortável.

— Provavelmente não é algo de que você deva se gabar — Amar diz. — A Audácia é cheia de conformidade, como todas as outras fações. Apenas não é tão óbvio aqui.

Aceno em concordância.

— Provavelmente é apenas sorte — digo. — Eu não consegui fazer aquilo no meu teste de aptidão. Da próxima vez provavelmente vou ser normal.

— Certo — ele não soa convencido.

— Bem, da próxima vez, tente não fazer nada impossível, ok? Apenas enfrente o seu medo de uma maneira lógica, uma maneira que sempre tenha feito sentido para você, mesmo que esteja consciente ou não.

— Ok — concordo.

— Agora você está bem, certo? Consegue voltar para o dormitório por sua conta?

Quero dizer que sempre consegui voltar para o dormitório sozinho; nunca precisei que ele me levasse ali. Mas eu apenas aceno outra vez. Ele me dá um tapinha no ombro e volta para a sala de simulações.

Não consigo evitar e penso que meu pai não me avisou sobre exibir a minha consciência nas simulações apenas por causa das normas das fações. Ele me repreendeu por envergonhá-lo frente à Abnegação todo o tempo, mas nunca sussurrou avisos em meus ouvidos ou me ensinou como evitar um erro antes.

Na época ele não parara de me encarar, com seus grandes olhos, até que eu prometi fazer como ele falara.

Parece estranho saber que ele provavelmente tentou me proteger. Como se ele não fosse o monstro que eu imaginei, aquele que vejo nos meus piores pesadelos.

À medida que me aproximava da porta dos dormitórios, passei a ouvir alguma coisa no fundo do corredor que acabamos de cruzar — algo baixo, passos arrastados, movendo-se na direção contrária.

+ + +

Shauna corre até mim no refeitório durante o jantar e me esmurra com força no braço. Ela tem um sorriso tão grande que parece cortar-lhe as bochechas. A parte abaixo de seu olho direito parece um pouco inchada — logo ela terá um olho roxo.

— Eu ganhei! — ela exclama. — Eu fiz o que você disse — acertei-a na mandíbula nos primeiros seis segundos, e estraguei totalmente o plano dela. Ela ainda me acertou no olho porque eu baixei a minha guarda, mas antes de eu atacá-la. Ela tem um nariz sangrando. Foi incrível!

Eu sorrio. Estou surpreendido sobre como é bom ensinar alguém a fazer alguma coisa e ouvir que isso funcionou.

— Bom trabalho — digo-lhe.

— Eu não teria conseguido sem a sua ajuda — ela responde.

O seu sorriso muda, levemente, fica menos entusiasmado e mais sincero. Ela fica nas pontas dos pés e me beija na bochecha.

Fico encarando-a enquanto ela se afasta. Ela ri e me arrasta para a mesa onde Zeke e outros iniciados nascidos na Audácia se sentam. O meu problema, percebo, não é que eu seja rígido, é que eu não sei o que estes gestos de afeição significam para a Audácia.

Shauna é bonita, e engraçada, e na Abnegação eu até iria à sua casa jantar com a sua família se eu estivesse interessado nela, descobriria em que projeto voluntário ela estaria trabalhando e me inscreveria nele.

Na Audácia eu não tenho ideia de como reagir a isso, ou como saber se gosto dela dessa maneira.

Decido não deixar que isso me distraia, pelo menos não agora. Agarro num prato de comida e me sento para comer, ouvindo os outros falarem e rirem juntos. Todos dão os parabéns a Shauna por ela ter vencido, e apontam para a garota em quem ela bateu, sentada numa das outras mesas — o rosto dela continua inchado. No final da refeição, quando estou pegando um último pedaço de bolo de chocolate com o meu garfo, um par de mulheres da Erudição entra na sala.

Leva um bom tempo até que todos os integrantes da Audácia se acalmem. Mesmo o súbito aparecimento de Eruditos não faz isso — continua a haver murmúrios por toda parte, como

passos distantes a correr. Mas aos poucos, enquanto as mulheres se sentam com Max e mais nada acontece, as conversas começam novamente. Eu não participo nelas. Continuo a furar o meu bolo com o garfo, e assisto. Max se levanta e se aproxima de Amar. Eles têm uma conversa tensa entre as mesas, e depois começam a andar na minha direção.

Para mim.

Amar me chama. Eu deixo o prato quase vazio para trás.

— Você e eu fomos chamados para uma avaliação — ele diz.

O seu sorriso habitual dá lugar a uma boca em linha reta, e sua voz animada a uma sem emoção.

— Avaliação? — pergunto.

Max sorri para mim, um pouco.

— Os resultados da sua simulação foram um pouco fora do comum. As nossas amigas da Erudição atrás de mim — olho por cima do seu ombro para uma das mulheres. Logo percebo que uma delas é Jeanine Matthews, a representante dos Eruditos. Ela está vestida com um terninho azul, um par de óculos pendurados na corrente em volta do seu pescoço, o símbolo da vaidade Erudita empurrada tão longe que chega a ser ilógico. Max continua: — irão observar outra simulação para ter a certeza de que o resultado anormal não é um erro no programa da simulação. Amar vai levar todos para a sala de simulação agora.

Sinto os dedos do meu pai em volta do meu braço, ouço-o sussurrar, avisando-me para não fazer nada estranho no meu teste de aptidão. Sinto como se um formigueiro estivesse nas palmas das minhas mãos, sinal de que estou prestes a entrar em pânico. Não consigo falar, apenas olho pra Max, e depois para Amar, e aceno. Eu não sei o que significa estar consciente durante a simulação, mas sei que não pode ser nada de bom. Sei que Jeanine Matthews nunca viria até aqui apenas para observar a minha simulação se alguma coisa não estivesse seriamente errada comigo.

Nós andamos até à sala de simulação sem falar, e Jeanine e a sua assistente – assumo – falam baixo atrás de nós. Amar abre a porta e nos deixa entrar.

— Vou buscar o equipamento extra para que possam ver — Amar diz. — Já volto.

Jeanine anda em volta da sala com uma expressão pensadora. Desconfio dela, como todos os integrantes da Abnegação desconfiam – a Abnegação ensina a desconfiar da vaidade e da ganância Erudita. Me ocorre, porém, enquanto a vejo, de que o que estava pensando pode não estar certo. A mulher Erudita que me ensinou a desmontar um computador quando me voluntariei nos laboratórios informáticos da escola não era gananciosa ou vaidosa; talvez Jeanine Matthews também não seja.

— Está registado no sistema como Quatro — Jeanine fala depois de alguns segundos. Ela para de andar, cruzando as mãos à sua frente — o que eu acho perplexo. Por que não coloca-se aqui como Tobias?

Ela já sabe quem eu sou. Bem, é claro que ela sabe. Ela sabe tudo, não sabe? Sinto as minhas entranhas murchando, caindo sobre si. Ela conhece o meu nome, conhece o meu pai, e se ela vir uma das minhas simulações, conhecerá algumas das minhas partes mais aterrorizantes, também. Ela me examina, seus olhos aguados quase tocando os meus, e eu desvio o olhar.

— Eu queria uma ficha limpa — respondo.

Ela acena.

— Consigo entender isso. Especialmente por causa do que passou.

Ela quase soa... gentil. Me arrepio com o seu tom de voz e olho diretamente para o seu rosto.

— Eu estou bem — digo friamente.

— É claro que está — ela sorri um pouco.

Amar conduz um carrinho para dentro da sala. Traz mais fios, eletrodos e peças de computador. Eu sei o que se supõe que eu deva fazer; então sento-me na cadeira reclinável e ponho os braços nos apoios enquanto os outros ligam a si próprios à simulação. Amar se aproxima com uma agulha, e eu fico quieto enquanto perfura a minha garganta.

Fecho os meus olhos, e o mundo cai novamente.

Quando abro os olhos, estou parado em cima do telhado de um edifício impossivelmente alto, bem perto da ponta. Lá embaixo está o pavimento duro, as ruas vazias, ninguém por perto para me ajudar a descer. O vento sopra de todas as direções, e eu me inclino para trás, caindo de costas contra o cascalho do telhado.

Não gosto de estar aqui em cima, vendo o céu infinito, o vazio em torno de mim, lembrando-me de que estou no lugar mais alto da cidade. Lembro-me de que Jeanine Matthews está vendo tudo; então me jogo contra a porta do telhado, tentando puxá-la para abri-la enquanto penso em uma estratégia. A minha maneira normal de enfrentar este medo é saltar do edifício, sabendo que é só uma simulação e que eu nunca morreria. Mas outra pessoa nesta simulação nunca faria isso; eles encontrariam uma forma segura de descer.

Avalio as minhas opções. Posso tentar abrir esta porta, mas não há ferramentas que possam me ajudar a fazer isso por aqui, há apenas o cascalho do telhado, a porta e o céu. Não posso criar uma ferramenta para passar pela porta, porque isso é exatamente o tipo de manipulação de simulação que Jeanine provavelmente procura. Eu recuo e chuto a porta com força, mas ela não se move.

Com a pulsação batendo forte na garganta, ando até à beirada novamente. Em vez de olhar para baixo e para as minúsculas ruas abaixo de mim, olho para o edifício em si. Há janelas com peitoris por baixo de mim, centenas delas. A maneira mais rápida de descer, a maneira mais Audaciosa, é ir pela lateral do edifício.

Ponho o rosto nas mãos. Sei que isto não é real, mas parece real – o vento soprando em meus ouvidos, vivo e frio, o cimento áspero sob minhas mãos, o som do cascalho roçando em meus sapatos. Ponho uma perna para fora da borda do prédio, tremendo, e viro o rosto para ver o edifício enquanto vou abaixando, uma perna de cada vez, até que estou agarrado pelas pontas dos dedos.

Pânico borbulha dentro de mim, e eu grito com os dentes cerrados - Oh meu Deus. Eu odeio alturas – odeio. Pisco as lágrimas dos meus olhos, internamente culpando o vento, e sinto a janela abaixo de mim com os pés. Encontrando-a, seguro a parte superior com uma mão, e me forço a manter o equilíbrio enquanto continuo a descer, colocando os pés no peitoril da janela abaixo de mim. O meu corpo se inclina para trás, para o espaço vazio, e eu volto a gritar, cerrando os dentes com tanta força que os faz ranger.

Tenho de fazer isto de novo. E de novo. E de novo.

Eu me inclino, agarrando a parte superior da próxima janela com uma mão e a lateral com a outra. Quando tenho uma boa aderência, deslizo os pés pela lateral do prédio, ouvindo-os raspar sobre a pedra, e estou pendurado novamente.

Desta vez, quando passo para a próxima janela, eu não me agarro com força suficiente nas mãos. Meu pé escorrega do peitoril e eu vergo para trás. Eu balanço os braços, arranhando o edifício de concreto com os meus dedos, mas é demasiado tarde; fico leve e outro grito vem de dentro de mim, rasgando a minha garganta. Eu poderia criar uma rede debaixo de mim; podia criar uma corda no ar para me agarrar... – não, eu não devo criar nada ou eles descobrirão o que posso fazer.

Então eu me deixo cair. Deixo-me morrer.

Acordo com dor – criada pela minha mente – cantando em todas as partes do meu corpo, gritando, os meus olhos embaçados de lágrimas e terror. Arrasto-me para frente, ofegando. Com o meu corpo tremendo; estou envergonhado por agir desta maneira com esta plateia, mas sei que é uma boa coisa. Vai mostrar-lhes que eu não sou especial – sou só um rapaz comum da Audácia que pensou que conseguiria descer de um edifício por fora e falhou.

— Interessante — Jeanine diz, e eu mal consigo ouvi-la por cima da minha própria respiração.

— Nunca me canso de ver o interior da mente de uma pessoa – todos os detalhes sugerem tanto.

Giro as minhas pernas – ainda tremendo – pela beirada da cadeira e ponho os pés no chão.

— Você foi bem — Amar diz — a sua capacidade de escalada provavelmente está um pouco enferrujada, mas você continua a sair rápido da simulação, como da última vez.

Ele sorri para mim. Devo ter conseguido fingir ser normal, porque ele não se parece mais preocupado.

Eu aceno.

— Bem, parece que o seu resultado anormal foi um erro no programa. Teremos que investigar o programa de simulação para descobrir a falha — Jeanine diz. — Agora, Amar, gostaria de ver uma das suas simulações de paisagem do medo, se não se importar.

— Minha? Por que a minha?

O sorriso despreocupado de Jeanine não muda.

— As informações que temos sugerem que você não ficou alarmado com o resultado anormal de Tobias — mostrando que está familiarizado com ele, na verdade. Por isso eu gostaria de ver se essa familiaridade vem por experiência própria.

— As suas informações? — Amar repete. — Informações de onde?

— Um iniciado se apresentou expressando suas preocupações com o seu bem-estar e o de Tobias — Jeanine respondeu. — Eu gostaria de respeitar a sua privacidade. Tobias, pode sair agora. Obrigada por sua colaboração.

Olho para Amar. Ele acena levemente. Eu me levanto, ainda um pouco instável, e saio, deixando a porta meio aberta para poder ouvir. Mas assim que estou no corredor, a assistente de Jeanine fecha a porta, e eu não consigo ouvir nada por trás dela, mesmo quando encosto a orelha contra ela.

Um iniciado se apresentou expressando suas preocupações — e eu tenho certeza de que iniciado foi. O nosso único iniciado Erudito — Eric.

+ + +

Durante uma semana, parece que nenhuma consequência virá da visita de Jeanine Matthews. Todos os iniciados, nascidos na Audácia e transferidos, passam por simulações de medo todos os dias, e todos os dias, eu me permito a ser consumido por os meus próprios medos: altura, claustrofobia, violência, Marcus.

Às vezes os medos se confundem — Marcus no topo de um prédio alto, a violência em espaços pequenos. Eu sempre acordo meio delirante, agitado, envergonhado mesmo que eu seja o iniciado com apenas quatro medos. Eu também sou o único que não pode fazê-los desaparecer quando as simulações são feitas. Eles me assustam quando menos espero, enchendo o meu sono com pesadelos e minha vigília com tremores e paranoia. Cerro os dentes, pulo de susto com pequenos barulhos, minhas mãos ficam dormentes sem aviso. Preocupa-me que eu possa ficar louco antes da iniciação terminar.

— Você está bem? — Zeke me pergunta no café da manhã num certo dia. — Parece... cansado.

— Eu estou bem — respondo, mais bruscamente do que queria soar.

— É claro — Zeke diz sorridentemente. — Está tudo bem não estar bem, você sabe.

— Sim, certo — digo, e forço-me a acabar de comer, mesmo que tudo pareça areia para mim, nestes dias.

Se eu tenho que me sentir como se estivesse perdendo a sanidade, pelo menos ganho peso — muscular, principalmente. É estranho ocupar tanto espaço só por existir, quando costumava desaparecer tão facilmente. Me faz sentir um pouco mais forte, um pouco mais estável.

Zeke e eu devolvemos nossas bandejas. Quando estamos a caminho do Abismo, o irmão mais novo de Zeke — Uriah é o nome dele, pelo o que me lembro — corre até nós. Ele já é mais alto do que Zeke, e usa uma bandana por cima da orelha que cobre uma nova tatuagem. Normalmente ele sempre parece à beira de fazer uma piada, mas agora não. Agora ele parece atordoado.

— Amar — ele fala, um pouco sem fôlego. — Amar está... — ele abana a cabeça. — Amar está morto.

Eu rio um pouco. Por dentro sei que não é a reação apropriada para uma notícia dessas, mas não consigo evitar.

— O quê? O que quer dizer com, Amar está morto?

— Uma mulher da Audácia encontrou um corpo no chão perto do Abismo esta manhã — ele diz. — Eles acabaram de identificá-lo. Era Amar. Ele... ele deve ter...

— Saltado? — Zeke indaga.

— Ou caído, ninguém sabe — Uriah nos diz.

Movo-me para frente descendo pelas paredes do Abismo. Normalmente eu praticamente colo o meu corpo contra a parede quando faço isso, com medo da altura, mas desta vez nem penso no que está por baixo de mim. Eu abro caminho correndo, gritando para as crianças e pessoas que estão indo e vindo das lojas. Subo as escadas que levam ao teto de vidro.

Uma multidão está reunida na entrada do Abismo. Dou cotoveladas para passar através dela. Algumas pessoas me xingam, ou me empurram para trás, mas eu realmente não me importo. Vou até a ponta da sala, com as paredes de vidro acima das ruas que cercam a sede da Audácia. Lá fora, está uma área restrita demarcada com fita adesiva, uma mancha vermelho-escura no pavimento. Fico encarando por um longo tempo, até que finalmente compreendo que aquela mancha é o sangue de Amar, da colisão de seu corpo contra o solo.

Então, eu vou embora.

+ + +

Eu não conhecia Amar bem o suficiente para sentir dor, não da maneira como aprendi a pensar nisso. Luto foi o que senti depois da morte da minha mãe, um peso que tornou impossível me concentrar nas coisas do dia-a-dia. Eu me lembro de parar no meio de tarefas simples para descansar e me esquecer de terminá-las, ou acordar no meio da noite com lágrimas no rosto.

Eu não carrego a perda de Amar assim. Me pego sentindo isso de vez em quando, quando me lembro como ele me deu o meu nome, como me protegeu quando nem sequer me conhecia.

Mas na maioria das vezes eu sinto raiva. Sua morte teve algo a ver com Jeanine Matthews e a avaliação de sua simulação de medo, eu sei disso. E isso significa que tudo o que aconteceu também é responsabilidade de Eric, porque ele ouviu a conversa e contou à sua ex-líder da facção.

Eles mataram Amar, a Erudição. Mas todo mundo acha que ele pulou, ou caiu. É algo que um Audacioso faria.

A Audácia faz uma cerimônia para ele naquela noite. Todo mundo estava bêbado no final da tarde. Nós nos reunimos no Abismo, e Zeke me passa um copo contendo um líquido escuro, e engulo tudo sem pensar. Enquanto o líquido se move lentamente para dentro de mim, cambaleio um pouco sobre meus pés e passo o copo vazio de volta para ele.

— Sim, isso parece quase certo — Zeke disse, olhando para o copo vazio. — Vou buscar mais.

Concordo com a cabeça e ouço o rugido do fosso.

Jeanine Matthews pareceu aceitar que os meus próprios resultados anormais eram apenas um problema com o programa, mas e se isso foi apenas fingimento? E se ela vier atrás de mim assim como fez com Amar? Tento jogar o pensamento para longe, onde eu não possa encontrá-lo novamente.

Uma mão morena, cheia de cicatrizes desce sobre meu ombro, e Max está ao meu lado.

— Você está bem, Quatro?

— Sim.

E isso é verdade, eu estou bem. Eu estou bem, porque ainda estou de pé e ainda não estou falando os meus pensamentos em voz alta.

— Eu sei que Amar tinha um interesse especial em você. Acho que ele viu um forte potencial

— Max sorri um pouco.

— Eu realmente não o conheci — eu digo.

— Ele sempre foi um pouco conturbado, um pouco desequilibrado. Não como o resto dos iniciados em sua classe. Acho que a perda de seus avós realmente teve um efeito sobre ele. Ou talvez o problema fosse mais profundo... Eu não sei. Pode ser que tenha sido melhor desse jeito.

— Melhor que ele tenha morrido? — pergunto, fazendo uma careta.

— Não foi exatamente isso o que eu quis dizer. Mas aqui na Audácia, nós encorajamos nossos membros a escolher seus próprios caminhos na vida. Se isso foi o que ele escolheu... melhor assim — ele colocou a mão em meu ombro de novo. — Dependendo de como você se sair no seu exame final de amanhã, você e eu deveríamos ter uma conversa sobre o futuro que você gostaria de ter aqui na Audácia. Você é de longe o nosso iniciado mais promissor, apesar de tudo.

Eu apenas o encaro. Não entendo o que ele quer dizer, ou por que ele está dizendo isso aqui, na cerimônia à memória de Amar. Ele está tentando me recrutar? Para quê?

Zeke retorna com dois copos, e Max se funde com a multidão como se nada tivesse acontecido.

Um dos amigos de Amar sobe em uma cadeira e grita algo sem sentido sobre Amar ser corajoso o suficiente para explorar o desconhecido.

Todo mundo levanta os copos e grita o seu nome. Amar, Amar, Amar. Dizem tantas vezes que perde todo o significado, o barulho incessante e repetitivo que tudo consome.

Então, bebemos muito. É assim que se lamenta na Audácia: trocando a tristeza pelo esquecimento do álcool. Tudo certo. Tudo bem. Eu posso fazer o mesmo.

+ + +

Meu exame final, minha paisagem do medo, é administrada por Tori e observado pelos líderes da Audácia, incluindo Max. Eu vou para algum lugar no meio do pelotão dos iniciados, e pela primeira vez, não estou nem um pouco nervoso. Na paisagem do medo, todos estão conscientes durante a simulação, então eu não tenho nada a esconder. Eu me espeto no pescoço com a seringa e deixo a realidade desaparecer.

Já fiz isso dezenas de vezes. Encontro-me no topo de um edifício alto e então corro e pulo por cima da borda de segurança. Fico fechado em uma caixa e me permito um breve momento de pânico antes de bater meu ombro na parede direita, estilhaçando a madeira com o impacto, impossivelmente. Pego uma arma e atiro em uma pessoa inocente — desta vez um homem sem rosto vestido com o preto da Audácia — na cabeça, sem sequer pensar nisso.

Desta vez, quando o familiar Marcus me cerca, eles se parecem mais com ele do que antes. Sua boca é uma boca, embora seus olhos ainda sejam poços vazios. E quando ele recua o braço para me bater, ele está segurando um cinto, não, uma corrente farpada ou algum outro tipo de arma que pode me separar parte por parte. Eu levo alguns açoites, em seguida, deslizo para mais perto de Marcus, envolvendo minhas mãos em torno de sua garganta. Eu soco descontroladamente seu rosto, e a violência me dá apenas um breve momento de satisfação antes de eu acordar, agachado no chão da sala da paisagem do medo.

As luzes se acendem na sala para que eu possa ver as pessoas dentro dela. Há duas fileiras de iniciados esperando, incluindo Eric, que agora tem tantos piercings no lábio que eu me pego sonhando em arrancá-los um por um. Sentado na frente deles estão os três líderes da Audácia, incluindo Max, todos acenando e sorrindo. Tori ergue o polegar em um sinal de positivo.

Fui para o exame sem me preocupar com nada, sem querer passar no exame, sem querer fazê-lo bem, sem ligar para a Audácia.

Mas o polegar erguido de Tori me faz inchar de orgulho, e eu me deixei sorrir um pouco quando saí. Amar pode estar morto, mas ele sempre quis que eu me desse bem. Eu não posso dizer que fiz isso por ele — eu realmente não fiz isso por ninguém, nem mesmo por mim. Mas pelo menos eu não o constrangi.

Todos os iniciados que terminaram seu exame final estão aguardando os resultados no dormitório dos transferidos, nascidos na Audácia e transferidos igualmente. Zeke e Shauna gritam quando eu entro, e eu me sento na beira da minha cama.

— Como foi? — Zeke me pergunta.

— Tudo bem — eu digo. — Sem surpresas. E o seu?

— Horrível, mas consegui sair vivo — ele responde, dando de ombros. — Shauna tem algumas notícias, apesar de tudo.

— Eu lidei com eles — diz Shauna com indiferença exagerada.

Ela está com um travesseiro sobre os joelhos – o travesseiro de Eric. Ele não vai gostar disso.

Ela fez uma pausa, e depois sorri.

— Eu fui muito bem.

— Sim, sim — ironiza Zeke.

Shauna acerta o travesseiro no rosto dele. Zeke o arranca dela.

— O que você quer que eu diga? Sim, você foi incrível. Sim, você é a melhor da Audácia. Feliz? — Ele bate no ombro dela com o travesseiro. — Ela está se vangloriando sem parar desde que começamos com as simulações de medo porque ela é melhor nelas do que eu. É chato.

— É a vingança pelo quanto você se gabou durante o treinamento de combate — ela replica.

— Você viu aquele grande acerto que fiz logo no início? Blá, blá, blá.

Ela o empurra, e ele agarra-lhe os pulsos. Shauna se liberta e estapeia rapidamente sua orelha, e eles estão rindo e brigando.

Eu posso não entender sobre o afeto aqui na Audácia, mas aparentemente sei o que é flerte quando vejo. Eu sorrio. Acho que isso resolve a questão de Shauna – não que estivesse me preocupando. Essa era, provavelmente, a resposta.

Nós ficamos sentados esperando por aproximadamente uma hora, enquanto os outros terminavam seus exames finais, surgindo um após o outro. O último a entrar foi o Eric, e ele apenas ficou na porta, parecendo presunçoso.

— É questão de tempo para recebermos nossos resultados — diz ele.

Todos se levantam e passam por ele, indo para fora. Alguns deles parecem nervosos; outros se mostraram arrogantes, seguros de si. Espero até que todos tenham saído antes de caminhar até a porta, mas não sigo direto. paro na frente dele, cruzando os braços e encarando Eric por alguns segundos.

— Tem algo a dizer?

— Eu sei que foi você — eu falo. — Foi você quem falou aquilo sobre Amar. Eu sei.

— Eu não sei do que você está falando — ele responde, mas é óbvio que ele sabe.

— Você é o motivo pelo qual ele está morto.

Estou surpreso com a rapidez com que a raiva vem. Meu corpo estremece e sei que meu rosto está vermelho.

— Será que você bateu a cabeça durante o exame, Careta? — Eric sorri. — O que você está dizendo não faz nenhum sentido.

Eu o empurro com força para trás, contra a porta. Então o ergo com um braço – estou surpreso, por um momento, do quão forte estou – e apximo meu rosto do dele.

— Eu sei que foi você — eu digo, procurando seus olhos negros por alguma coisa, qualquer coisa. Não vejo nada, apenas olhos mortos, impenetráveis. — Você é a razão pela qual ele está morto, e você não vai sair livre dessa.

Eu o solto e sigo caminhando pelo corredor em direção ao refeitório.

+ + +

O refeitório este lotado de pessoas vestidas com o seu melhor lado da Audácia – todos os piercings exagerados e anéis vistosos, as tatuagens à mostra, mesmo que isso significasse ficar sem roupas. Tento manter meus olhos no rosto das pessoas sem olhar para os corpos. Os aromas de bolo, carne cozida, pão e especiarias estão no ar, dando água na boca – eu esqueci de almoçar.

Quando chego na minha mesa de sempre, pego um bolinho do prato de Zeke quando ele não está olhando e fico como os outros, esperando pelos nossos resultados.

Espero que eles não nos façam esperar por muito tempo. Sinto como se estivesse segurando um fio elétrico desencapado, minhas mãos e os meus pensamentos espasmos, frenéticos, dispersos.

Zeke e Shauna tentam falar comigo, mas nenhum de nós pode gritar alto o suficiente para ouvir uns aos outros, pois nos mandaram esperar em silêncio.

Max está em uma das mesas e ergue as mãos pedindo silêncio. A maioria deles para de falar, embora nem mesmo ele possa silenciar completamente os iniciados da Audácia – alguns deles continuam falando e brincando como se nada tivesse acontecido. Ainda assim, posso ouvi-lo quando ele começa seu discurso.

— Algumas semanas atrás, um grupo de magricelas, iniciados medrosos, deram seu sangue para as brasas e fizeram o grande salto da Audácia — diz Max. — Para ser honesto, eu não achei que nenhum deles iria fazê-lo no primeiro dia — ele faz uma pausa para permitir o riso, e ele vem, mesmo que não tenha sido uma boa piada — mas estou satisfeito para anunciar que este ano, todos os nossos iniciados atingiram a pontuação necessária para se tornar um Audacioso!

Todos aplaudem.

Apesar da garantia de que não seriam cortados, Zeke e Shauna trocam olhares nervosos – a ordem em que são classificadas ainda determina que tipo de trabalho podemos escolher na Audácia. Zeke coloca o braço sobre os ombros de Shauna e aperta.

Sinto-me de repente sozinho novamente.

— Sem mais atrasos — diz Max. — Eu sei que nossos iniciados estão ansiosos para saber o resultado. Então, aqui estão os nossos doze novos membros da Audácia!

Os nomes dos iniciados aparecem em um telão atrás dele, grande o suficiente até mesmo para que as pessoas no fundo da sala possam ver. Eu pesquisei automaticamente na lista os nomes deles:

6. Zeke
7. Ash
8. Shauna

No mesmo instante, um pouco da minha tensão desaparece.

Eu continuo olhando a lista, e o pânico me apunhala por apenas um segundo, quando não consigo encontrar o meu próprio nome. Mas depois, lá está ele, bem no topo.

1. Quatro
2. Eric

Shauna solta um grito, e ela e Zeke me esmagam em um abraço desleixado, o peso deles quase me derrubando no chão. Eu rio e os envolvo com meus braços para devolver o gesto.

Em algum lugar em meio ao caos, deixei cair meu bolinho – eu o esmaguei sob o meu calcanhar e sorri enquanto as pessoas me cercavam, pessoas que nem conheço, batendo nos meus ombros, sorrindo pra mim e dizendo meu nome. Meu nome, que é apenas “Quatro”, todas as suspeitas sobre a minha origem e minha identidade esquecidas agora que sou um deles, agora que estou na Audácia.

Eu não sou Tobias Eaton, não mais, nunca mais. Sou da Audácia.

+ + +

Naquela noite, tonto de emoção e tão cheio de comida que mal posso andar, escapei da celebração e subi as escadas para o topo do Abismo, para o saguão da Pira. Saio pelas portas e respiro profundamente o ar da noite, que é frio e refrescante, ao contrário do ar quente no refeitório.

Ando em direção aos trilhos de trem, muito cheio de energia para ficar parado. Há um trem vindo, a luz contínua se aproximando cada vez mais, como se estivesse vindo para mim. Ele buzina alto, alto como um trovão em meus ouvidos. Eu me inclino mais próximo a ele, pela primeira vez saboreando a emoção de medo no meu estômago, por estar tão perto de algo tão perigoso.

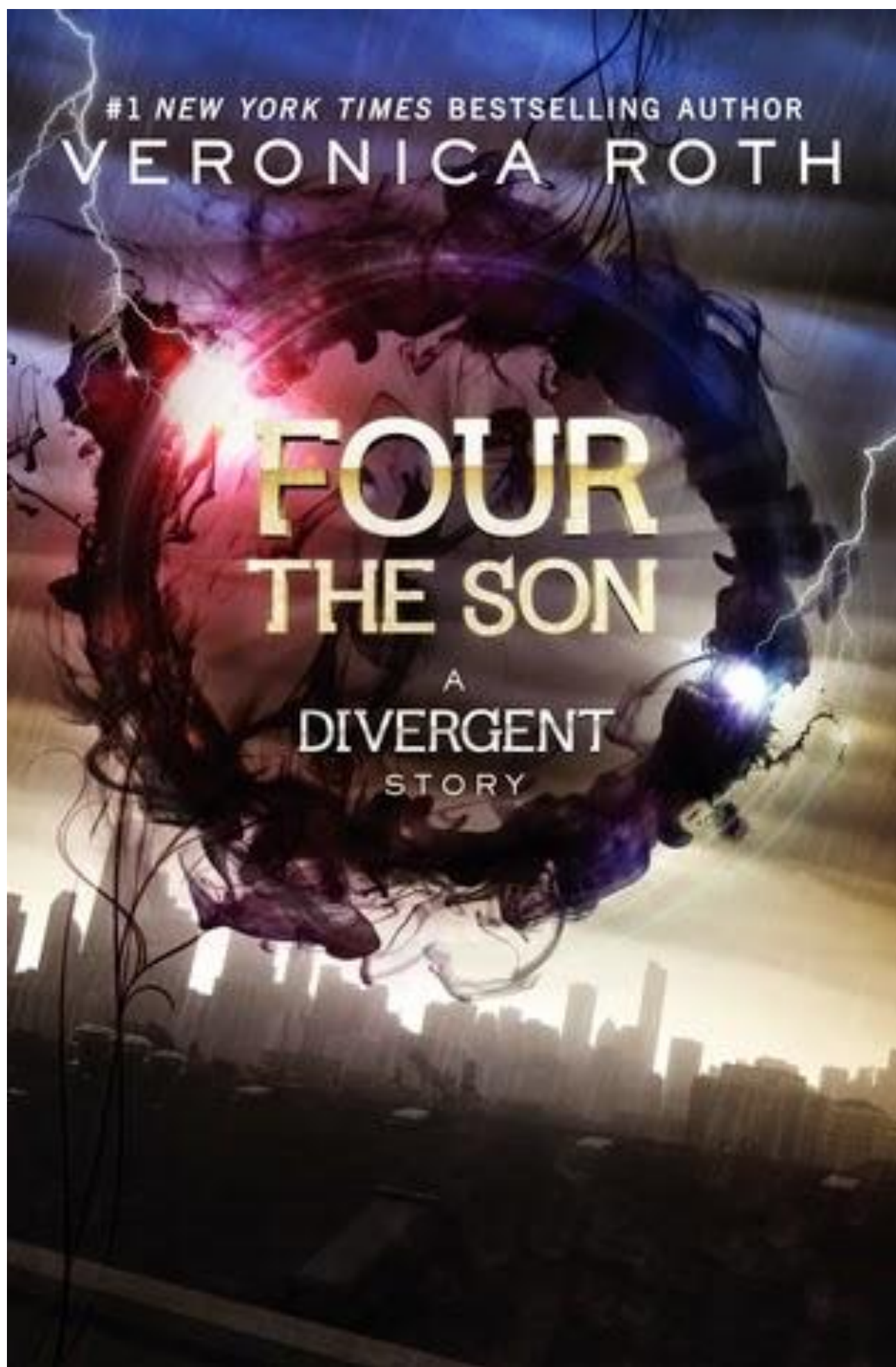
Então vejo uma silhueta humana de pé em um dos últimos vagões. Uma figura feminina alta e magra, inclinando-se para fora do vagão, segurando em uma das alças. Por apenas um

segundo, enquanto a mancha que é o trem passa por mim, eu a vejo, os cabelos escuros e encaracolados e um nariz curvo. Ela parece quase como a minha mãe. E então ela se foi, junto com o trem.

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
VERONICA ROTH

# FOUR THE SON

A  
DIVERGENT  
STORY



## O filho

O pequeno apartamento está vazio, o chão ainda com traços das cerdas da vassoura nos cantos. Não possuo nada meu para preencher o espaço, exceto minhas roupas da Abnegação, que encham o fundo da bolsa ao meu lado. Eu a jogo no colchão desencapado e vasculho as gavetas sob a cama em busca de lençóis.

A sorte na Audácia foi boa para mim, porque eu fiquei em primeiro no ranking, e porque ao contrário dos meus extrovertidos companheiros iniciados, eu queria viver sozinho. Os outros, como Zeke e Shauna, cresceram rodeados pela comunidade da Audácia, e para eles o silêncio e a quietude de viver sozinho seria insuportável.

Faço a cama rapidamente, puxando o alto do lençol, por isso quase não há vincos. O lençol está desgastado em alguns lugares, se pelas traças ou pelo uso anterior, não tenho certeza. O cobertor, um acolchoado azul, cheira a cedro e poeira. Quando abro a bolsa com meus escassos bens, tenho em minha frente a camiseta rasgada da Abnegação, de onde tive que retirar tecido para envolver a ferida em minha mão. Ela parece pequena – duvido que eu coubesse nela caso tentasse vesti-la agora, mas eu nem tento, apenas dobro-a e guardo na gaveta.

Ouçõ uma batida, e eu digo, “Entre!” pensando que é Zeke ou Shauna. Mas Max, um homem alto de pele escura e dedos machucados, entra em meu apartamento, as mãos dobradas a sua frente. Ele examina o quarto uma vez e enruga o lábio com indignação perante as calças cinza dobradas sobre minha cama. A reação me surpreende um pouco – não há muitos nesta cidade que escolheriam Abnegação como sua facção, mas não há muitos que a odeiam, tampouco. Aparentemente, encontrei um deles.

Fico parado, sem saber o que dizer. Há um líder da facção em meu apartamento.

— Olá — eu digo.

— Desculpe interromper. Estou surpreso que não escolhido o quarto com os seus antigos companheiros iniciados. Você fez alguns amigos, não é?

— Sim — respondo. — Assim apenas me parece mais normal.

— Acho que vai demorar algum tempo para se libertar de sua velha facção — Max passa um dedo no balcão da minha pequena cozinha, olha a sujeira que ficou e então limpa a mão nas calças. Ele me dá um olhar crítico – um que me diz para deixar minha velha facção mais rapidamente.

Se eu ainda fosse um iniciado, poderia ficar preocupado com esse olhar, mas sou um membro da Audácia agora, e ele não pode tirar isso de mim, não importa quão “Careta” eu pareça.

Ele pode?

— Esta tarde, você irá escolher o seu trabalho — Max fala. — Você tem alguma coisa em mente?

— Acho que depende do que está disponível — respondo. — Eu gostaria de fazer algo como ensinar. Como o que Amar fez, talvez.

— Penso que o primeiro do ranking pode ser algo mais do que “instrutor iniciação”, não concorda? — as sobrelhas de Max se erguem, e noto que uma delas não se move tanto quanto a outra – ela é cruzada por uma cicatriz. — Eu vim porque uma oportunidade surgiu.

Ele puxa uma cadeira da pequena mesa perto do balcão da cozinha, a gira e se senta de frente para o encosto. Suas botas pretas estão cheias de lama marrom-clara e os cadarços estão atados e desgastados nas extremidades. Ele pode ser o Audacioso mais velho que já vi, mas poderia muito bem ser feito de aço.

— Para ser honesto, um dos meus colegas líderes da Audácia está ficando um pouco velho para o trabalho — Max diz.

Sento-me na beira da cama.

— Os quatro de nós restantes pensamos que seria uma boa ideia ter sangue novo na liderança. Novas ideias para novos membros e iniciados na Audácia, especificamente. Essa tarefa é geralmente dada ao líder mais jovem de qualquer maneira, por isso é um bom

ajuste. Estávamos pensando em filtrar as turmas mais recentes de iniciados para um programa de treinamento para ver se alguém é um bom candidato. Você é uma escolha natural.

De repente sinto que minha pele é muito apertada para mim. Será que ele está realmente sugerindo que com dezesseis anos eu poderia me qualificar como um líder da Audácia?

— O programa de treinamento vai durar pelo menos um ano — Max continua. — Será rigoroso e testará suas habilidades em uma série de áreas. Nós dois sabemos que você se sairá muito bem na parte da paisagem do medo.

Concordo com a cabeça, sem pensar. Ele não deve notar minha autoconfiança, porque sorri um pouco.

— Você não precisa ir para a reunião da seleção dos trabalhos mais tarde — diz Max. — O treinamento vai começar muito em breve — amanhã de manhã, de fato.

— Espere — eu digo, um pensamento rompendo a confusão em minha mente. — Eu não tenho uma escolha?

— É claro que você tem uma escolha — ele parece intrigado. — Apenas assumi que alguém como você preferisse treinar para ser um líder a passar o dia todo de pé patrulhando uma cerca com uma arma apoiada no ombro, ou palestrando aos iniciados sobre boas técnicas de luta. Mas se eu estava errado...

Não sei porque estou hesitando. Eu não quero passar os meus dias guardando a cerca, patrulhando a cidade, ou até mesmo circulando pelo chão da sala de treinamento. Posso ter aptidão para lutar, mas isso não significa que quero fazê-lo o dia todo, todos os dias. A chance de fazer a diferença na Audácia apela para as partes de Abnegação em mim, as partes que são persistentes, às vezes exigindo atenção.

Acho que eu apenas não gosto quando uma escolha não me é dada.

Balanço a cabeça.

— Não, você não estava errado — limpo a garganta e tento soar mais forte, mais determinado. — Eu quero fazer isso. Obrigado.

— Excelente — Max se levanta e estala seus dedos ociosamente, como se fosse um velho hábito.

Ele estende a mão para eu balançar, e eu o faço, embora o gesto ainda seja desconhecido para mim. A Abnegação nunca tocaria o outro de forma tão casual.

— Venha para a sala de conferência perto do meu escritório amanhã de manhã às oito. Fica na Pira. Décimo andar.

Ele sai, espalhando pedaços de terra seca do fundo de seus sapatos quando vai embora. Limpo com a vassoura apoiada na parede perto da porta. Não é até que estou empurrando a cadeira de volta para a mesa que percebo: se eu me tornar um líder da Audácia, um representante da minha facção, terei que ficar cara-a-cara com o meu pai novamente. E não apenas uma vez, mas constantemente, até que ele finalmente se aposente na obscuridade da Abnegação.

Meus dedos começam a ficar dormentes. Eu enfrentei meus medos tantas vezes em simulações, mas isso não significa que estou pronto para enfrentá-los na realidade.

+ + +

— Cara, você perdeu! — Zeke está de olhos arregalados, preocupado. — Os únicos empregos pelo final eram os trabalhos brutos, como esfregar banheiros! Onde você esteve?

— Está tudo bem — eu digo enquanto carrego minha bandeja para nossa mesa perto das portas.

Shauna está lá com sua irmã mais nova, Lynn, e a amiga de Lynn, Marlene. Quando os vi pela primeira vez lá, eu quis virar e ir embora imediatamente — Marlene é alegre demais para mim, mesmo em um bom dia — mas Zeke já tinha me visto, então era tarde demais. Atrás de nós, Uriah corre para nos alcançar, seu prato carregado com mais alimentos do que ele pode, possivelmente, acondicionar em seu estômago.

— Eu não perdi nada — Max veio me ver mais cedo.

Depois que tomamos nossos lugares à mesa, sob uma das brilhantes lâmpadas azuis que pendem da parede, conto-lhes sobre a oferta de Max, cuidando de não fazê-la soar muito impressionante. Acabei de encontrar amigos; não quero criar tensão ciumenta entre nós sem motivo. Quando termino, Shauna apoia o rosto nas mãos e diz para Zeke:

— Acho que deveríamos ter tentado mais durante a iniciação, não é?

— Ou tê-lo matado antes que ele pudesse fazer o teste final.

— Ou os dois — Shauna sorri para mim. — Parabéns, Quatro. Você merece.

Sinto os olhos de todos em mim como distintos e poderosos raios de calor, e me apresso para mudar de assunto.

— Onde vocês acabaram?

— Sala de controle — Zeke responde. — Minha mãe costumava trabalhar lá, e ela já me ensinou mais do que eu vou precisar saber.

— Estou no caminho da liderança da patrulha... ou algo assim — diz Shauna. — Não é o trabalho mais emocionante, mas pelo menos estarei lá fora.

— Sim, vamos ouvi-la falar, no auge do inverno, quando você estiver caminhando através de centímetros de neve e gelo — Lynn comenta amargamente. Ela fura uma pilha de purê de batatas com seu garfo. — É melhor eu me sair bem na iniciação. Não quero ficar presa à cerca.

— Nós não falamos sobre isso? — Uriah fala. — Não diga a palavra com “I” até, no máximo, duas semanas antes de acontecer. Isso me faz querer vomitar.

Eu olho para a pilha de comida em sua bandeja.

— E está se enchendo de comida até os olhos saltarem, no entanto. Isso é bom?

Ele revira os olhos para mim e se inclina sobre a bandeja para continuar comendo. Eu mexo minha própria comida – não tive nenhum apetite desde esta manhã, preocupado demais com o dia seguinte para manter o estômago cheio.

Zeke avista alguém do outro lado do refeitório.

— Eu já volto.

Shauna o assiste atravessar a sala para cumprimentar alguns jovens membros da Audácia. Não parecem muito mais velhos do que ele, mas eu não os reconheço da iniciação, então eles devem ser um ou dois anos mais velhos. Zeke diz algo para o grupo – composto em maior parte por garotas – que as faz ter ataques de riso, e ele cutuca uma das meninas nas costelas, fazendo-a guinchar. Ao meu lado, Shauna assiste furiosamente e erra a própria boca com o garfo, manchando todo o seu rosto com molho de frango. Lynn bufa, e Marlene a chuta – de forma audível – sob a mesa.

— Então — Marlene fala em voz alta. — Você sabe que outras pessoas participarão do programa de liderança, Quatro?

— Parando pra pensar sobre isso, eu não vi Eric lá hoje, também — Shauna observa. — Eu estava esperando que ele tivesse tropeçado e caído no abismo, mas...

Enfio um pedaço de comida na boca e tento não pensar sobre isso. A luz azul faz minhas mãos parecerem azuis, também, como mãos de um cadáver. Eu não falei com Eric desde que o acusei de ser indiretamente responsável pela morte de Amar – alguém reportou a consciência de Amar durante a simulação para Jeanine Matthews, líder da Erudição, e como ex-Erudito, Eric é o suspeito mais provável. Eu não decidi o que farei na próxima vez que tiver que falar com ele, também. Dar uma surra novamente não vai provar que ele é um traidor da facção. Terei que encontrar alguma maneira de conectar suas atividades recentes à Erudição e levar a informação para um dos líderes da Audácia – Max, provavelmente, desde que eu o conheço melhor.

Zeke caminha de volta para a mesa e desliza para seu assento.

— Quatro. O que você vai fazer amanhã à noite?

— Eu não sei — respondo. — Nada?

— Não mais — ele diz. — Você virá comigo em um encontro.

Eu engasgo na próxima garfada de batatas.

— O quê?

— Hum, odeio dizer isto, mano — Uriah comenta — mas supõe-se que você deveria ir sozinho a encontros, não trazer um amigo.

— É um encontro duplo, obviamente — Zeke fala. — Chamei Maria, e ela disse algo sobre arrumar um encontro para a sua amiga Nicole, e dei a impressão de você estaria interessado.

— Qual delas é a Nicole? — Lynn pergunta, esticando o pescoço para olhar para o grupo de meninas.

— A ruiva — Zeke responde. — Então, oito horas. Você está dentro, nem estou pedindo.

— Eu não... — começo.

Olho para a ruiva garota do outro lado da sala. Ela tem pele clara, olhos grandes pintados de preto e veste uma camisa apertada, o que mostra a curva em sua cintura e... outras coisas que minha voz interior da Abnegação diz para não notar. Eu o faço de qualquer maneira.

Nunca estive em um encontro graças aos estritos costumes de minha antiga facção, que envolvia engajar-se em atos de serviços comunitários e *talvez – talvez* – jantar com a família de outra pessoa e ajudá-los a limpar tudo depois. Eu nunca pensei se eu queria namorar alguém; tal ideia era impossível.

— Zeke, eu nunca...

Uriah franze a testa e cutuca minha bochecha com um dedo. Dou um tapa na mão dele.

— *O quê?*

— Oh, nada — Uriah responde alegremente. — Você só estava fazendo mais *Careta* do que o habitual, então pensei que eu poderia checar...

Marlene ri.

— Sim, certo.

Zeke e eu trocamos um olhar. Nós nunca falamos explicitamente sobre não compartilhar a minha facção de origem, mas, tanto quanto eu sei, ele nunca a mencionara a ninguém. Uriah sabe, mas apesar de sua boca solta, ele parece entender quando reter informações. Ainda assim, não sei por que Marlene não percebeu – talvez ela não seja muito observadora.

— Não é grande coisa, Quatro — diz Zeke. Ele come sua última garfada de comida. — Você vai, fala com ela como se ela fosse uma humana normal – o que ela é – e talvez ela te deixe – *suspiro – dar a mão para ela...*

Shauna levanta-se de repente, a cadeira arrastando no chão de pedra. Ela puxa o cabelo para trás da orelha e caminha em direção ao balcão para devolver a bandeja, a cabeça para baixo. Lynn encara Zeke – o que dificilmente parece diferente da expressão normal dela – e segue a irmã até o outro lado do refeitório.

— Ok, você não tem que dar uma mão a ela. Só a mim — diz Zeke, como se nada tivesse acontecido. — Basta ir, tudo bem? Fico te devendo uma.

Eu olho para Nicole. Ela está sentada em uma mesa perto do balcão onde se devolve a bandeja e está rindo da piada de alguém novamente. Talvez Zeke esteja certo – talvez não seja uma grande coisa, talvez esta seja outra maneira de eu desaprender meu passado de Abnegação e aprender a abraçar meu futuro na Audácia. E, além disso, ela é bonita.

— Ok — eu digo. — Eu vou. Mas se você fizer algum tipo de piada sobre dar uma mão, vou quebrar seu nariz.

+ + +

Quando volto para o meu apartamento naquela noite, ele ainda cheira a pó e uma pitada de bolor. Acendo uma das lâmpadas, e algo reflete a luz no alto da bancada. Corro minha mão sobre ela, e um pequeno pedaço de vidro pica meu dedo, fazendo-o sangrar. Eu o pesco entre dois dedos e levo para a lata de lixo, em que coloquei um saco nesta manhã.

Mas no fundo da lata está agora uma pilha de cacos com a forma de um copo de vidro.

Um copo que não usei ainda.

Um arrepio passa pela minha espinha, e examino o resto do apartamento em busca de mais coisas fora do lugar. Os lençóis não estão amassados, nenhuma das gavetas foi aberta, nenhuma das cadeiras parece ter sido movida. Mas eu saberia se tivesse quebrado um copo pela manhã.

Então, quem esteve no meu apartamento?

Eu não sei por que, mas a primeira coisa que as minhas mãos encontram pela manhã, quando me arrasto para o banheiro, é o jogo de corte de cabelo que arrumei com os meus créditos da Audácia ontem. E em seguida, enquanto ainda estou piscando as nuvens de sono dos meus olhos, ligo a máquina e a encosto na cabeça do jeito que tenho feito desde jovem.

Dobro a orelha para frente para protegê-la da lâmina; sei exatamente como torcer e virar o pescoço de modo a ver o máximo possível da parte de trás da cabeça. O ritual acalma os nervos, faz-me sentir focado e estável. Tiro o cabelo aparado dos ombros e do pescoço e os jogo no lixo.

Esta é uma manhã da Abnegação. Uma ducha rápida, um café da manhã simples, limpeza da casa. Exceto que estou vestindo o preto da Audácia – nas botas, calças, camisa e jaqueta. Evito olhar no espelho em meu caminho, e isso me faz cerrar os dentes – sabe quão profundas são essas raízes Caretas, e quão difícil será extirpá-las da minha mente, tão enroscadas como elas são. Deixei aquele lugar por medo e desafio, o que fará com que seja mais difícil de assimilar, mais difícil do que se eu tivesse escolhido a Audácia pelas razões certas.

Eu ando rapidamente em direção ao Abismo, emergindo através de um arco na parede. Fico distante da beirada, embora as crianças da Audácia, gritando e rindo, às vezes corram bem próximas dela, e eu sei que deveria ser mais corajoso que elas. Não tenho certeza se bravura é algo que você adquirir com a idade, como a sabedoria – mas talvez aqui na Audácia a bravura seja a forma mais elevada de sabedoria, o reconhecimento de que a vida pode e deve ser vivida sem medo.

É a primeira vez que me pego refletindo sobre a vida da Audácia, então mantenho o pensamento enquanto subo o caminho que circunda a Pira. Chego à escadaria que leva ao teto de vidro e me mantenho olhando para cima, para longe do espaço aberto sob mim, assim não começo a entrar em pânico. Mas meu coração está batendo forte na hora em que chego ao topo de qualquer maneira; posso senti-lo até mesmo em minha garganta. Max disse que seu escritório ficava no décimo andar, então pego o elevador com um grupo de Audaciosos indo para o trabalho. Eles não parecem se reconhecer, ao contrário a Abnegação – não é tão importante para eles memorizar nomes e rostos, necessidades e desejos, talvez por isso eles mantêm-se com seus amigos e familiares, formando comunidades ricas, mas separadas dentro de sua facção. Como a que estou formando.

Quando chego ao décimo andar, não tenho certeza de para onde ir, mas então vejo uma cabeça escura virar uma esquina a minha frente. Eric. Eu o sigo, em parte porque ele provavelmente sabe onde está indo, mas, em parte porque quero saber o que ele está fazendo, mesmo que ele não esteja indo para o mesmo lugar que eu. Mas quando dobro a esquina, vejo Max de pé em uma sala conferência que tem paredes de vidro, cercado por jovens integrantes da Audácia. O mais velho tem talvez vinte anos, e o mais novo provavelmente não é muito mais velho que eu. Max me vê através do vidro e acena para eu entrar. Eric se senta perto dele – *puxa-saco*, penso – enquanto sento na outra ponta da mesa, entre uma menina com uma argola no nariz e um garoto cujo cabelo tem um brilhante tom de verde, que impede que eu olhe diretamente para ele. Eu me sinto simples em comparação – posso ter tatuado as chamas da Audácia em minha lateral durante a iniciação, mas não é como se ela estivesse aparecendo.

— Acho que todo mundo está aqui, então vamos começar.

Max fecha a porta da sala de conferência e para diante de nós. Ele parece estranho em um ambiente tão comum, como se estivesse aqui para quebrar todos os vidros e causar o caos em vez de conduzir esta reunião.

— Você todos estão aqui porque mostraram potencial, em primeiro lugar, mas também porque já exibiram entusiasmo pela nossa facção e por seu futuro.

Eu não sei como fiz isso.

— Nossa cidade está mudando mais rápido agora do que nunca, e a fim de acompanhá-la, teremos que mudar, e muito. Temos que ficar mais fortes, mais corajosos, melhor do que estamos agora. E entre vocês estão as pessoas que podem nos levar até lá, mas vamos ter que descobrir quem elas são. Faremos uma combinação de instrução e testes de habilidades pelos próximos meses, para ensinar o que vocês precisam saber se quiserem se manter no programa, mas também para ver quão rapidamente aprendem.

Isso soa um pouco como algo que a Erudição valorizaria, e não a Audácia — estranho.

— A primeira coisa que vocês farão é preencher esta ficha técnica — diz ele, e eu quase ri.

Há algo ridículo sobre guerreiros da Audácia duros e fortes com uma pilha de papéis que ele chama de “ficha técnica”, mas é claro que algumas coisas tem que ser comuns, porque é mais eficiente dessa forma. Ele passa a pilha em torno da mesa, juntamente com um pacote de canetas.

— Isso tudo nos dirá mais sobre vocês e nos dará um ponto de partida pela qual medir seu progresso. Portanto, é de seu interesse ser honesto e não tentar parecer melhor do que é.

Eu me sinto inquieto, olhando para a folha de papel. Preencho o meu nome, que é a primeira pergunta, e a minha idade, que é a segunda. A terceira questão pede minha facção de origem, e a quarta, meu número de medos. A quinta quer saber quais são eles. Eu não sei como descrevê-los. Os dois primeiros são fáceis — altura, confinamento — mas e o próximo? E o que eu devo escrever sobre o meu pai, que tenho medo de Marcus Eaton? Eventualmente eu rabisco *perder o controle* para o meu terceiro medo e *ameaças físicas em espaços confinados* para o meu quarto, sabendo que isso está longe de ser verdade.

Mas as próximas questões são estranhas, confusas. Elas são declarações, arditamente formuladas, em que tenho que concordar ou discordar. *Está tudo bem roubar se for para ajudar alguém.* Bem, isso é fácil o suficiente — concordo. *Algumas pessoas são mais merecedoras de recompensas do que outras.* Talvez. Isso depende das recompensas. *O poder deve ser dado apenas para aqueles que querem ganhá-lo. Circunstâncias difíceis formam pessoas mais fortes. Você não sabe quão forte uma pessoa realmente é, até ela ser testada.* Olho em volta da mesa para os outros. Algumas pessoas parecem intrigadas, mas ninguém parece como eu — perturbado, quase com medo de circular uma resposta abaixo de cada afirmativa.

Eu não sei o que fazer, então marco “Concordo” em cada uma e devolvo a minha folha como todos os outros.

+ + +

Zeke e sua acompanhante, Maria, estão pressionados contra uma parede em um corredor ao lado do Abismo. Posso ver suas silhuetas daqui. Parece que eles ainda estão agarrados um no outro como estavam há cinco minutos quando fui lá pela primeira vez, rindo como idiotas o tempo todo. Cruzo meus braços e olho para trás, para Nicole.

— Então — eu digo.

— Então — diz ela, inclinando-se para frente nas pontas dos pés e voltando para trás, colocando o peso nos calcanhares novamente. — Isso é um pouco estranho, certo?

— Sim — respondo, aliviado. — É.

— Há quanto tempo você é amigo de Zeke? Eu não o vi muito por aqui.

— Há algumas semanas. Nós nos conhecemos durante a iniciação.

— Oh — ela diz. — Você era um transferido?

— Hum... — Eu não quero admitir que fui transferido da Abnegação, em parte porque sempre que admito isso, as pessoas começam a pensar que sou nervoso, e em parte porque não gosto de atirar ao vento dicas sobre o meu parentesco quando pode evitá-lo. Eu decido mentir. — Não, eu apenas... ficava na minha antes disso, eu acho.

— Oh — ela estreita os olhos um pouco. — Você deve ter sido muito bom nisso.

— Uma das minhas especialidades — eu digo. — Há quanto tempo você é amiga de Maria?

— Desde que éramos crianças. Ela podia tropeçar e cair e já arranjava um encontro com alguém. Outros de nós não são tão talentosos.

— É — balanço minha cabeça. — Zeke teve que me dar um empurrãozinho para eu vir.

— Realmente — Nicole levanta uma sobrancelha. — Será que ele, pelo menos, te mostrou o que estava por vir?

Ela aponta para si mesma.

— Hã, sim. Eu não tinha certeza se você era do meu tipo, mas pensei que talvez...

— Não faço o seu tipo — de repente ela soa fria.

Eu tento voltar atrás.

— Quero dizer, eu não acho que isso é tão importante — eu falo. — A personalidade é muito mais importante do que...

— Do que minha aparência insatisfatória? — Ela ergue as sobrancelhas.

— Isso não foi o que eu disse. Eu... eu sou realmente terrível nisso.

— Sim — ela concorda. — Você é.

Ela pega a pequena bolsa preta que descansava contra seus pés e a enfia sob o braço.

— Diga Maria que tive que ir para casa mais cedo.

Ela caminha para longe da grade e desaparece em um dos caminhos próximos ao Abismo. Eu suspiro e olho para Zeke e Maria novamente. Posso dizer pelos movimentos fracos que eles ainda não abrandaram o namoro. Aperto as mãos contra a grade. Agora que nosso encontro duplo tornou-se um estranho encontro em forma de triângulo, deve estar tudo bem eu ir.

Vejo Shauna saindo do refeitório e aceno para ela.

— Não é esta noite o seu grande encontro com Ezequiel? — pergunta ela.

— *Ezequiel* — repito, balançando a cabeça. — Esqueci que esse era o nome dele na verdade. Sim, o meu encontro apenas acabou.

— Essa é boa — diz ela, rindo. — Durou quanto, dez minutos?

— Cinco — corrijo, e eu me pego rindo muito. — Aparentemente eu sou insensível.

— Não — ela diz com falsa surpresa. — Você? Mas você é tão sentimental e doce!

— Engraçadinha. Onde está Lynn?

— Ela começou a discutir com Hector. Nosso irmão mais novo — diz ela. — E eu os tenho ouvido fazer isso por, oh, pela vida inteira. Então saí. Pensei em ir para a sala treinamento, fazer algum exercício por lá. Quer ir?

— Sim — respondo. — Vamos.

Nos dirigimos para a sala de treinamento, mas então percebo que teremos que passar pelo mesmo corredor que Zeke e Maria estão ocupando para chegar lá. Tento parar Shauna com uma mão, mas é tarde demais, ela vê os dois corpos pressionados juntos, seus olhos arregalados. Ela para por um momento, e eu ouço ruídos de beijo que desejaria não ter ouvido. Então ela se move pelo corredor novamente, andando tão rápido que eu tenho que correr para alcançá-la.

— Shauna...

— Sala de treinamento — diz ela.

Quando chegarmos lá, ela vai imediatamente para o saco de pancadas, e eu nunca a vi golpear tão forte antes.

+ + +

— Embora possa parecer estranho, é importante para o alto nível da Audácia entender como alguns programas funcionam — diz Max. — O programa de vigilância na sala de controle é algo óbvio — um líder da Audácia muitas vezes terá que acompanhar as coisas que acontecem na facção. Depois, há os programas da simulação, que você tem que entender a fim de avaliar os iniciados da Audácia. Além do programa de rastreamento da moeda, que mantém o comércio corrente em nossa facção sem problemas, entre outros. Alguns programas são bastante sofisticados, o que significa que você terá que aprender habilidades computacionais facilmente, se você ainda não a tem. Isso é o que vamos fazer hoje.

Ele aponta para a mulher que está a seu lado esquerdo. Reconheço-a do jogo de Desafio. Ela é jovem, com mechas roxas em seu cabelo curto e mais piercings do que posso facilmente contar.

— A Lauren aqui lhes ensinará um pouco do básico, e depois iremos testá-los — diz Max. — Lauren é uma de nossas instrutoras de iniciação, mas em seu tempo livre ela atua como uma técnica de informática na sede da Audácia. É uma pequena parte Erudita dela, mas deixamos isso passar por uma questão de conveniência.

Max pisca para ela, e ela sorri.

— Vá em frente — diz ele. — Estarei de volta em uma hora.

Max sai, e Lauren bate as palmas uma vez.

— Certo — ela diz. — Hoje falaremos sobre como funciona a programação. Aqueles de vocês que já tem alguma experiência com isso, por favor, sintam-se livres para se adequar. O resto é melhor você manter o foco, porque eu não sou de repetir. É como aprender uma língua – memorizar as palavras não é o suficiente; você também tem que entender as regras e porque elas trabalham dessa maneira.

Quando eu era mais jovem, me voluntariei nos laboratórios de informática do edifício dos Níveis Superiores para cumprir as minhas horas de dever com a facção – e para sair da casa – e aprendi a pegar um computador desmontado e remontá-lo novamente. Mas nunca aprendi sobre programação. A próxima hora passa em um borrão de termos técnicos que mal consigo acompanhar. Tento anotar algumas observações em um pedaço de papel que encontrei no chão, mas ela está indo tão rápido que é difícil para a minha mão manter o mesmo ritmo dos ouvidos, de modo que eu abandono o esforço depois de alguns minutos e apenas tento prestar atenção. Ela mostra exemplos do que está falando em uma tela na parte dianteira da sala, e é difícil não se distrair com a vista das janelas atrás dela – desse ângulo a Pira mostra o horizonte da cidade, os pinos do Eixo perfurando o céu, o pântano que espreita entre o vislumbre dos edifícios.

Eu não sou o único que parece oprimido – os outros candidatos sussurram entre si freneticamente, pedindo definições que eles perderam. Eric, no entanto, se senta confortavelmente em sua cadeira, desenhando nas costas da mão. Sorrindo. Eu reconheço aquele sorriso. É claro que ele já sabe de tudo isso. Deve ter aprendido na Erudição, provavelmente quando era criança, ou então ele não pareceria tão presunçoso.

Antes que eu possa realmente registrar a passagem do tempo, Lauren pressiona um botão para a tela retirar-se para o teto.

— Na área de trabalho do seu computador, vocês encontrarão um arquivo marcado como “Teste de programação” — ela diz. — Abra-o. Ele irá levá-los a um exame cronometrado. Você passará por uma série de pequenos programas e deve marcar os erros que acha que são a causa do mau funcionamento. Podem ser coisas realmente grandes, como a ordem do código, ou coisas realmente pequenas, como uma palavra mal colocada ou marcada. Vocês não têm que corrigi-los agora, mas terá que ser capaz de identificá-los. Haverá um erro por programa. Comecem.

Todo mundo começa a clicar freneticamente em seus monitores. Eric se inclina para mim e diz:

— Será que a sua casa Careta *tinha* mesmo um computador, Quatro?

— Não — respondo.

— Bem, veja, é assim que você abre um arquivo — diz ele com um toque exagerado em sua tela. — Veja, se parece com papel, mas na verdade é apenas uma imagem em uma tela — você sabe o que é uma tela, certo?

— Cale a boca — eu digo enquanto abro o teste.

Encaro o primeiro programa. *É como aprender uma língua*, eu digo para mim mesmo. *Tudo tem que começar na ordem certa e terminar na ordem inversa. Apenas certifique-se de que tudo está no lugar certo.*

Eu não começo no início do código, em vez disso faço o meu caminho para baixo – procuro o núcleo mais interno do código dentro de todo o invólucro. Lá, noto que a linha de códigos termina no lugar errado. Eu marco o local e pressiono o botão com uma seta, que me

permitirá continuar o exame se eu estiver certo. A tela muda, me apresentando um novo programa.

Ergo minhas sobrancelhas. Devo ter absorvido mais do que eu pensava.

Eu começo o próximo da mesma forma, me movendo do centro do código para o exterior, checando o topo do programa e o fim, prestando atenção à cotação marcas, períodos e barras invertidas. Procurar por erros de código é estranhamente reconfortante, apenas uma maneira de ter certeza de que o mundo ainda está na mesma ordem em que deveria estar, e desde que esteja, tudo vai correr bem.

Eu esqueço todas as pessoas ao meu redor, até mesmo a linha do horizonte além de nós, esqueço sobre o que o término deste exame dirá. Só concentrar no que está em minha frente, no emaranhado de palavras em meu monitor. Percebo que Eric termina em primeiro lugar, muito antes de qualquer outra pessoa parecer pronta para concluir seu exame, mas eu tento não me preocupar. Mesmo quando ele decide ficar ao meu lado olhando por cima do meu ombro enquanto eu trabalho.

Finalmente, toco no botão de seta e uma nova imagem aparece. *EXAME COMPLETO*, diz.

— Bom trabalho — diz Lauren, quando ela passa para ver o meu monitor. — Você é o terceiro a terminar.

Eu me viro para Eric.

— Espere — eu digo. — Você não estava prestes a me explicar o que é uma tela? Obviamente eu *não* tenho conhecimentos de informática o suficiente, então eu realmente preciso de sua ajuda.

Ele olha furioso para mim, e eu sorrio.

+ + +

A porta do meu apartamento está aberta quando volto. Apenas alguns centímetros, mas eu sei que a fechei antes de sair. Abro-a com a ponta do tênis e entro com o coração batendo forte, esperando encontrar um intruso vasculhando minhas coisas, embora eu não tenha certeza de quem – um dos lacaios de Jeanine em busca de evidências de que eu seja diferente da mesma forma que Amar era, ou talvez Eric, procurando uma maneira de me emboscar. Mas o apartamento está vazio e inalterado.

Inalterado, exceto pelo papel sobre a mesa. Eu o pego lentamente, como se pudesse explodir em chamas ou se dissolver no ar. Há uma mensagem escrita nele em uma caligrafia pequenas e inclinada.

*No dia em que mais odiou*

*No momento em que ela morreu*

*No lugar onde você saltou pela primeira vez.*

No início as palavras são um absurdo para mim, acho que elas são uma piada, algo deixado aqui para me provocar, e funciona, porque sinto-me cambaleante. Sento em uma das cadeiras frágeis, duro, sem mover os olhos do papel. Li-o uma e outra vez, e a mensagem começa a tomar forma em minha mente.

*No lugar onde você saltou pela primeira vez.* Isso deve significar a plataforma de trem em que subi depois de ter acabado de entrar para a Audácia.

*No momento em que ela morreu.* Só há uma “ela” a que se poderia referir: minha mãe. Minha mãe morrera na calada da noite, quando eu acordara, o corpo já tinha ido embora, levado por meu pai e seus amigos da Abnegação. Sua hora de morte foi estimada em torno das duas horas da manhã, dissera ele.

*No dia em que mais odiou.* Essa é a mais difícil – se refere a um dia do ano, um aniversário ou um feriado? Nenhum desses está próximo, e não vejo por que alguém deixaria um bilhete com tanta antecedência. Deve referir-se a um dia da semana, mas que dia da

semana eu mais odeio? Isso é fácil – dias de reunião do conselho, porque o meu pai ficava fora até tarde e voltava para casa de mau humor. Quarta-feira.

Quarta-feira, duas da manhã, na plataforma de trem perto do Eixo. É esta noite. E só há uma pessoa no mundo que saberia todas essas informações: Marcus.

+ + +

Eu estou apertando o pedaço de papel em minha mão fechada em punho, mas não consigo senti-lo. Minhas mãos estão formigando e dormentes desde que pensei pela primeira vez em seu nome.

Deixei a porta do apartamento aberta, os meus sapatos estão desamarrados. Eu me movo ao longo das paredes do Abismo, sem perceber quão alto estou. Corro até a escada para a Pira, sem me sentir tentado a olhar para baixo. Zeke mencionou de passagem a localização da sala de controle alguns dias atrás. Só espero que ele esteja lá agora, porque vou precisar de sua ajuda se eu quiser acessar as filmagens do corredor do lado de fora do meu apartamento. Eu sei onde está a câmera, escondida no canto onde eles acham que ninguém vai notar. Bem, eu notei.

Minha mãe costumava observar essas coisas também. Quando andávamos pelo setor da Abnegação, só nós dois, ela me mostrava as câmeras, escondidas em bolhas de vidro escuro ou fixas nas bordas dos edifícios. Ela nunca dizia nada sobre elas, ou parecia preocupada, mas ela sempre sabia onde elas estavam, e quando passava por elas, fazia questão de olhar diretamente para a câmera, como se dissesse: *Eu também vi você*. Então eu cresci procurando, explorando, prestando atenção nos detalhes ao meu redor.

Subi de elevador até o quarto andar, em seguida, segui as indicações até a sala de controle. É um corredor curto, e na curva, a porta estava escancarada. Uma parede de telas me recebe – algumas pessoas estavam sentadas atrás dos monitores em suas mesas de trabalho, e depois há outras mesas ao longo das paredes, onde mais pessoas se sentam, cada um com uma tela própria.

Uma filmagem era trocada a cada cinco segundos, mostrando diferentes partes da cidade – os campos da Amizade, as ruas ao redor do Eixo, o complexo da Audácia, até mesmo o Mart Impiedoso, com seu grande átrio. Vislumbro o setor de Abnegação em uma das telas, em seguida, volto a procurar por Zeke. Ele está sentado em uma mesa na parede direita, digitando algo em uma caixa de diálogo na metade esquerda de sua tela, enquanto filmagens do Abismo aparecem na metade direita. Todos na sala estão usando fones de ouvido – ouvindo, eu presumo, a tudo o que eles deveriam estar assistindo.

— Zeke — chamo baixinho.

Alguns dos outros olham para mim, como se estivessem me repreendendo por me intrometer, mas ninguém diz nada.

— Ei! — ele diz. — Estou feliz que tenha vindo, eu estou entediado. O que há de errado?

Ele olha do meu rosto para o meu punho, ainda cerrado em torno do papel. Eu não sei como explicar, então nem tento.

— Eu preciso ver as filmagens do corredor do lado de fora do meu apartamento, desde as últimas quatro horas ou mais. Você pode ajudar?

— Por quê? O que aconteceu? — Zeke me pergunta.

— Tinha alguém andando por lá, e quero saber quem — respondo.

Ele olha em volta, verificando se alguém estava vendo. Ou ouvindo.

— Olha, eu não posso fazer isso, ainda não estamos autorizados a puxar coisas específicas a menos que vejamos algo estranho, está tudo em *loop*.

— Você me deve um favor, lembra-se? — insisto. — Eu jamais pediria se não fosse importante.

— É, eu sei.

Zeke olha em volta novamente, em seguida, fecha a caixa de diálogo que tinha aberto e abriu outra. Eu observo o código que ele digita para procurar as filmagens certas, e estou surpreso ao descobrir que entendo um pouco disso, após a lição do dia. Uma imagem aparece

na tela, de um dos corredores da Audácia perto do refeitório. Ele clica, e outra imagem aparece, esta do interior da do refeitório; a próxima é do estúdio de tatuagem, e em seguida, o hospital. Ele continua percorrendo o complexo da Audácia, e vejo as imagens enquanto elas vão passando, mostrando vislumbres momentâneos de vida comum na Audácia, as pessoas brincando com seus piercings enquanto esperam na fila por roupas novas, gente praticando socos na sala de treinamento. Vejo em um lampejo Max no que parece ser o seu escritório, sentado em uma das cadeiras, uma mulher em frente a ele. Uma mulher com cabelos loiros amarrados para trás em um nó apertado. Coloco a mão no ombro de Zeke.

— Espere — o papel em minha mão parece um pouco menos urgente. — Volte.

Ele o faz, e confirmo o que eu suspeitava: Jeanine Matthews está no escritório de Max, com uma pasta em seu colo. Suas roupas são totalmente coladas ao corpo, sua postura reta. Pego os fones de ouvido de Zeke, e ele fecha a cara para mim, mas não me para.

As vozes de Jeanine e de Max estão baixas, mas ainda posso ouvi-los.

— Eu os rebaixei a seis — Max está dizendo. — Eu diria que é muito bom para o... o quê? O segundo dia?

— Isto é ineficiente — Jeanine fala. — Nós já temos o candidato. Eu asseguro. Esse sempre foi o plano.

— Você nunca me perguntou o que eu achava do plano, e está é a minha parte — Max diz secamente. — Eu não gosto dele, e não quero passar todos os meus dias trabalhando com alguém de quem não gosto. Então você terá que me deixar pelo menos, tentar encontrar alguém que atenda a todos os critérios...

— Tudo bem — Jeanine estava pressionando sua pasta contra o estômago. — Mas quando você não conseguir isso, espero que admita. Não tenho paciência para orgulho da Audácia.

— É claro, porque a Erudição é mesmo muito humildade — Max responde amargamente.

— Ei — Zeke sussurra. — Meu supervisor está olhando, me devolva os fones.

Ele puxa os fones das minhas orelhas com força, me machucando um pouco no processo, fazendo-as arder.

— Você tem que sair daqui ou vou perder meu emprego — Zeke diz.

Ele parece sério e preocupado. Eu não me oponho, apesar de não ter descoberto o que precisava saber – foi minha própria culpa ele ter se distraído de qualquer maneira.

Saio da sala de controle, minha mente disparando, metade de mim ainda apavorado com a ideia de que meu pai esteve no meu apartamento, que ele queira que eu o encontre sozinho em uma rua abandonada no meio da noite, a outra metade confusa com o que acabei de ouvir. *Nós já temos o candidato. Eu asseguro.* Eles devem ter falado sobre o candidato à liderança de Audácia. Mas por que é que Jeanine Matthews está preocupada com quem será apontado como o próximo líder da Audácia?

Faço o caminho de volta para o meu apartamento sem prestar atenção, em seguida, me sento na beira da cama e olho para a parede oposta. Eu fico pensando, pensamentos distintos, mas igualmente frenéticos. *Por que Marcus quer se encontrar comigo? Por que a Erudição está envolvida na política da Audácia? Será que Marcus quer me matar sem testemunhas, ou ele quer me alertar sobre alguma coisa? Ou me ameaçar...? Quem era o candidato de quem eles estavam falando?*

Pressiono as mãos na testa e tento me acalmar, embora eu sinta cada pensamento nervoso como uma pontada na parte de trás da minha cabeça. Eu não posso fazer nada sobre Max e Jeanine agora. O que tenho que decidir agora é se irei ao encontro desta noite.

*Esse é o dia que mais odiei.* Eu nunca soube que Marcus notava em mim, sabia das coisas que eu gostava ou detestava. Parecia que ele só me via como alguém inconveniente, alguém irritante. Mas não aprendi algumas semanas atrás que ele sabia que as simulações não funcionariam em mim, e tentou me ajudar a ficar fora de perigo? Talvez, apesar de todas as coisas horríveis que ele fez e disse para mim, haja uma parte dele que é na verdade o meu pai, talvez seja essa a parte dele que está me convidando para esse encontro, e ele está tentando me mostrar, me dizendo que me conhece, que sabe o que eu odeio, o que amo, o que temo. Eu não sei por que esse pensamento me enche de esperança, mesmo eu tendo o

odiado por tanto tempo. Mas talvez, assim como há uma parte dele que é realmente meu pai, talvez haja também uma parte de mim que é realmente seu filho.

+ + +

Ainda sinto o calor do sol saindo da calçada à uma e meia da manhã, quando deixo o complexo da Audácia. Posso senti-lo em meus pés. A lua está encoberta pelas nuvens, por isso as ruas estão mais escuras do que o habitual, mas eu não tenho medo do escuro, ou das ruas, não mais. Essa é uma das coisas que se pode aprender sendo um iniciado da Audácia.

Respiro o cheiro de asfalto quente e vou andando lentamente, meu tênis batendo no chão. As ruas que cercam o setor da Audácia da cidade estão vazias. Minha vida solitária está cada vez mais separada de todo o mundo, diferente das outras pessoas que se parecem com uma matilha de cães dormindo. Percebo que é por isso que Max parecia tão preocupado com a minha vida solitária. Se eu estou realmente na Audácia, eu não deveria querer que a minha vida se misturasse com a deles tanto quanto possível, não deveria procurar maneiras de me afundar na vida da facção até que nós fôssemos totalmente inseparáveis?

Eu considero tudo isso enquanto corro. Talvez ele esteja certo. Talvez eu não esteja fazendo um trabalho muito bom de integração; talvez eu não esteja me esforçando o suficiente. Continuo em um ritmo constante, vendo as placas das ruas ao passar por elas, tentando manter o controle de onde estou indo. Sei que quando eu alcançar o anel de edifícios haverá pessoas por aquele lado, porque posso ver suas sombras se movendo ao redor das luzes contra a janela. Passo a caminhar sobre os trilhos do trem, a madeira das treliças estendendo-se muito à frente de mim e curvando-se para longe da rua.

O Eixo cresce cada vez mais aos meus olhos enquanto me aproximo. Meu coração está batendo muito rápido, mas não acho que seja pelo fato de eu estar correndo. Paro bruscamente quando chego à plataforma do trem, e enquanto estou ao pé da escada, recuperando o fôlego, eu me lembro de quando escalei pela primeira aqueles degraus, o mar de Audaciosos vaiando e se movendo em volta de mim, me empurrando para frente. Foi fácil ser carregado por seu ímpeto. Mas eu tenho que continuar agora. Começo a subir, meus passos ecoando no metal, e quando chego ao topo, verifico meu relógio. Duas horas.

Mas a plataforma está vazia.

Ando de um lado para o outro, para garantir que nenhuma sombra fique escondida em cantos escuros. Ouço trem à distância, e faço uma pausa para olhar os faróis que se aproximam. Eu não sabia que os trens funcionavam a esta hora – toda a energia na cidade deveria ser desligada depois da meia-noite para economizar energia. Eu me pergunto se Marcus pediu à facção por um favor especial. Mas por que ele viajaria de trem? O Marcus Eaton que conheço nunca se atreveria a se associar tão intimamente com a Audácia. Ele preferiria andar pelas ruas com os pés descalços.

A luz do trem pisca, apenas uma vez, antes de passar pela plataforma. Ele freia e balança, andando devagar, mas sem parar, e vejo alguém saltando do segundo ao último carro, enxuta e ágil. Não Marcus. Uma mulher. Eu aperto o papel mais forte na minha mão, e mais forte, até que meus dedos doem. A mulher caminha em minha direção, e quando ela está a poucos metros de distância, eu posso vê-la. Longos cabelos crespos. Nariz proeminente em forma de gancho. Calça preta da Audácia, camisa cinza da Abnegação, botas marrons da Amizade. O rosto dela é alinhado, gasto, fino. Mas eu sei quem é ela, eu nunca poderia esquecer seu rosto: minha mãe, Evelyn Eaton.

— Tobias.

Ela segura a respiração, de olhos arregalados, como se estivesse tão espantada comigo como eu estou com ela, mas isso é impossível. Ela sabia que eu estava vivo. Mas eu me lembro da urna contendo as cinzas dela em cima da lareira do meu pai, marcada com suas impressões digitais. Eu me lembro do dia em que acordei em um grupo grande da Abnegação enquanto meu pai estava na cozinha e como todos eles olharam para cima quando eu entrei, e como Marcus me explicou, com simpatia, mesmo eu sabendo que ele não sentia nada, que a

minha mãe tinha passado, no meio da noite, pelas complicações do início de trabalho de parto e então um aborto.

*Ela estava grávida?* Eu me lembro de perguntar.

*É claro que ela estava, filho.* Ele se virou para as outras pessoas na nossa cozinha. *Ele está apenas chocado, é claro. Algo normal, com um acontecimento desses.*

Eu me lembro de estar com um prato cheio de comida, na sala de estar, com um grupo da Abnegação murmurando em torno de mim, toda a vizinhança arrumando a casa e ninguém dizia nada para me consolar.

— Eu sei que isso deve ser... chocante para você — ela fala.

Quase não reconheço sua voz; é mais baixa, forte e dura do que em minhas lembranças dela, e é assim que sei que os anos mudaram-na. São muitas coisas administrar, muitos sentimentos fortes para controlar, e então, de repente, eu não sinto absolutamente nada.

— Você deveria estar morta — eu digo categórico.

É uma coisa estúpida de se dizer. A coisa mais estúpida de se dizer a sua mãe quando ela volta dos mortos, mas é uma situação estúpida.

— Eu sei — ela diz, e acho que ela está com lágrimas nos olhos, mas está escuro demais para ter certeza. — Eu não estou morta.

— Obviamente — a voz que vem da minha boca é sarcástica, casual. — Alguma vez você esteve mesmo grávida?

— Grávida? Foi isso o que eles te disseram, alguma coisa sobre morrer no parto? — Ela balança a cabeça. — Não, eu não estava. Eu estava planejando a minha fuga há meses. Eu precisava desaparecer. Pensei que ele poderia lhe dizer quando tivesse idade suficiente.

Deixei escapar uma risada curta, quase um rosnado.

— Você achou que *Marcus Eaton* admitiria que sua esposa o deixou? Admitiria para mim?

— Você é o filho dele — Evelyn respondeu, franzindo a testa. — Ele te ama.

Em seguida, toda a tensão da última hora, das últimas semanas, dos últimos *anos* se erguem dentro de mim, é muito para se conter, e eu realmente rio. Mas soa estranho, mecânico. Isso me assusta, mesmo que seja a minha própria risada.

— Você tem o direito de estar com raiva por ter sido enganado... — ela começa. — Gostaria de estar com raiva, também. Mas Tobias, eu tive que sair, eu sei que você entende o por que... — Ela chega perto de mim, e eu seguro seu pulso para afastá-la.

— Não toque em mim!

— Tudo bem, tudo bem — ela coloca as mãos para cima e se afasta.

— Mas você entende, você tem que estender.

— *Entender o quê?* Que você me deixou sozinho em uma casa com um maníaco sádico?

Parece que algo dentro dela está entrando em colapso. Suas mãos caem para os lados, como dois pesos. Seus ombros caem. Até mesmo seu semblante cai, enquanto tudo repercute em sua expressão e eu não sei o que dizer, o que devo dizer.

Cruzo os braços e coloco os ombros para trás, tentando parecer tão grande e forte e o mais duro possível. É mais fácil agora, no escuro da Audácia, do que jamais foi no cinza da Abnegação, e talvez seja por isso que eu escolhi a Audácia como um refúgio. Não por maldade, ou para ferir Marcus, mas porque eu sabia que esta vida iria me ensinar uma maneira de ser mais forte.

— Eu... — ela começou.

— Pare de desperdiçar meu tempo. O que estamos fazendo aqui? — Lanço o bilhete amassado no chão entre nós e levanto as sobancelhas para ela. — Faz sete anos desde que você morreu, e você nunca tentou fazer essa revelação dramática antes, então o que há de diferente agora?

No início, ela não responde. Em seguida, ela se reconstrói, visivelmente, e diz:

— Nós, sem facção, gostamos de manter um olho nas coisas. Coisas como a Cerimônia de Escolha. Desta vez, os nossos observadores me disseram que você escolheu Audácia. Eu teria ido atrás de você, mas eu não quis arriscar. Eu me tornei um... um tipo de líder para os sem facção, e é importante eu não me expor.

Sinto aquele gosto azedo.

— Bem, que ótimo... Que pais importantes eu tenho. Eu sou muito sortudo.

— Isto não é como você acha — diz ela. — Não há nem mesmo uma pequena parte de você feliz em me ver novamente?

— Feliz em te ver novamente? Eu mal me lembro de você, Evelyn. Vivi minha vida toda sem você.

Sua feição se contorce. Acertei na ferida dela. Estou feliz por isso.

— Quando você escolheu a Audácia — ela continua lentamente. — Eu sabia que era hora de vir até você. Sempre planejei encontrá-lo depois que você escolhesse e estivesse em sua própria facção, de modo que eu poderia convidá-lo a se juntar a nós.

— Me juntar a vocês — repeti. — Me tornar um sem facção? Por que eu iria querer isso?

— Nossa cidade está mudando, Tobias.

É a mesma coisa que Max disse ontem.

— Os sem facção estão se unindo, e por isso a Audácia e a Erudição também. Em breve, todos terão de escolher um lado, e eu sei que se você preferiria estar conosco. Acho que você pode realmente fazer a diferença com a gente.

— Você sabe com qual deles eu preferiria estar. Realmente. Eu não sou um traidor de facção. Eu escolhi Audácia; que é aonde eu pertencço.

— Você não é um daqueles idiotas em busca de perigo — ela exclama — assim como você não era um robô Careta sufocado. Você pode ser maior do que qualquer um, maior do que qualquer facção.

— Você não tem ideia do que eu sou ou do que posso ser. Eu fui o primeiro classificado dos iniciados. Eles querem que eu seja um líder da Audácia.

— Não seja ingênuo — ela diz, estreitando os olhos para mim. — Eles não querem um novo líder; eles querem um peão que possam manipular. É por isso que Jeanine Matthews frequenta a sede de Audácia, é por isso que ela continua plantando servos em sua facção para se informar sobre os seus comportamentos. Você não percebeu que ela parece estar ciente das coisas que acontecem e das mudanças na formação de Audácia, como uma nova experiência? Como se a Audácia fosse mudar algo assim.

Amar nos disse que as paisagens do medo não costumavam vir em primeiro lugar na iniciação da Audácia, que era algo novo que eles estavam tentando. Um experimento. Mas ela está certa; Audácia não é de fazer experimentos. Se eles estivessem realmente preocupados com praticidade e eficiência, eles não se incomodariam em nos ensinar a atirar facas.

E depois tem Amar, que acabou morto.

Eu não fui aquele que acusou Eric de ser um informante? Eu já não suspeitava há semanas que ele ainda estava em contato com a Erudição?

— Mesmo que você esteja certa — eu digo, e toda a energia maliciosa sai de mim. Eu me aproximo dela. — Mesmo que você esteja certa sobre a Audácia, eu nunca iria me juntar a você — tento manter minha voz estável e continuo. — Eu nunca mais quero te ver novamente.

— Eu não acredito em você — ela diz baixinho.

— Não me importa em que você acredita.

Eu passo por ela, indo em direção à escada por onde subi para chegar até a plataforma. Ela grita atrás de mim:

— Se você mudar de ideia, qualquer mensagem dada a um dos sem facção chegará até mim.

Eu não olho para trás. Corro pelas escadas e pelas ruas, para longe da plataforma. Eu nem sei se estou indo na direção certa, só o que quero é estar o mais longe possível dela.

+ + +

Eu não durmo.

Ando em volta do meu apartamento, inquieto. Tiro os restos da minha vida da Abnegação das minhas gavetas e despejo tudo no lixo, a camisa rasgada, as calças, os sapatos, as meias, até o meu relógio. Em algum ponto, por volta do nascer do Sol, lanço o barbeador elétrico contra o chuveiro da parede, e ele se quebra em várias partes.

Uma hora depois do amanhecer, vou para o estúdio de tatuagem. Tori já está lá, bem, “lá” pode ser uma palavra muito forte, porque seus olhos estão inchados de sono e sem foco, e ela está apenas fazendo o seu café.

— Há alguma coisa errada? — ela pergunta. — Eu não estou realmente aqui. Tenho de ir a uma corrida com o Bud, aquele maníaco.

— Espero que possa abrir uma exceção — digo-lhe.

— Não são muitas pessoas que vêm aqui com pedidos de tatuagens urgentes — ela comenta.

— Há uma primeira vez para tudo.

— Está certo — ela se senta, mais desperta agora. — Alguma coisa em mente?

— Você tinha um desenho quando fomos ao seu apartamento há umas semanas. Eram os símbolos de todas as facções juntas. Ainda o tem?

Ela endurece.

— Você não devia ter visto aquilo.

Eu sei por que não devia ter visto, o porquê de ela não querer torná-lo público. O desenho sugere tendências a outras facções, em vez de afirmar a supremacia da Audácia, como se supõem que as tatuagens fazem.

Membros da Audácia já estabelecidos preocupam-se demais com a aparência dos Audaciosos, e eu não sei o que acontece, que tipo de coisas acontecem às pessoas que podem ser chamadas de – traidores de facção – mas é por isso que estou aqui.

— Esse é o ponto — digo. — Quero a tatuagem.

Pensei sobre isso no caminho de casa, quando lembrava no que a minha mãe dizia uma e outra vez: *Você pode ser maior do que qualquer um, maior do que qualquer facção*. Pensei que para que eu fosse maior do que qualquer facção, eu teria que deixar este lugar e as pessoas que me acolheram como se fosse uma das suas; teria que desculpá-las e deixar de ser consumido pelo seu estilo de vida e crenças.

Mas eu não tenho que sair, e não tenho que fazer nada que eu não queira. Posso ser mais do que qualquer facção aqui na Audácia; talvez eu seja algo mais, e é tempo de mostrar isso.

Tori olha em volta, os seus olhos saltam em direção à câmara no canto, uma em que eu reparei quando entrei. Ela é do tipo que também repara nas câmeras.

— É apenas um desenho estúpido — ela diz em voz alta. — Vamos lá, você está claramente chateado – nós podemos falar sobre isso, encontrar algo melhor para você fazer.

Ela aponta para a parte de trás do estúdio, depois do depósito, para o seu apartamento. Nós passamos pela cozinha em mau estado até à sala de estar, onde os seus desenhos ainda estão espalhados pela mesa na mesa do café.

Ela procura no meio das páginas até que encontra um desenho como aquele de que eu falava, as chamas da Audácia, as mãos em concha da Abnegação, as raízes da árvore da Amizade crescendo por baixo do olho da Erudição, que está equilibrado por baixo da balança da Franqueza. Todos os símbolos das facções organizados uns sobre os outros.

Ela o ergue, e eu aceno.

— Eu não posso fazer isto num lugar onde as pessoas vão ver o tempo todo — ela me fala. — Isso faria com que você fosse um alvo ambulante. Um suspeito de ser traidor de sua facção.

— Eu a quero nas minhas costas — explico. — Cobrindo a minha espinha.

As feridas do último dia com meu pai estão agora curadas, mas quero me lembrar de onde elas estavam; quero me lembrar do que escapei enquanto for vivo.

— Você realmente não faz as coisas por metade, é claro — ela suspira. — Vai levar muito tempo. Várias sessões. Nós vamos ter que fazê-las aqui, depois do expediente, porque eu não vou deixar aquelas câmeras captarem, mesmo que eles não se deem ao trabalho de olhar para cá na maior parte do tempo.

— Tudo bem.

— Sabe, o tipo de pessoa que tem esta tatuagem provavelmente é daquelas que deveriam se manter escondidas — ela diz, olhando-me pelo canto do olho. — Ou então alguém começará a pensar que ela é Divergente.

— Divergente?

— É uma palavra que nós temos para as pessoas que estão conscientes durante as simulações, que se recusam a ser caracterizadas — Tori me explica. — Uma palavra que não se fala sem cuidado, porque essas pessoas normalmente morrem de maneiras misteriosas.

Ela está com os cotovelos apoiados nos joelhos, casualmente, enquanto desenha a tatuagem que quero para o papel de transferência. Os nossos olhos se encontram, e eu percebo: *Amar*. Amar estava consciente durante as simulações, e agora está morto.

Amar era Divergente.

Assim como eu.

— Obrigada pela aula de vocabulário — digo-lhe.

— Sem problemas — ela volta ao seu desenho. — Tenho a impressão de que gosta de se colocar em perigo.

—E?

— Nada, é só uma grande qualidade da Audácia, para alguém que obteve Abnegação no teste de aptidão — a boca dela se contrai. — Vamos começar. Vou deixar um bilhete para Bud; ele pode correr sozinho só desta vez.

+ + +

Talvez Tori esteja certa. Talvez eu goste de me por em perigo; talvez haja um traço masoquista dentro de mim que usa a dor para lidar com a dor. A leve queimação que me segue no meu dia seguinte no treinamento de liderança certamente torna mais fácil me focar no que estou prestes a fazer, em vez da indiferença da minha mãe, a sua voz baixa e da maneira como a empurrei para longe de mim quando ela tentou me confortar.

Nos anos seguintes à sua morte, eu costumava sonhar que ela voltaria à vida no meio da noite, passaria a mão pelo meu cabelo e diria algo confortante mas sem sentido, como *Vai ficar tudo bem* ou *Vai ficar melhor algum dia*. Mas depois parei de me permitir sonhar, porque era mais doloroso tê-la em imaginação e lidar com o que estava na minha frente. Ainda agora não quero imaginar como seria reconciliar-me com ela, como seria ter uma mãe. Estou demasiado velho para ouvir disparates reconfortantes. Demasiado velho para acreditar que tudo vai ficar bem.

Verifico o topo do curativo que aparece pelo meu colarinho para ter a certeza de que está seguro.

Tori esboçou os primeiros dois símbolos esta manhã, Audácia e Abnegação, que vão ser maiores que os outros, porque são a facção que escolhi e a facção para a qual tenho aptidão, respectivamente – ao menos, penso que tenho aptidão para Abnegação, mas é difícil para mim ter certeza. Ela me disse para mantê-los escondidos. As chamadas de Audácia é o único símbolo que fica à vista quando estou vestido com a camiseta, e eu não estou em posição de tirar a minha camisa em público muitas vezes, por isso duvido que seja um problema.

Todos os outros já estão na sala de conferência, e Max está falando com eles. Sinto uma espécie de cansaço imprudente enquanto passo pela porta e sento no meu lugar. Evelyn estava errada sobre muitas coisas, mas não estava errada sobre Audácia – Jeanine e Max querem liderar Audácia, eles querem um peão, e é por isso que estão selecionando os mais novos de nós, porque os jovens são mais fáceis de ser controlados e modelados. Eu não vou ser controlado e modelado por Jeanine Matthews. Não vou ser um peão, nem para eles, nem para a minha mãe e muito menos para o meu pai; não vou pertencer a ninguém senão a mim próprio.

— Que bom que pôde se juntar a nós — Max comenta. — Esta reunião perturbou o seu sono?

Os outros riem, e Max continua.

— Como estava dizendo, hoje eu gostaria de ouvir as suas ideias de sobre como melhorar a Audácia — a visão que vocês têm para a nossa facção nos próximos anos. Vou me juntar a vocês em grupos por idade, os mais velhos primeiro. O resto de vocês pense em algo bom para dizer.

Ele sai com os três candidatos mais velhos. Eric está exatamente à minha frente, e reparo que ele tem mais metal na cara do que da última vez que o vi — agora tem argolas entre as sobrancelhas. Em breve ele vai se parecer mais com uma almofada de alfinetes do que com um ser humano. Talvez esse seja o ponto — estratégia. Ninguém que olhar para ele agora o confundiria com um Erudito.

— Os meus olhos me enganam, ou você se atrasou para a reunião porque foi fazer uma tatuagem? — ele diz, apontando para o canto do curativo que está visível por cima do meu ombro.

— Perdi a noção do tempo. Parece que um monte de metal se agarrou à sua cara recentemente. Seria melhor ver isso.

— Engraçado. Não tinha a certeza de que alguém com a sua história poderia possivelmente desenvolver um senso de humor. O seu pai não parece do tipo que o permite.

Sinto uma pontada de medo. Ele está muito perto de dizer o meu nome na frente dessa sala cheia de gente, e ele quer que eu saiba que ele conhece meu nome, e que pode usá-lo contra mim sempre que quiser.

Não consigo fingir que não me incomoda. A dinâmica de poder mudou, e não posso fazê-la mudar novamente.

— Acho que sei quem te disse isso — falo.

Jeanine Matthews sabe o meu nome e o meu sobrenome. Ela deve ter-lhe contado.

— Eu tinha quase certeza — ele diz numa voz baixa. — Mas as minhas suspeitas foram confirmadas através de uma fonte confiável, sim. Você não é tão bom em esconder segredos como pensa, Quatro.

Eu o ameaçaria, lhe diria que se ele revelasse o meu nome para os integrantes da Audácia, eu revelaria as suas ligações com a Erudição. Mas não tenho nenhuma prova, e a Audácia não gosta da Abnegação mais do que da Erudição, de qualquer maneira.

Recosto-me na cadeira e espero.

As outras filas saem quando são chamadas, e rapidamente somos os únicos que restam. Max faz o seu caminho pelo corredor e acena para nós da porta, sem uma palavra. Nós o seguimos até seu escritório, que reconheço pelas filmagens da reunião de ontem com a Jeanine Matthews. Uso a memória dessa conversa para me preparar pelo o que vem a seguir.

— Então — Max dobra as suas mãos em cima da escrivaninha, e de novo estou impressionado sobre como é estranho vê-lo num ambiente limpo e formal.

Ele pertence a uma sala de treinamento, batendo em um saco de pancadas, ou ao lado do Abismo, inclinando-se sobre a rede. Não sentado em uma mesa de madeira rodeado de papéis.

Olho pela janela do complexo para o setor da Audácia da cidade. Alguns metros mais longe consigo ver a borda do buraco por onde pulei quando escolhi a Audácia, e o telhado em que estava pouco antes disso. *Eu escolhi a Audácia*, falei à minha mãe ontem. *É aonde pertença*.

Será mesmo a verdade?

— Eric, vamos começar por você — Max diz. — Tem ideias para o avanço e desenvolvimento da Audácia?

— Tenho — Eric se senta. — Penso que precisamos fazer algumas mudanças, e que elas deveriam começar durante a iniciação.

— Que tipo de mudanças tem em mente?

— A Audácia sempre foi ligada a um espírito competitivo — Eric diz. — A competição nos faz melhor; revela o melhor, a nossa parte mais forte. Penso que a iniciação deve promover esse espírito de competição mais do que faz atualmente, para produzir os melhores iniciados possíveis. Agora os iniciados só competem contra o sistema, esforçando-se por um

determinado resultado para seguirem em frente. Eu acho que eles deveriam competir uns contra os outros por lugares na Audácia.

Não consigo evitar; eu me viro e o encaro. Um número limitado de membros? Numa facção? Depois de apenas *duas semanas* de treino de iniciação?

— E se eles não conseguirem um lugar?

— Eles tornam-se sem facção — ele responde. Engulo uma risa irônica. Eric continua: — Se nós acreditamos que a Audácia é realmente a facção superior, que os seus objetivos são mais importantes do que os objetivos das outras facções, então se tornar um de nós deveria ser uma honra e um privilégio, não um direito.

— Você está brincando? — pergunto, incapaz de me conter por mais tempo. — As pessoas escolhem uma facção porque os seus valores são os mesmos que os valores dessas facções, não porque eles já são peritos no que a facção ensina. Estaria expulsando pessoas da Audácia só porque não são fortes o suficiente para saltar de um trem ou vencer uma luta. Favoreceria os maiores, mais fortes e impiedosos mais do que os pequenos, inteligentes e corajosos — não melhoraria a Audácia de todo.

— Tenho certeza de que os pequenos e inteligentes estariam melhor na Erudição, ou com vestimentas cinzentas — Eric diz com um sorriso torto. — E não acho que você esteja dando aos nossos potenciais novos membros da Audácia crédito suficiente, Quatro. Este sistema favoreceria os mais determinados.

Olho para Max. Espero que ele não se pareça impressionado pelo plano do Eric, mas ele parece.

Ele está inclinado para frente, com foco no rosto perfurado de Eric como se isso o inspirasse.

— Este é um debate interessante — Max diz. — Quatro, como você melhoraria a Audácia, senão fazendo a iniciação mais competitiva?

Balanço a cabeça, olhando para a janela outra vez. *Você não é um daqueles idiotas em busca de perigo*, a minha mãe me disse.

Mas essas são as pessoas que Eric quer na Audácia: idiotas que procuram o perigo. Se Eric é um laçao de Jeanine Matthews, então porque Jeanine iria encorajá-lo a propor este tipo de plano?

Oh. Porque estúpidos, tolos em busca de perigo são mais fáceis de controlar, mais fáceis de manipular. Obviamente.

— Eu melhoraria a Audácia promovendo uma bravura verdadeira em vez de estupidez e brutalidade — eu digo. — Retire os lançamentos das facas. Prepare as pessoas física e mentalmente para defender os fracos dos fortes. Isso é o que nosso manifesto incentiva — atos comuns de bravura. Acho que devemos voltar a ser assim.

— E depois todos damos as mãos e cantamos juntos, certo? — Eric revira os olhos. — Você quer transformar a Audácia na Amizade.

— Não. Eu quero ter a certeza de que ainda sabemos pensar por nós mesmos, pensar mais além da próxima onda de adrenalina. Ou apenas pensar, ponto. Dessa maneira não podemos ser controlados pelo exterior.

— Soa bastante como a Erudição para mim — Eric observa.

— A habilidade de pensar não é exclusiva de alguém Erudito — replico. — A habilidade de pensar em situações estressantes é supostamente o que as paisagens do medo deviam desenvolver.

— Muito bem, muito bem — Max diz, erguendo as suas mãos. Ele parece preocupado. — Quatro, lamento dizer isto, mas você soa um pouco paranoico. Quem iria nos controlar, ou tentaria fazer isso? As facções coexistem pacificamente há mais tempo do que possa acreditar, não há razão para mudar isso.

Abro a boca para dizer que ele está errado, que no segundo em que deixou Jeanine Matthews se envolver nos assuntos da nossa facção, no segundo em que a deixou plantar transferidos Eruditos leais no nosso programa de iniciação, no segundo em que ele começou a se consultar com ela sobre quem nomear como o próximo líder de Audácia, ele comprometeu o

sistema de freios e contrapesos que nos permitiu coexistir pacificamente por tanto tempo. Mas então percebo que dizer-lhe essas coisas seria acusá-lo de traição, e revelaria o quanto sei.

Max olha para mim, e consigo perceber o desapontamento em seu rosto. Eu sei que ele gosta de mim – gosta mais de mim do que de Eric, pelo menos. Mas a minha mãe estava certa ontem – Max não quer alguém como eu, alguém que consiga pensar por si mesmo, desenvolver a sua própria ideia. Ele quer alguém como Eric, que vai ajudá-lo a estabelecer as novas normas da Audácia, que vai ser fácil de manipular simplesmente porque ele ainda está na sombra de Jeanine Matthews, alguém com quem Max está estreitamente aliado.

A minha mãe apresentou-me duas opções ontem: ser um peão da Audácia, ou tornar-me um sem facção. Mas há uma terceira opção: não ser nenhum dos dois. Ser dono de mim mesmo, não seguir ninguém. Viver fora do radar, livre. Isso é o que eu realmente quero – derrubar todas as pessoas que querem me moldar e manipular, um por um, e aprender a me formar e moldar a mim mesmo.

— Para ser honesto, senhor, eu não penso que este seja o lugar certo para mim — digo calmamente. — Eu lhe disse quando me perguntou pela primeira vez que eu gostaria de ser um instrutor, e penso que estou percebendo mais e mais que é aonde eu pertencço.

— Eric, poderia nos dar licença por um minuto, por favor? — Max pede.

Eric, que mal consegue conter a sua alegria, acena e sai. Eu não o vejo sair, mas eu apostaria todos os meus créditos que ele está dando pequenos saltinhos enquanto volta pelo corredor.

Max levanta-se e senta-se ao meu lado, na cadeira em que Eric ocupava.

— Espero que não esteja dizendo isso por eu ter-lhe dito que é paranoico — Max diz. — Eu estava apenas preocupado com você. Temo que a pressão esteja sendo demais, fazendo com que deixe de pensar claramente. Eu continuo a pensar que é um forte candidato para a liderança. Você se encaixa perfeitamente no perfil que procuramos, demonstrou proficiência com tudo o que temos lhe ensinado – e por trás disso, muito francamente, você é bem mais simpático do que os outros candidatos promissores, o que é importante num ambiente de trabalho unido.

— Obrigado — respondo. — Mas você tem razão, a pressão está me afetando. E a pressão se eu fosse realmente um líder seria muito pior.

Max acena tristemente.

— Bem — ele acena novamente. — Se gostaria de ser um instrutor de iniciação, arranjaréi isso para você. Mas esse é um trabalho sazonal – onde gostaria de ser colocado no resto do ano?

— Eu estava pensando talvez na sala de controle. Descobri recentemente que gosto de trabalhar com computadores. Acho que não faria patrulhas com tanto gosto.

— Tudo bem — Max diz. — Considere-o feito. Obrigado por ser honesto comigo.

Levanto-me, e sinto um alívio. Ele parece preocupado, simpático. Não desconfia de mim, nem dos meus motivos ou paranoia.

— Se alguma vez mudar de ideia, não exite em me falar. Nós sempre poderíamos usar alguém como você.

— Obrigado — agradeço, e mesmo pensando que ele é o maior traidor de facção que já conheci, e provavelmente é responsável em parte pela morte de Amar, não consigo evitar, mas sinto-me um pouco agradecido por ele me deixar ir tão facilmente.

+ + +

Eric está a minha espera quando viro a esquina. Enquanto tento passar por ele, ele agarra-me o braço.

— Tome cuidado, Eaton — ele murmura — se alguma coisa sobre o meu envolvimento com a Erudição escapar, você não vai gostar do que vai te acontecer.

— Você também não vai gostar do que vai te acontecer, se alguma vez voltar a me chamar por esse nome novamente.

— Em breve serei um dos seus líderes — Eric me lembra, sorrindo — e acredite em mim, eu vou manter um olho muito, mas muito perto de você e em como vai implementar os meus novos métodos de treinamento.

— Ele não gosta de você, sabe? Max, quero dizer. Ele prefere ter outra pessoa qualquer em vez de você. Ele não vai te dar nem um centímetro de espaço. Então, boa sorte com a sua trela curta.

Tiro o meu braço das suas mãos e caminho até aos elevadores.

+ + +

— Nossa — Shauna diz. — Esse é um mau dia.

— Sim.

Ela e eu estamos sentados perto do fosso com os nossos pés sobre a borda. Descanso a cabeça contra as barras de metal que nos impede de cair para as nossas mortes, e sinto os pingos de água contra os meus tornozelos quando uma das ondas grandes bate na parede.

Eu lhe contei sobre ter desistido do programa de liderança e da ameaça de Eric, mas não falei sobre a minha mãe. Como é que se diz a alguém que a nossa mãe voltou dos mortos?

Durante toda a minha vida, alguém tem tentado me controlar. Marcus era o tirano na nossa casa, e nada acontecia sem a sua permissão. E depois Max queria recrutar-me como o seu puxa-saco da Audácia. E até a minha mãe tinha um plano para mim, que eu me juntasse a ela quando alcançasse certa idade para trabalhar contra o sistema de facções que *ela* tem algo contra, por qualquer razão. E quando pensava que tinha escapado de todos os controladores, Eric fez questão de me lembrar de que se ele se tornasse um líder, ele me vigiaria.

Tudo o que tenho, percebo, são os pequenos momentos de rebelião que sou capaz de controlar, tal como quando estava na Abnegação, recolhendo os objetos que encontrava na rua. A tatuagem que Tori está fazendo para mim nas costas, aquela que pode declarar que sou Divergente, é um desses momentos. Vou ter que procurar por mais disso, mais breves momentos de liberdade num mundo que se recusa a permiti-lo.

— Onde está Zeke? — pergunto.

— Eu não sei — ela responde — não tive muita vontade de estar com ele recentemente.

Olho para o lado, para Shauna.

— Você poderia apenas dizer-lhe que gosta dele, sabe. Eu honestamente penso que ele não tem ideia.

— Isso é óbvio — ela diz, resmungando. — Mas e se for isto o que ele quer – apenas passar um tempo com cada uma? Eu não quero ser uma dessas garotas com quem ele fica.

— Eu duvido seriamente que seria assim. Mas é justo.

Ficamos sossegados por uns segundos, os dois olhando para o curso da água lá embaixo.

— Você será um bom instrutor — ela observa. — Foi bom ao me ensinar.

— Obrigado.

— *Aí* estão vocês — Zeke diz por trás de nós. Ele traz uma grande garrafa cheia de um líquido qualquer meio castanho, segurando-a pelo gargalo. — Vamos. Encontrei uma coisa.

Shauna e eu nos entreolhamos damos de ombros, então o seguimos pelas portas do outro lado do Abismo, aquelas por onde passamos depois de termos saltado para a rede pela primeira vez. Mas em vez de nos levar para a rede, ele nos leva por outra porta – a fita adesiva do bloqueio puxada para baixo – e por um corredor com um lance de escadas.

— Devemos subir... Ai!

— Desculpe, eu não sabia que ia parar — Shauna diz.

— Esperem, já está quase...

Ele abre a porta, apontando uma lanterna fraca para que possamos ver onde estamos. Estamos do outro lado do Abismo, vários metros por cima da água. Por baixo de nós, o fosso parece não terminar, e as pessoas perto da grade são sombras pequenas e escuras, impossíveis de distinguir à distância.

Eu rio. Zeke acabou de nos liderar para outro pequeno momento de rebelião, provavelmente sem querer.

— Como é que *encontrou* este lugar? — Shauna pergunta com uma admiração óbvia enquanto pula para uma das pedras mais baixas.

Agora que estou aqui, vejo um caminho que nos levaria para cima pela parede, se quiséssemos caminhar até o outro lado do abismo.

— Aquela garota, Maria — Zeke explica. — A mãe dela trabalha na manutenção do Abismo. Eu não sabia que havia tal profissão, mas há.

— Ainda está se encontrando com ela? — Shauna pergunta, tentando ser casual.

— Não — Zeke diz. — Todas as vezes que eu estava com ela, queria estar com os meus amigos em vez dela. Não é um bom sinal, certo?

— Não — Shauna concorda, e ela parece mais alegre do que antes.

Desço com mais cuidado para a rocha em que Shauna está. Zeke senta-se ao lado dela, abrindo a garrafa e passando-a para nós.

— Ouvi que estava fora do treinamento — Zeke diz quando a passa para mim. — Pensei que talvez precisasse de uma bebida.

— Aham — concordo, e então tomo um gole.

— Considere este ato de embriaguez em público um grande... — ele faz um gesto obsceno em direção ao teto de vidro acima do Abismo. — Você sabe, para Max e Eric.

*E para Evelyn*, penso, enquanto tomo outro gole.

— Vou trabalhar na sala de controle enquanto não estiver treinando os iniciados.

— Fantástico — Zeke diz. — Será bom ter um amigo lá. Agora ninguém fala comigo.

— Parece minha antiga facção — falo e começo a rir. — Imagine um período inteiro de almoço em que ninguém olha sequer para você.

— Ui. Bem, aposto que está feliz por estar aqui agora, então.

Tiro-lhe a garrafa novamente e bebo mais um gole enorme. O álcool queima, e limpo a boca com as costas da mão.

— Yeah. Estou.

Se as facções estão se despedaçando, como minha mãe quer que eu acredite, esse não é um mau lugar para vê-las desmoronar. Pelo menos aqui eu tenho amigos para me fazer companhia enquanto isso acontece.

+ + +

Acabou de escurecer, e estou com meu capuz para esconder o rosto enquanto corro através da área de sem facção da cidade, junto à fronteira do setor da Abnegação. Tive que ir até a escola para me orientar, mas agora me lembro de onde estou, onde corri naquele dia em que invadi um armazém sem facção em busca de uma brasa morrendo.

Alcanço a porta que atravessei quando saí, e bato nela com os nós dos dedos. Consigo ouvir as vozes mesmo por trás dela e cheiro de comida exala de uma das janelas abertas, onde a fumaça do fogo do interior sai para o beco. Ouço passos, enquanto alguém vem ver o que a batida significa.

Desta vez, o homem está usando uma camisa vermelha da Amizade e calças pretas da Audácia. Ele ainda tem uma toalha dobrada no bolso de trás, como da última vez que falei com ele. Ele abre a porta apenas o suficiente para olhar para mim, e não mais que isso.

— Bem, veja quem fez uma mudança — diz ele, olhando as minhas roupas de Audácia. — A que devo esta visita? Senti falta da minha encantadora companhia?

— Você sabia que a minha mãe estava viva quando me conheceu. Foi por isso que me reconheceu, porque passou algum tempo com ela. Assim você sabia sobre o que ela disse de a inércia estar levando-a para a Abnegação.

— Sim — o homem concorda. — Não pensei que fosse da minha conta ser aquele a dizer-lhe que ela ainda está viva. Está aqui para exigir uma desculpa, ou algo do gênero?

— Não. Estou aqui para entregar uma mensagem. Vai entregar a ela?

— Sim, claro. Vou vê-la nos próximos dias.

Ponho a mão no bolso e tiro um papel dobrado. E lhe entrego.

— Vá em frente e leia, eu não ligo. E obrigado.

— Sem problemas — ele diz. — Quer entrar? Está parecendo mais como um de nós do que com um deles, Eaton.

Balanço a cabeça.

Faço o meu caminho pelo beco, e antes de virar na esquina, eu o vejo abrir a carta para lê-la, que diz:

*Evelyn,*

*Algum dia. Mas ainda não.*

— 4

*P.S.: estou feliz por não estar morta.*

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
VERONICA ROTH

# FREE FOUR

TOBIAS TELLS THE  
DIVERGENT  
STORY

## Quatro medos

Eu não teria me oferecido para treinar os iniciados se não fosse o cheiro da sala de treinamento – poeira, suor e metal afiado. Este foi o primeiro lugar em que eu me senti forte. Toda vez que respiro este ar, sinto-me assim novamente.

Em uma das extremidades da sala está um painel de madeira com um alvo pintado nele. Contra uma parede há uma mesa coberta com facas de arremesso – instrumentos feitos de metal com um furo em uma das extremidades, perfeitos para iniciados inexperientes. Alinhados em frente a mim estão os transferidos de facção, que ainda carregam, de uma forma ou de outra, as marcas de suas antigas facções: as costas eretas da Franqueza, os olhos firmes da Erudição, e a Careta, inclinando-se sobre seus dedos dos pés para que esteja pronta para se mover.

— Amanhã será o último dia do estágio um — diz Eric.

Ele não olha para mim. Feri o seu orgulho ontem, e não apenas durante a captura da bandeira – Max me puxou de lado no café da manhã para perguntar como os iniciados estavam indo, como se Eric não fosse o responsável. Eric estava sentado na mesa ao lado da minha na hora, franzindo a testa para seu *muffin*.

— Vocês continuarão lutando — Eric continua. — Hoje, aprenderão a mirar. Cada um pegue três facas, e prestem atenção enquanto Quatro demonstra a forma correta de atirá-las.

Seus olhos caem em algum lugar perto de mim, como se ele estivesse acima de mim. Eu me endireito. Odeio quando ele me trata como seu lacaios, como se eu não pudesse ter arrancado um de seus dentes durante a nossa própria iniciação.

— Agora!

Eles lutam por facas como crianças sem-facção brigam por um pedaço extra de pão, muito desesperados. Todos, exceto ela, com seus movimentos deliberados, a cabeça loira passando entre os ombros dos iniciados mais altos. Ela não tenta parecer confortável com as lâminas equilibradas em suas mãos, e é isso o que gosto nela, ela sabe que essas armas não são naturais, mas, ainda assim, encontra uma maneira de manejá-las.

Eric caminha em minha direção, e eu recuo por instinto. Tento não ter medo dele, mas sei como ele é esperto e que, se eu não tomar cuidado, ele perceberá que eu continuo olhando para ela, e isso será a minha ruína. Dirijo-me ao alvo, uma faca na mão direita.

Pedi que o arremesso de facas fosse retirado do currículo de formação este ano porque não serve a nenhum propósito real que não seja alimentar a bravura dos Audaciosos. Ninguém aqui nunca irá usá-las, a não ser para impressionar alguém, como irei impressioná-los agora. Eric diria que deslumbrar as pessoas pode ser útil, e foi por isso que ele negou meu pedido, algo que odeio da Audácia.

Seguro a faca pela lâmina para que o equilíbrio fique correto. Meu instrutor de iniciação, Amar, viu que eu tinha uma mente ocupada, então me ensinou a amarrar meus movimentos às minhas respirações. Eu inspiro e olho para o centro do alvo. Eu expiro, e jogo. A faca atinge o alvo. Ouço alguns iniciados respirarem fundo ao mesmo tempo. Acho um ritmo nisso: inspirar e passar a faca para minha mão direita, expirar e virá-la com os dedos, inspirar e olhar o alvo, expirar e arremessar. Tudo fica escuro ao redor do centro daquele painel. As outras facções nos chamam de brutos, como se nós não usássemos nossas mentes, mas isso é tudo que faço aqui.

A voz de Eric quebra meu torpor.

— Alinhem-se!

Deixo as facas no alvo para lembrar os iniciados do que é possível, e fico contra a parede lateral. Amar foi também quem me deu o meu nome, naqueles dias em que a primeira coisa que os iniciados faziam ao chegar no complexo da Audácia era passar pelas nossas paisagens do medo. Ele era o tipo de pessoa que fazia um apelido pegar, tão agradável que todos o imitavam.

Ele está morto agora, mas às vezes, nesta sala, ainda posso ouvi-lo me repreendendo por prender a respiração.

Ela não prende a respiração. Isso é bom – um mau hábito a menos para quebrar. Mas ela tem um braço desajeitado, inábil como uma coxa de frango.

Facas estão voando, mas, na maioria das vezes, sem girar. Mesmo Edward não percebeu isso, embora ele geralmente seja o mais rápido, os olhos vivos com o desejo de conhecimento da Erudição.

— Eu acho que a Careta está recebendo golpes demais na cabeça! — diz Peter. — Ei, Careta! Você lembra o que é uma *faca*?

Eu normalmente não odeio as pessoas, mas odeio Peter. Eu odeio como ele tenta reduzir as pessoas, da mesma maneira que Eric.

Tris não responde, apenas pega uma faca e atira, ainda com o braço estranho, mas funciona – ouço o baque do metal contra a madeira, e sorrio.

— Ei, Peter — Tris fala. — Lembra o que é um *alvo*?

Eu assisto cada um deles, tentando não chamar a atenção de Eric enquanto ele anda como um animal enjaulado atrás deles. Tenho que admitir que Christina é boa – embora eu não goste de dar crédito aos espertinhos da Franqueza – e Peter também – embora eu não goste de dar crédito a futuros psicopatas. Al, no entanto, é apenas uma grande marreta falante e andante, todo poder e nenhuma sutileza.

É uma pena que Eric também perceba.

— Quão lento você é, Franqueza? Você precisa de óculos? Eu deveria trazer o alvo para mais perto de você? — ele provoca, a voz tensa.

Al, o Marreta, tem um interior inesperadamente macio. O sarcasmo o perfura. Quando ele joga de novo, a faca voa para uma parede.

— O que foi isso, iniciado? — Eric diz.

— Des... Deslizou.

— Bom, eu acho que você deveria pegá-la.

Os iniciados param de arremessar.

— Eu mandei parar? — Eric pergunta, as sobrancelhas furadas levantadas.

Isso não é bom.

— Ir pegar? — Al repete. — Mas todos ainda estão lançando.

— E?

— E eu não quero ser atingido.

— Acho que você pode confiar que seus companheiros iniciados miram melhor que você. Vá pegar sua faca.

— Não.

A Marreta ataca novamente, eu penso. A resposta é teimosa, mas não existe uma estratégia nela. Ainda assim, é preciso mais coragem para Al dizer não do que para Eric forçá-lo a conseguir uma faca na nuca, o que é algo que Eric nunca vai entender.

— Por que não? Você está com medo?

— De ser esfaqueado por uma faca voadora? — Al pergunta. — Sim, eu estou!

Meu corpo fica pesado quando Eric levanta a voz.

— Todo mundo para!

Na primeira vez em que encontrei Eric, ele vestia azul e seu cabelo era repartido de lado. Ele estava tremendo quando se aproximou de Amar para receber a injeção com soro de paisagem do medo em seu pescoço. Durante a sua paisagem do medo, ele não se moveu um centímetro; apenas ficou parado, gritando com os dentes cerrados, e de alguma forma manobrou seu batimento cardíaco para um nível aceitável usando sua respiração. Eu não sabia que era possível vencer o medo em seu corpo antes de fazer isso em sua mente. Foi quando descobri que eu deveria ter cuidado com ele.

— Todos para fora do ringue — diz Eric. Em seguida, se dirige a Al: — Todos, menos você. Fique na frente do alvo.

Al, engolindo seco, arrasta-se para o alvo. Eu me afasto da parede. Sei o que Eric vai fazer. E provavelmente vai terminar com um olho perdido ou uma garganta perfurada; com horror, como cada luta que testemunhei termina, cada uma me afastando mais e mais da facção que escolhi como refúgio.

Sem olhar para mim, Eric fala:

— Ei, Quatro, dá uma ajuda aqui, hein?

Parte de mim sente alívio. Pelo menos eu sei que, se eu estiver atirando as facas, em vez de Eric, é menos provável de Al se machucar. Mas também não posso ser tão cruel assim, e não posso ser quem faz o trabalho sujo de Eric.

Tento agir casualmente, coçando a sobancelha com a ponta da faca, mas não me sinto casual. Sinto como se alguém estivesse me pressionando em um molde que não cabe no meu corpo, me forçando à forma errada.

Eric explica:

— Você ficará em pé ali enquanto ele lança aquelas facas até que você aprenda a não recuar.

Meu peito está apertado. Eu quero salvar Al, mas quanto mais desafio Eric, mais determinado ele ficará em me colocar no lugar. Decido fingir que estou entediado com a coisa toda.

— Isso é realmente necessário?

— Eu tenho a autoridade aqui, lembra? — Eric responde. — Aqui e em qualquer lugar.

Posso sentir o sangue viajando em meu rosto enquanto o encaro, e ele me encara de volta. Max me pedira para eu ser um líder de facção, e eu deveria ter dito que sim; eu teria, se soubesse que evitaria coisas como esta, como balançar iniciados sobre o abismo e forçá-los a bater uns nos outros até desmaiar.

Percebo que estou apertando as facas com tanta força que os cabos deixam impressões em minhas mãos. Tenho que fazer o que Eric diz. Minha única outra opção é sair da sala, e se eu sair, Eric jogará as facas ele mesmo, e não posso permitir isso. Viro-me em direção a Al.

E então ela fala – eu sei que é ela, porque a sua voz é baixa, para uma menina, e cuidadosa.

— Pare com isso.

Eu não quero que Eric se vire contra ela. Eu a encaro, como se isso fosse fazê-la pensar duas vezes. Eu sei que não. Eu não sou estúpido.

— Qualquer idiota pode ficar de pé em frente ao alvo — Tris fala. — Isso não prova nada, exceto que você o está assediando. O que, pelo o que me recordo, é um sinal de *covardia*.

Audaciosos brutos – valentões, crianças de nível inferior – é o que somos, debaixo das tatuagens e piercings e roupas escuras. Talvez eu seja estúpido. Tenho que parar de pensar nela dessa forma.

— Então deve ser fácil para você — diz Eric, empurrando o cabelo para trás para que ele fique atrás da orelha. — Se você estiver disposta a pegar o lugar dele.

E então os olhos dele viram para mim, só por um segundo. É como se ele soubesse, soubesse que sinto algo por ela, então irá me forçar a atirar facas nela. Por um instante – não, mais do que um instante – penso em jogar uma faca nele em vez disso. Eu poderia acertá-lo no braço, ou na perna, nenhum mal permanente...

— E lá se vai seu belo rosto — diz Peter, do outro lado da sala. — Oh, espere. Você não tem um.

Eu mal registro o comentário. Estou muito ocupado olhando para ela.

Ela está de pé com as costas contra o alvo. O topo de sua cabeça está logo abaixo do centro do alvo. Ela ergue o queixo e olha para mim com aquela teimosia de Abnegação que conheço tão bem. Ela pode tê-los deixado, mas eles não a deixaram.

Não posso dizer a ela que vai ficar tudo bem, não com Eric aqui, mas posso tentar fazê-la forte.

— Se você recuar, Al fica no seu lugar. Entendido? — eu digo.

Eric fica um pouco perto demais, batendo o pé no chão. Tenho que fazer isso direito. Não posso jogar a faca na beira do alvo, porque ele sabe que eu posso acertar no centro. Mas um arremesso desajeitado, alguns centímetros na direção errada e eu poderia machucá-la. E lá se vai seu belo rosto.

Mas Peter está certo, ela não é bonita, essa palavra é muito pequena. Ela não é como as garotas que eu costumava olhar, cheias de ângulos, curvas e suavidade. Ela é pequena, mas forte, e seus olhos brilhantes exigem atenção. Olhar para ela é como acordar.

Eu atiro a faca, mantendo meus olhos nos dela. A lâmina crava no painel perto de sua bochecha. Minhas mãos tremem de alívio. Ela fecha os olhos, então sei que preciso lembrá-la novamente de seu altruísmo.

— Você acabou, Careta? — pergunto.

*Careta. É por isso que você é forte, entende?*

Ela parece com raiva.

— Não.

Como diabos ela iria entender? Ela não pode ler mentes, pelo amor de Deus.

— Olhos abertos, então — eu digo, tocando a testa entre as sobrancelhas.

Eu não preciso realmente de seus olhos nos meus, mas me sinto melhor quando eles estão. Respiro o cheiro de poeira e suor e passo uma faca da mão esquerda para a direita. Eric se aproxima alguns centímetros.

Minha visão da sala se estreita em torno da divisão em seu cabelo, e eu jogo com a minha expiração.

Ouçó Eric atrás de mim.

— Hmm — é tudo o que ele diz.

— Vamos, Careta — falo. — Deixe outra pessoa fazer isso.

— Cala a boca, Quatro! — ela responde, e quero gritar de volta que estou tão frustrado quanto ela, com um abutre da Erudição analisando cada movimento meu, em busca de meus pontos fracos, para que ele possa bater neles tão forte quanto puder.

Eu ouço aquele “hmm” de novo, e não tenho certeza se foi Eric ou minha imaginação, mas sei que tenho que convencê-lo de que ela é apenas outra iniciada para mim, e tenho que fazer isso agora. Eu respiro fundo, e tomo uma decisão rápida, olhando para a ponta de sua orelha, cartilagem rápida de cicatrizar.

O medo não existe. Meu coração batendo, peito apertado e palmas das mãos suadas não existem.

Jogo a faca e desvio o olhar quando ela estremece, aliviado demais para me sentir mal por machucá-la. Eu consigo.

— Eu adoraria ficar e ver se o resto de vocês é tão ousado quanto ela, mas acho que é o suficiente por hoje — diz Eric. Para mim, ele murmura: — Bom. Isso deve assustá-los, hein.

Eu acho – espero – que isso significa que ele não tem mais suspeitas sobre mim.

Ele toca o ombro dela e lhe dá um sorriso envolto em metal.

— Eu deveria manter meus olhos em você.

Vejo o sangue escorrer por sua orelha e em seu pescoço e me sinto doente.

A sala se esvazia, a porta se fecha, e espero até os passos desaparecerem antes de andar na direção dela.

— A sua... — eu começo a esticar uma mão para tocar o lado de sua cabeça.

— Você fez aquilo de *propósito*!

— Sim, eu fiz — eu digo. — E você deveria me agradecer por te ajudar.

Eu quero explicar sobre Eric e o quanto ele quer machucar a mim e a todos com que me importo, mesmo remotamente, ou sobre como sei de onde a força dela vem e queria lembrá-la disso, mas ela não me dá uma chance.

— *Agradecer* a você? Você quase esfaqueou minha orelha e passou o tempo inteiro zombando de mim. Por que eu deveria agradecê-lo?

*Zombando?* Faça uma carranca para ela.

— Sabe, estou ficando um pouco cansado de esperar você entender as coisas! — eu digo.

— Entender? Entender o quê? Que você quer provar para Eric o quão duro você é? Que você é um sádico igual a ele?

A acusação me faz sentir frio. Ela pensa que sou como Eric? Ela pensa que eu quero impressioná-lo?

— Eu não sou sádico — eu me inclino mais perto dela e de repente me sinto nervoso, como se algo estivesse formigando em meu peito. — Se eu quisesse te machucar, não acha que eu já teria feito?

Ela está perto o suficiente para me tocar, mas se ela pensa que eu sou como Eric, isso nunca vai acontecer.

É claro que ela pensa que sou como Eric. Eu acabei de atirar facas em sua cabeça. Eu estraguei tudo. Permanentemente.

Tenho que sair. Atravesso a sala e, no último segundo antes de eu bater a porta, empurro a ponta da minha faca em cima da mesa.

Ouçoo seu grito frustrado da esquina do corredor, e eu paro, afundando até ficar agachado de costas para a parede.

Antes de ela chegar aqui, tudo havia parado dentro de mim, e todas as manhãs eu só estava me movendo em direção à noite. Eu havia pensado em sair – eu tinha decidido sair, ser um sem-facção, depois que esta turma de iniciados tivesse terminado. Mas então, ela chega aqui e é exatamente como eu, deixando de lado suas roupas cinzentas, mas não colocando-as de lado de verdade, nunca verdadeiramente colocando-as de lado, porque ela conhece o segredo, elas são a armadura mais forte que podemos usar.

E agora ela me odeia e eu nem mesmo posso mesmo deixar a Audácia para me juntar aos sem-facção, como pretendia, porque o olhar de Eric está nela como estava em Amar no ano passado, pouco antes de ele aparecer morto na calçada perto dos trilhos de trem.

Todos os Divergentes acabam mortos, exceto eu, por causa do resultado sortudo do meu teste de aptidão, e se Eric a está observando, ela provavelmente é uma, também.

Meus pensamentos pulam de volta para a noite anterior, como tocá-la enviou calor para minha mão e pelo resto de mim, embora eu estivesse paralisado de medo. Pressiono as mãos na cabeça, enviando a memória para longe.

Eu não posso sair agora. Eu gosto demais dela. Pronto, falei. Mas não irei falar de novo.

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR  
VERONICA ROTH

# FOUR THE TRAITOR

A  
DIVERGENT  
STORY



## O traidor

Outro ano, outro Dia de Visita.

Dois anos atrás, quando fui iniciado, eu fingia que meu próprio Dia de Visita não existia, ficava enfiado na sala de treinamento com um saco de areia. Fiquei lá por tanto tempo que cheirei a pó e suor por dias. Ano passado, o primeiro ano que ensinei os iniciados, fiz a mesma coisa, apesar de Zeke e Shauna terem me convidado para passar o dia com suas famílias.

Este ano eu tenho coisas mais importantes do que acertar um saco de pancadas e ficar pensando em minha disfunção familiar. Vou para a sala de controle.

Passo pela Caverna ignorando os encontros chorosos e as gargalhadas. As famílias podem sempre se encontrar no Dia da Visita, mesmo se forem de facções diferentes. Mas, com o passar do tempo, eles param de vir. “Facção antes do sangue”, apesar de tudo. A maioria das vestimentas misturadas que vejo veem de famílias transferidas: a irmã de Will, que é da Erudição, está vestida com um azul claro, os pais de Peter, que são da Franqueza, estão vestidos de preto e branco. Por um momento, observo os pais dele, e me pergunto se foram eles que o fizeram a pessoa que é hoje. Mas, na maior parte do tempo, pessoas não são fáceis de explicar, penso. Era para eu estar em uma missão, mas parei perto do Abismo, pressionando a grade. Pedacos de papel flutuam na água. Agora que eu sei onde está a porta escondida por entre as rochas, consigo a vê-la de longe. Sorrio um pouco pensando em quantas noites passei com Zeke ou Shauna, de vez em quando conversando, às vezes apenas sentados ouvindo o som da água se movendo.

Ouçó passos se aproximando e olho por cima do meu ombro. Tris está vindo na minha direção, envolta pelos braços vestidos de cinza de uma mulher da Abnegação. Natalie Prior. Eu enrijeço, desesperado para escapar – e se Natalie me reconhecer, souber de onde vim? E se ela falar, aqui, no meio de todas essas pessoas?

Ela não poderia me reconhecer. Eu não me pareço com o garotinho magricela e cabisbaixo que ela conheceu.

Quando está perto o suficiente, ela estende a mão.

— Olá, meu nome é Natalie. Sou a mãe de Beatrice.

Beatrice. Esse nome é totalmente errado para ela. Pego a mão de Natalie e a sacudo. Nunca me acostumei com o aperto de mão da Audácia. É muito imprevisível – você nunca sabe o quanto apertar, quantas vezes sacudir.

— Quatro — eu digo. — É um prazer conhecê-la.

— Quatro — Natalie diz e sorri. — É um apelido?

— Sim — respondo e logo mudo de assunto. — Sua filha está indo bem aqui. Eu a tenho supervisionado.

— Isso é bom de ouvir. Sei algumas coisas sobre a iniciação da Audácia e fiquei preocupada com ela.

Olho rapidamente para Tris. Há cor em suas bochechas – ela parece feliz, ver sua mãe faz bem a ela. Pela primeira vez, agradeço totalmente o quanto ela mudou desde que a vi pela primeira vez, se equilibrando na plataforma de madeira, o olhar frágil, como se o impacto na rede devesse tê-la esmagado. Ela já não parece frágil, com as manchas roxas em seu rosto e a nova firmeza no jeito com q ela anda, como se estivesse preparada para qualquer coisa.

— Você não deveria se preocupar — digo para Natalie.

Tris olha para longe. Acho que ela continua brava comigo por ter atirado a faca contra ela e cortado sua orelha. Acho que não a culpo realmente.

— Você me parece familiar por algum motivo, Quatro — Natalie observa.

Eu até pensaria que seu comentário foi vago se não fosse pelo jeito como está olhando para o meu rosto, como se estivesse me revistando.

— Eu não posso imaginar por que — digo do modo mais frio possível. — não tenho o hábito de me associar com a Abnegação.

Ela não reage da forma que eu esperava, com raiva ou medo. Ela simplesmente ri.

— Algumas pessoas o fazem por esses dias. Não levo isso para o lado pessoal.

Se ela me reconheceu, não parece que vai dizer alguma coisa. Tento relaxar.

— Bom, deixarei-as com sua reunião.

+ + +

Em minha tela, as câmeras de segurança mudam do lobby da Caverna à margem do buraco entre os edifícios, a entrada dos iniciados da Audácia. Uma multidão está reunida em volta do buraco, subindo e descendo dele, testando a rede.

— Não está muito animado com o Dia da Visita?

Meu supervisor, Gus, está parado ao lado do meu ombro, tomando uma xícara de café. Ele não é muito velho, mas há um lugar onde falta cabelo no topo de sua cabeça. Ele mantém o resto de seu cabelo curto, até mais curto que o meu. Suas orelhas estão esticadas em volta de grandes alargadores.

— Pensei que não o veria até a iniciação acabar.

— Pensei que eu poderia fazer algo produtivo.

Em minha tela, todos saem do buraco e se encostam em um dos prédios. Uma sombra escura se aproxima alguns passos da borda do telhado, bem em cima do buraco, corre um pouco, e salta. Meu estômago pula como se fosse eu caindo, e a figura desaparece depois do pavimento. Eu nunca vou me acostumar a ver isso.

— Eles parecem estar se divertindo — Gus fala, tomando um gole de seu café. — Bom, você é sempre bem vindo a trabalhar quando não foi escalado, mas não é um crime ter um pouco de diversão descuidada, Quatro.

Ele vai embora enquanto eu digo:

— É, foi o que me disseram.

Olho em volta da sala de controle. Está quase vazia – no Dia da Visita, poucas pessoas são escaladas para trabalhar, normalmente os mais velhos. Gus está debruçado na frente de seu monitor. Dois outros estão ao lado dele, olhando para as suas telas com seus fones de ouvido. E há a mim. Digito um comando para abrir uma gravação que salvei semana passada. Ela mostra Max em seu escritório, sentado na frente de seu computador. Ele cutuca o teclado com o dedo indicador caçando as teclas certas. Muitas pessoas da Audácia não sabem digitar muito bem, especialmente Max, que passou grande parte de sua vida na Audácia patrulhando os setores dos sem facção com uma arma ao seu lado – ele nunca deve ter imaginado que um dia teria que usar um computador. Chego perto da tela para me certificar de que os números que peguei mais cedo estão certos. Se estiverem, eu tenho a senha da conta de Max escrita em um papel que está dentro do meu bolso.

Desde que soube que Max está trabalhando com Jeanine Matthews, comecei a suspeitar que eles tinham alguma coisa a ver com a morte de Amar, e tenho procurado um jeito de investigar mais fundo. Quando o vi digitando sua senha no outro dia, eu a anotei.

084628. Sim, os números parecem certos. Volto para as câmeras de segurança ao vivo novamente e rodo por todas elas até achar a que mostra o escritório de Max. Para Gus e os outros não verem, deixo a imagem aparecer apenas em minha tela. As imagens das câmeras de segurança de toda a cidade sempre são divididas entre as pessoas que estão na sala de controle, então nós não estamos todos olhando para as mesmas imagens. Nós só devemos puxar as imagens do feed geral, como essa, por alguns segundos se precisarmos olhar mais perto, mas não vou demorar muito. Saio da sala em direção aos elevadores.

Este nível da Caverna está quase vazio – todo mundo saiu. Assim será mais fácil de fazer o que planejei. Aperto os botões do elevador que vão me levar até o décimo andar, e ando propositalmente na direção do escritório de Max. Eu descobri que quando você está sendo furtivo, é melhor não parecer que está sendo furtivo. Dou tapinhas no pen drive em meu bolso enquanto ando e viro para o corredor na direção do escritório de Max. Cutuco a porta com o meu pé para abri-la – mais cedo, depois de ter me certificado de que ele tinha ido fazer as preparações para o Dia da Visita, subi até aqui e selei a fechadura. Fecho a porta silenciosamente atrás de mim, sem acender as luzes, e me aproximo de sua mesa. Não movo

a cadeira para me sentar, não quero que ele veja que alguma coisa em sua sala mudou quando voltar.

A tela pede uma senha. Minha boca está seca. Pego o papel do meu bolso e o pressiono na mesa enquanto digito a senha.

084628. A tela muda. Não posso acreditar que funcionou.

Rápido. Se Gus descobrir que eu saí, que estou aqui, não sei o que eu falaria, que desculpa poderia dar que soaria razoável. Insiro o pen drive e transfiro o programa que coloquei nele mais cedo. Eu pedi para Lauren, uma das técnicas e amiga instrutora de iniciação, um programa que faria um computador se tornar o espelho de outro, com a desculpa de que eu queria pregar uma peça em Zeke quando estivéssemos no trabalho. Ela ficou feliz em ajudar – outra coisa que descobri, é que a Audácia está sempre disposta a pregar uma peça, e raramente procura uma mentira. Com alguns simples toques nas teclas, o programa é instalado e armazenado em algum lugar do computador de Max que tenho certeza que ele nunca se preocuparia em olhar. Coloco o pen drive de volta em meu bolso, junto com o pedaço de papel com a senha e saio da sala sem deixar minhas digitais na parte de vidro da porta.

Isso foi fácil, eu penso, enquanto ando em direção aos elevadores novamente. De acordo com o meu relógio, isso só levou cinco minutos. Posso dizer que eu só estava no banheiro se alguém perguntar.

Quando volto para a sala de controle, Gus está parado em frente ao meu computador, encarando minha tela. Eu congelo. Há quanto tempo será que ele está ali? Ele me viu invadindo a sala de Max?

— Quatro — Gus diz, soando sério. — Por que você isolou esta imagem? Você não pode pegar imagens que estão fora do feed geral, você sabe disso...

— Eu... — Minta! Minta agora! — Eu pensei ter visto alguma coisa — termino falhamente. — Nós podemos isolar as imagens, ver se há algo fora do normal.

Gus se move em minha direção.

— Então por que acabei de te ver nesta tela, saindo do mesmo corredor?

Ele aponta para o corredor na tela. Minha garganta aperta.

— Eu pensei ter visto alguma coisa, então subi para investigar. Me desculpe, eu só queria me mover um pouco.

— Se você vir algo do normal de novo, siga o protocolo. Informe seu supervisor, que é... Quem mesmo?

— Você — respondo, engasgando um pouco. Não gosto de ser pressionado.

— Correto, vejo que você consegue acompanhar. Honestamente, Quatro, depois de um ano trabalhando aqui, não deveria ter tantas irregularidades em seu desempenho. Nós temos regras muito claras aqui, e tudo o que você tem a fazer é segui-las. Este é o seu último aviso. Ok?

— Ok.

Eu fui punido algumas vezes por ter puxado imagens do feed geral para assistir os encontros de Jeanine Matthews e Eric. Isso nunca me deu alguma informação útil, e eu quase sempre fui pego.

— Bom — sua voz se ameniza. — Boa sorte com os iniciados. Você pegou os transferidos de novo este ano?

— Sim. Lauren ficou com os nascidos na Audácia.

— Ah, que pena. Eu esperava que você conhecesse minha irmãzinha — Gus diz. — Se eu fosse você, iria lá fora pegar um pouco de ar. Nós estamos bem aqui. Apenas deixe a sua parte de imagens de segurança voltar para o feed geral antes de ir.

Ele caminha de volta para o seu computador e eu relaxo o maxilar. Nem percebi que estava fazendo isso. Meu rosto está latejando, e desligo meu computador e deixo a sala de controle. Não consigo acreditar que me safei dessa. Agora, com o programa instalado no computador de Max, posso vasculhar cada um dos arquivos da privacidade relativa da sala de controle. Posso descobrir exatamente o que Jeanine Matthews está planejando.

Naquela noite, sonho que estou andando nos corredores da Caverna. Estou sozinho, mas os corredores não acabam, a paisagem nas janelas não muda – as linhas de trem se curvando em volta de prédios altos, o sol queimando por entre as nuvens. Sinto como se tivesse andado por horas, e quando acordo, levanto com um estalo, como se nunca tivesse dormido. Ouço uma batida na porta, e uma voz gritando.

— Abra!

Isso se parece mais com um pesadelo do que aquele do qual acabei de escapar – tenho certeza que são soldados da Audácia vindo até a minha porta porque descobriram que eu sou Divergente, ou que estou espionando Max, ou que entrei em contato com a minha mãe sem facção no ano passado. Todas as coisas que falam “traidor de facção”. Soldados da Audácia estão vindo para me matar – mas ao andar até a porta, percebo que se fossem mesmo me matar, eles não estariam fazendo tanto barulho no corredor. E, além disso, é a voz de Zeke.

— Zeke — eu digo quando abro a porta. — Qual é o seu problema? Estamos no meio da noite. Há uma linha de suor em sua testa, e ele está sem fôlego. Ele deve ter corrido até aqui.

— Eu estava trabalhando no expediente noturno na sala de controle — Zeke responde. — Alguma coisa aconteceu no dormitório dos transferidos.

Por alguma razão, meu primeiro pensamento é para ela, seus olhos selvagens me encarando no fundo da minha memória.

— O quê? — pergunto. — Com quem?

— Falo enquanto andamos.

Calço os meus sapatos, coloco a jaqueta e o sigo pelo corredor.

— O cara da Erudição. Loiro — Zeke fala.

Eu suprimo um suspiro de alívio. Não foi ela. Nada aconteceu a ela.

— Will?

— Não, o outro.

— Edward.

— Sim, Edward. Ele foi atacado. Esfaqueado.

— Morto?

— Vivo. O acertaram no olho.

Eu paro.

— No olho?

Zeke faz sim com a cabeça.

— Para quem você contou?

— Para o supervisor da noite. Ele foi falar para Eric, e Eric disse que cuidaria disso.

— Claro que sim.

Eu desvio para a direita, para longe do dormitório dos transferidos.

— Para onde você está indo?

— Edward já está na enfermaria? — Ando de costas enquanto falo.

Zeke faz que sim com a cabeça.

— Então vou ver Max.

+ + +

O complexo da Audácia não é tão grande a ponto de eu não saber onde as pessoas moram. O apartamento de Max fica enfiado bem abaixo dos corredores do complexo, perto de uma porta que se abre para os trilhos de trem do lado de fora. Marcho em direção aos trilhos seguindo as luzes azuis de emergência que são recarregadas pelos nossos geradores solares. Dou um soco na porta de metal com o meu punho, acordando Max do mesmo jeito que Zeke me acordou. Ele abre a porta alguns segundos depois, descalço, e seus olhos estão vazios.

— O que aconteceu?

— Um dos meus iniciados teve o olho esfaqueado — eu digo.

— E você veio até aqui? Ninguém informou Eric?

— Sim. É sobre isso que quero conversar com você. Se importa se eu entrar?

Eu não espero por uma resposta – passo por ele e caminho até a sua sala de estar. Ele acende as luzes, iluminando o lugar mais bagunçado que eu já vi na vida, copos e pratos usados em cima da mesa de café, todas as almofadas do sofá bagunçadas, o chão cinza com poeira.

— Quero que a iniciação volte a ser o que era antes de Eric a tornar mais competitiva. E o quero ele fora da minha sala de treinamento.

— Não me diga que você acha que é culpa de Eric um dos iniciados ter se machucado.

— Sim, a culpa é dele, claro que é dele! — respondo o mais alto que posso. — Se eles não estivessem lutando por uma das 10 vagas, não estariam tão desesperados. Eles estão prontos para atacar um ao outro! Ele os tem tão amarrados e na linha, é claro que uma hora iriam explodir!

Max está quieto. Ele parece aborrecido, mas não está me chamando de ridículo, o que já é um começo.

— Você não acha que o iniciado que fez isso deveria levar a culpa? — Max diz. — Não acha que ela ou ele é o culpado e não Eric?

—É claro que ele, ela, tanto faz, deveria ser responsabilizado. Mas isso nunca teria acontecido se Eric...

—Você não pode dizer isso com tanta certeza.

— Eu posso dizer isso com a certeza de uma pessoa racional.

— Eu não sou racional? — Sua voz está baixa, perigosa, e de repente eu me lembro de que Max não é só o líder da Audácia que gosta de mim por algum motivo inexplicável – ele é o líder da Audácia que está trabalhando com Jeanine Matthews, aquela que apontou Eric, aquele que provavelmente tem alguma coisa a ver com a morte Amar.

— Não foi o que eu quis dizer — falo, tentando ficar calmo.

— Você deveria ser mais cuidadoso ao se expressar — Max diz, se movendo para mais perto de mim. —Ou alguém vai começar a achar que você está insultando os seus superiores.

Eu não respondo. Ele se move para mais perto.

— Ou questionando os valores de sua facção — ele completa, e seus olhos voam para o meu ombro, onde as chamas da minha tatuagem da Audácia saem pra fora da minha camisa.

Eu escondo os símbolos das cinco facções em minha espinha desde que os fiz, mas, por algum motivo, neste momento, estou apavorado de que Max saiba sobre eles. Saiba o que eles significam – que não sou um membro da Audácia perfeito; sou alguém que acredita que mais de uma virtude deveria ser priorizada; q sou Divergente.

— Você teve a sua chance de se tornar um membro da Audácia — Max aponta. — Poderia ter evitado este incidente e não ter recuado como um covarde. Mas você o fez. Agora terá que encarar as consequências.

Seu rosto está mostrando sua idade. Existem linhas em seu rosto que não estavam lá no ano passado, e sua pele está ficando marrom acinzentada, como se tivesse esfregado cinzas na pele.

— Eric está tão envolvido na iniciação porque você recusou seguir ordens ano passado...

Ano passado, na sala de treinamento, eu parei as lutas antes que os ferimentos fossem muito sérios, contrariando os comandos de Eric, que dizia que a luta só acaba quando uma pessoa não pode mais continuar. Quase perdi a minha posição de instrutor de iniciação como resultado; eu teria perdido se Max não tivesse se envolvido.

—... e eu queria te dar outra chance de fazer o certo, com monitoramento constante — Max continua. — Você está falhando nisso. Foi longe demais.

O suor que surgiu na minha corrida até aqui ficou frio. Ele dá um passo para trás e abre a sua porta novamente.

— Dê o fora do meu apartamento e vá lidar com os seus iniciados. Não me deixe vê-lo sair da linha novamente.

— Sim, senhor — respondo baixo, e saio.

Vejo Edward na enfermaria bem cedo de manhã, quando o sol está nascendo, brilhando contra o vidro do Abismo. Sua cabeça está enrolada com bandagens brancas, ele não está se movendo, não está falando. Eu não digo nada para ele, apenas sento do lado de sua cabeça e vejo os minutos passarem no relógio na parede.

Eu tenho sido um idiota. Pensei ser invencível, que o desejo de Max de me ter como colega líder nunca me trairia. Deveria ter pensado melhor. Tudo o que Max sempre quis era um fantoche – isso foi o que minha mãe me disse.

Eu não quero ser um fantoche. Mas não sei o que deveria ser em vez disso.

+ + +

O cenário de Tris Prior que está na tela é estranho e quase bonito, o céu é amarelo esverdeado, grama amarela se estende por quilômetros por todas as direções. Assistir a paisagem do medo de outra pessoa é estranho. Intimidador. Eu não me sinto bem em forçar outras pessoas a serem vulneráveis, mesmo que eu não goste delas. Todo ser humano tem direito de ter segredos. Assistir aos medos dos meus iniciados, um após o outro, faz eu me sentir como se minha pele estivesse sendo raspada com lixas.

Na simulação de Tris, a grama amarela está perfeitamente parada. Se o ar não fosse paralisante, eu poderia dizer que é um sonho, não um pesadelo – mas o ar mostra apenas uma coisa para mim, uma tempestade está a caminho.

Uma sombra se move pela grama, e um grande pássaro preto pousa no ombro dela, cravando as garras em sua blusa. As pontas dos meus dedos formigam, me lembrando de quando encostei em seu ombro quando ela entrou na sala de simulação, como tirei seus cabelos do caminho para aplicar a injeção de simulação em seu pescoço. Idiota. Descuidado.

Ela acerta o pássaro preto com força, e então tudo acontece de uma vez. Trovões; o céu escurece, não com nuvens de tempestade, mas com pássaros, uma grande massa deles, se movendo em conjunto. O som do grito dela é o pior som do mundo, desesperado – ela está desesperada por ajuda e eu estou desesperado para ajudá-la, mesmo sabendo que o que estou vendo não é real. Os corvos continuam vindo, sem descanso, em volta dela, afogando-a viva em penas pretas. Ela grita por ajuda e eu não posso ajudá-la, eu não quero assistir isso, não quero ver mais nenhum segundo.

Mas então ela começa a se mover, ela está deitando na grama, cedendo, relaxando. Se ela está sentindo dor, não está mostrando; ela apenas fecha seus olhos e se rende, e isso é pior do que ouvi-la gritar por ajuda, de algum modo.

E então acaba.

Ela se balança para frente da cadeira de metal estapeando seu corpo para retirar os pássaros, pensando que ainda não tinham ido embora. Então ela se enrola como uma bola e esconde o rosto.

Eu levanto a mão para tocar o seu ombro, para acalmá-la, e ela soca a meu braço com força.

— Não me toque!

— Acabou — eu digo, estremecendo — ela bateu mais forte do que percebeu. Ignoro a dor e passo a mão por seus cabelos, porque eu sou idiota, e inapropriado, e idiota... — Tris.

Ela apenas se balança para frente para trás, acalmando-se.

— Tris, eu vou levar você de volta para os dormitórios, ok?

— Não! Eles não podem me ver... Não assim...

Isso é o que o novo sistema do Eric cria: um ser humano corajoso que acabou de derrotar um de seus piores medos em menos de cinco minutos – pessoas normais levam pelo menos o dobro do tempo – mas ela está aterrorizada para voltar para o corredor, ser vista como fraca ou vulnerável. Tris é audaciosa, natural e simples, mas está facção não é mais a Audácia.

— Ah, acalme-se — eu digo, parecendo mais irritado do que queria. — Eu vou levá-la pela porta dos fundos.

— Eu não preciso que você...

Posso ver as mãos dela tremendo mesmo depois de recusar minha oferta.

— Bobagem — respondo.

Pego-a pelos braços e a ajudo a ficar de pé. Ela esfrega os olhos ao mesmo tempo em que eu ando até a porta dos fundos. Amar uma vez me levou por esta porta, tentando me levar de volta ao dormitório mesmo eu não querendo sua ajuda, do mesmo jeito que ela provavelmente não quer a minha agora. Como é possível viver a mesma história de pontos de vista diferentes? Ela arranca o braço do meu e se vira para mim.

— Por que você fez isso comigo? Qual foi o ponto disso, hein? Eu não estava ciente de que, quando escolhi Audácia, estava me inscrevendo para semanas de tortura!

Se ela fosse qualquer outra pessoa, qualquer outro iniciado, eu já teria gritado com ela por insubordinação milhares de vezes. Eu teria me sentido ameaçado pelas suas constantes investidas contra mim, e tentaria silenciar sua rebeldia com crueldade, do jeito que fiz com Christina no seu primeiro dia de iniciação. Mas Tris ganhou meu respeito quando foi a primeira a pular; quando me desafiou durante sua primeira refeição; quando não foi dissuadida pelas minhas respostas desagradáveis; quando falou por Al e ficou com o olhar fixo no meu enquanto eu atirava facas contra ela.

— Você achou que superar a covardia seria fácil?

— Isso não é superar a covardia! Covardia é como você decide ser na vida real, e na vida real, eu não bicada por corvos até a morte, Quatro!

Ela começa a chorar, mas eu fui golpeado com força pelo o que ela disse para me sentir desconfortável com as suas lágrimas. Ela não está aprendendo as lições que Eric quer que ela aprenda. Ela está aprendendo outras coisas, muito mais inteligentes.

— Eu quero ir pra casa — ela diz.

Eu sei onde as câmeras estão no corredor. Espero que nenhuma delas esteja gravando o que falo.

— Aprender a pensar no meio do medo é uma lição que todos, até a sua família Careta, precisa aprender.

Eu duvido de muitas coisas da iniciação da Audácia, mas a simulação de medo não é uma delas; elas são o melhor jeito de uma pessoa se comprometer com seus próprios medos e dominá-los, melhor do que atirar facas ou lutar.

— Isso é o que estamos tentando lhe ensinar. Se você não pode aprender, precisa dar o fora daqui, porque não queremos você.

Estou sendo duro com ela porque sei que ela aguenta. E também porque não sei ser de outro jeito.

— Eu estou tentando. Mas eu falhei. Eu estou falhando.

Eu quase rio.

— Quanto tempo você acha que passou nessa alucinação, Tris?

— Eu não sei. Meia hora?

— Três minutos — respondo. — Você conseguiu ser três vezes mais rápida do que os outros iniciados. O que quer que você seja, você não é um fracasso.

Você pode ser Divergente, eu penso. Mas ela não fez nada para mudar a simulação, então talvez ela não seja. Talvez ela só seja corajosa.

Eu sorrio para ela.

— Amanhã você se sairá melhor, você vai ver.

— Amanhã?

Ela está mais calma agora, eu toco suas costas, bem no meio de seus ombros.

— Qual foi a sua primeira alucinação? — ela me pergunta.

— Não era um o quê era mais um quem.

Enquanto falo isso, penso que deveria apenas ter falado o primeiro obstáculo na minha paisagem de medo, medo de altura, mesmo não sendo isso o que ela perguntou. Quando estou perto dela, não consigo controlar o que falo do jeito que faço quando estou perto de outras pessoas. Eu digo coisas vagas porque é o mais próximo de não falar, minha mente se confunde pela sensação de seu corpo por baixo de sua blusa.

— Isso não é importante.

— E você acabou com aquele medo agora?

— Ainda não.

Nós estamos na porta do dormitório. O caminho até aqui nunca foi tão rápido. Coloco as mãos em meus bolsos para não fazer nada estúpido com elas de novo.

— Talvez nunca supere.

— Então eles não vão embora?

— Às vezes vão. E às vezes novos medos os substituem. Mas ficar sem medo não é o ponto. Isso é impossível. Isto é para aprender a como controlar seu medo, e como ser livre dele, esse é o ponto.

Ela acena com a cabeça. Eu não sei por que ela veio para cá, mas se eu fosse adivinhar, diria que ela escolheu a Audácia por causa da liberdade. A Abnegação teria sufocado o brilho dela até ele desaparecer. A Audácia, mesmo com os seus defeitos, fez com que o seu brilho tímido se tornasse uma chama.

— De qualquer forma — eu falo — seus medos raramente são o que parecem ser na simulação.

— O que você quer dizer?

— Bem, você realmente tem medo de corvos? — Dou um sorriso irônico. — Quando você vê um, você corre gritando de medo?

— Não. Eu acho que não.

Ela se move para mais perto de mim. Eu me sentia mais seguro quando existia mais espaço entre nós. Ainda mais perto, eu penso em tocar nela, e minha boca fica seca. Eu quase nunca penso nas pessoas dessa forma, em garotas dessa forma.

— Então do que eu realmente tenho medo?

— Eu não sei. Só você pode saber.

— Eu não sabia que a Audácia seria tão difícil.

Estou feliz por ter outra coisa pra pensar, outra coisa em vez de como seria fácil encaixar minha mão no arco de suas costas.

— Não foi sempre assim, me disseram. Ser da Audácia, quero dizer.

— O que mudou?

— A liderança. A pessoa que controla a formação define o padrão de comportamento da Audácia. Seis anos atrás, Max e os outros líderes mudaram o método de treinamento. Os métodos se tornaram mais competitivos e mais brutais.

Seis anos atrás, a proporção de combate era menor e não incluía combate sem proteção alguma. Os iniciados usavam protetores acolchoados. A ênfase era em se tornar forte e capaz, e fazer amizade com outros iniciados. E mesmo quando eu era um iniciado, era melhor do que é hoje — um potencial ilimitado para iniciados se tornarem membros, lutas que acabavam quando alguém pedisse para parar.

— Disseram que era para testar a resistência das pessoas. E isso mudou as prioridades da Audácia como um todo. Aposto que você pode adivinhar quais os novos líderes que protegem isso.

É claro que ela acerta na hora

— Então, se você ficou em primeiro lugar no seu ranking, qual foi a classificação de Eric?

— Segundo.

— Então ele foi a segunda escolha para a liderança. E você era a primeira.

Perceptiva. Não sei se eu era a primeira opção, mas com certeza seria uma opção melhor do que Eric.

— O que te faz dizer isso?

— A maneira como Eric estava agindo no jantar da primeira noite. Com ciúmes, embora ele tenha o que quer.

Eu nunca pensei em Eric desse jeito. Com ciúmes? De quê? Eu nunca tirei nada dele, nunca aparentei ser uma ameaça real para ele. Mas talvez ela tenha razão — talvez eu nunca tenha visto quão frustrado ele é por ser o segundo colocado, logo atrás de um transferido da Abnegação, depois de todo o seu trabalho duro, ou talvez eu tenha sido o favorito de Max para a liderança mesmo depois de Eric ter sido especificamente apontado para pegar o papel de líder.

Ela seca o rosto.

— Pareço que estive chorando?

A pergunta parece quase engraçada para mim. Suas lágrimas desapareceram tão rápido quanto vieram, e agora seu rosto está sério de novo, olhos secos, cabelos arrumados. Como se nada tivesse acontecido –como se ela nem tivesse gasto três minutos se afogando em terror. Ela é mais forte do que eu fui.

— Hmmm.

Eu inclino mais para perto, fingindo que estou examinando, mas então não é mais uma brincadeira, eu estou bastante perto e nós estamos compartilhando o ar de nossa respiração.

— Não, Tris... Você parece... — busco uma expressão da Audácia. — Resistente como um prego.

Ela sorri um pouco. Então eu faço o mesmo.

+ + +

— Hey — Zeke diz sonolento, inclinando a cabeça contra o braço. — Quer assumir o controle para mim? Eu praticamente preciso de fita para manter os meus olhos abertos.

— Desculpe, eu só preciso usar o computador. Você sabe que são apenas nove horas, certo? Ele boceja.

— Eu me canso quando estou entediado. Está quase na hora da substituição, no entanto.

Eu amo a sala de controle durante a noite – há apenas três pessoas monitorando as imagens, de modo que a sala é silenciosa exceto pelo zunido dos computadores. Através das janelas vejo apenas uma lasca da lua; todo o resto é escuro. É difícil encontrar a paz no complexo da Audácia, e este é o lugar onde eu a encontro na maioria das vezes.

Zeke se volta para sua tela. Sento-me em um computador alguns assentos mais a frente dele, e viro a tela para longe da sala. Então faço o login, usando a conta falsa que criei há vários meses para que ninguém fosse capaz de rastrear até de mim. Uma vez que estou logado, abro o programa espelho que me permite usar o computador de Max remotamente. Leva um segundo para funcionar, mas quando abre, é como se eu estivesse sentado no escritório de Max, usando na mesma máquina que ele. Eu trabalho de forma rápida e sistemática. Ele rotula suas pastas com números, então não sei o que cada uma irá conter. A maioria é benigna, listas de membros da Audácia ou programações de eventos. Eu as abro e fecho em segundos.

Eu me aprofundo nos arquivos, pasta após pasta, e então encontro algo estranho. A lista de suprimentos, mas as fontes não envolvem alimentos, tecido ou qualquer outra coisa que eu esperaria do mundo da Audácia – a lista é para armas. Seringas. E algo marcado Soro D2. Posso imaginar apenas uma coisa que faria a Audácia requerer tantas armas: um ataque. Mas a quem?

Verifico a sala de controle de novo, meu coração martelando. Zeke está jogando um jogo de computador que ele fez para si mesmo. O segundo operador da sala de controle está caído para um lado, os olhos semicerrados. O terceiro mexe seu copo de água à toa com o canudo, olhando para fora das janelas. Ninguém está prestando atenção em mim.

Abro mais arquivos. Depois de alguns esforços desperdiçados, acho um mapa. Está marcado principalmente com letras e números, então no início não sei o que ele está mostrando.

Então abro um mapa da cidade no banco de dados da Audácia para compará-los, e ao encostar na cadeira percebo que ruas o mapa de Max está focalizando.

O setor da Abnegação.

O ataque será contra a Abnegação.

+ + +

Deveria ser óbvio, é claro. A quem mais Max e Jeanine se preocupariam em atacar? Eles são vingativos em relação a Abnegação, sempre foram. Eu deveria ter percebido quando a Erudição liberara a história sobre meu pai, o monstruoso marido e pai. A única coisa verdadeira que escreveram, tanto quanto posso dizer.

Zeke cutuca minha perna com o pé.

— Mudança de turnos. Hora de dormir?

— Não — eu digo. — Preciso de uma bebida.

Ele se anima visivelmente. Não é toda noite que decido abandonar minha existência estéril e solitária por uma noite de Audácia indulgente.

— Eu estou com você — diz ele.

Fecho o programa, a minha conta, tudo. Tento deixar as informações sobre o ataque à Abnegação trás, também, até eu possa descobrir o que fazer com elas, mas me persegue por todo o caminho até o elevador, através do lobby, e para baixo nos caminhos para o fundo do abismo.

+ + +

Estou acompanhando a simulação com um pesado sentimento na boca do estômago. Desligo-a dos fios e a ajudo a levantar. Ela ainda está se recuperando da sensação de quase afogamento, sacudindo as mãos e respirando profundamente. Eu fico observando-a por um momento, e não sei como dizer o que preciso dizer.

— O quê? — ela pergunta.

— Como você fez aquilo?

— Fazer o quê?

— Quebrar o vidro.

— Eu não sei.

Eu aceno, e ofereço-lhe a minha mão. Ela se levanta sem nenhum problema, mas evita meus olhos. Eu verifico os cantos da sala em busca de câmeras. Há uma, exatamente onde pensei que seria ter, exatamente a nossa frente. Seguro o cotovelo dela e levo-a para fora da sala, para um lugar onde eu sei que não será observada, o ponto cego entre dois pontos de vigilância.

— O que foi? — ela quer saber, irritada.

— Você é Divergente.

Não fui muito bom para ela hoje. Ontem à noite eu a vi com seus amigos pelo Abismo, e um lapso de julgamento – ou sobriedade – me levou a chegar perto demais, para dizer-lhe que ela estava bonita. Preocupo-me que eu tenha ido longe demais. Agora estou ainda mais preocupado, mas por razões diferentes.

Ela quebrou o vidro. Ela é Divergente.

Ela está em perigo.

Ela para. Em seguida, ela afunda contra a parede, adotando uma aura quase convincente descontração.

— O que é Divergente?

— Não se faça de idiota — eu digo. — Eu suspeitei da última vez, mas dessa vez é óbvio. Você manipulou a simulação, você é Divergente. Eu vou deletar a gravação, mas a menos que você queira acabar morta no fundo do Abismo, você vai descobrir uma forma de esconder isso durante as simulações! Agora, se me der licença.

Volto para a sala de simulação, fechando a porta atrás de mim. É fácil excluir as filmagens, apertando apenas algumas teclas e o registro está limpo. Eu verifico seu arquivo, certificando-me de que a única coisa que há lá são os dados da primeira simulação.

Terei que descobrir uma maneira de explicar aonde os dados desta sessão foram parar. Uma boa mentira, uma que Eric e Max irão realmente acreditar. Com pressa, pego meu canivete e o encaixo entre os painéis que cobrem a placa-mãe do computador, retirando-os. Então vou para o corredor, até o bebedouro, e encho a boca com água.

Quando volto para a sala de simulação, cuspo um pouco da água no vão entre os painéis. Puxo minha faca para longe e espero. Um minuto mais tarde, a tela fica escura. O complexo da Audácia é basicamente uma caverna gotejante – vazamentos de água acontecem o tempo todo.

+ + +

Eu estava desesperado.

Enviei uma mensagem através do mesmo homem sem-facção que usei como mensageiro da última vez que eu quis entrar em contato com minha mãe. Arrumei um jeito para encontrá-la dentro do último carro do trem 1015 da Audácia. Presumo que ela saberá como me encontrar.

Sento-me com as costas contra a parede, um braço enrolado em torno de um dos meus joelhos, e vejo a cidade passar. Os trens noturnos não se movem tão rápido como os diurnos entre as estações. É mais fácil observar como os edifícios mudam quando o trem se aproxima do centro da cidade, como eles ficam mais altos, porém estreitos, os pilares de suporte de vidro, ao lado de estruturas de pedra mais antigas.

Como uma cidade em camadas sobrepostas. Alguém corre ao lado do trem quando ele atinge o lado norte da cidade. Eu me levanto, segurando uma das alças ao longo da parede.

Evelyn cambaleia para dentro do vagão usando botas da Amizade, um vestido Erudito e uma jaqueta da Audácia. Seu cabelo está preso para trás, fazendo com que ela pareça ainda mais dura.

— Olá — diz ela.

— Oi.

— Toda vez que eu o vejo você está maior — ela comenta. — Acho que não há nenhum motivo para me preocupar que você não esteja comendo bem.

— Eu poderia dizer o mesmo para você — respondo — mas por diferentes razões.

Eu sei que ela não está comendo bem. Ela é uma sem facção, e a Abnegação não está fornecendo o máximo de ajuda como costuma fazer, com a Erudição caindo sobre eles.

Vou para trás e pego a mochila que eu trouxe com enlatados coletados da Audácia.

— É apenas sopa e alguns legumes sem graça, mas é melhor do que nada — falo, quando ofereço para ela.

— Quem disse que eu preciso da sua ajuda? — Evelyn pergunta com cuidado. — Eu estou indo muito bem, você sabe.

— Sim, isso não é para você. É para todos seus amigos magrelas. Se eu fosse você, não recusaria comida.

— Eu não estou recusando — ela devolve, pegando a mochila. — Só não estou acostumada a você cuidando de mim. É um pouco desarmante.

— Estou familiarizado com o sentimento — digo friamente. — Quanto tempo se passou antes de você checar a minha vida? Sete anos?

Evelyn suspira.

— Se você me pediu para vir aqui só para começar esta discussão de novo, receio que eu não possa ficar muito tempo...

— Não — interrompo — não, não foi por isso que pedi que viesse aqui.

Eu não queria entrar em contato com ela, mas sabia que eu não poderia contar a qualquer um da Audácia o que eu havia aprendido sobre o ataque à Abnegação.

Eu não sei quão leais à facção e às suas políticas eles são, e eu tinha que dizer a alguém. Da última vez que falei com Evelyn, ela parecia saber coisas sobre a cidade que eu não sabia. Imagino que ela possa saber como me ajudar com isso antes que seja tarde demais.

É um risco, mas não tenho certeza de para onde mais virar.

— Estive de olho em Max — revelo. — Você disse que a Erudição estava envolvida com a Audácia, e estava certa, eles estão planejando algo juntos, Max, Jeanine e quem sabe quem mais.

Conto-lhe o que vi no computador de Max, as listas de material e os mapas. Digo-lhe o que tenho observado sobre a atitude da Erudição em relação à Abnegação, as reportagens, como eles estão envenenando até mesmo a mente da Audácia contra nossa antiga facção.

Quando termino, Evelyn não parece surpresa, ou mesmo com cara de enterro. Na verdade, não tenho ideia de como ler sua expressão. Ela fica quieta por um alguns segundos, e então fala:

— Você viu qualquer indicação de quando isso pode acontecer?

— Não.

— Nada acerca de números? Quão grande é a força que Erudição e Audácia pretendem usar? Onde eles pretendem convocá-la?

— Eu não sei — respondo, frustrado. — Realmente se importa, nada. Não importa quantos eles sejam, eles podem ceifar a Abnegação em segundos. Não é como se eles fossem treinados para se defender, ou se fariam isso se soubessem, de qualquer maneira.

— Eu sabia que algo estava acontecendo — Evelyn diz, franzindo a testa. — As luzes estão acesas na sede da Erudição o tempo todo. O que significa que eles não têm medo de ficar em apuros com os líderes do Conselho, o que... sugere algo sobre sua discordância crescente.

— Ok. Como é que vamos avisá-los?

— Avisar a quem?

— A Abnegação! — respondo com veemência. — Como advertiremos a Abnegação de que eles estão prestes a ser mortos, como avisaremos a Audácia que seus líderes estão conspirando contra o Conselho, como...

Faço uma pausa. Evelyn está parada com as mãos soltas ao lado do corpo, o rosto relaxado e passivo.

Nossa cidade está mudando, Tobias. Foi o que ela me disse quando nos vimos pela primeira vez depois de tanto tempo. Em breve, todos terão de escolher um lado, e eu sei que você preferiria estar conosco.

— Você já sabia — falo lentamente, lutando para processar a verdade. — Você sabia que eles estavam planejando algo assim, e sabia faz um tempo. Está esperando por isso. Contando com isso.

— Eu não tenho amores por minha antiga facção.

— Eu não posso acreditar que você... Eles não são todos Marcus, Evelyn. Eles são indefesos.

— Acha que eles são tão inocentes? — pergunta ela. — Você não os conhece. Eu os conheço, vi como eles realmente são — sua voz é baixa, gutural. — Como você acha que seu pai conseguiu mentir para você sobre mim todos esses anos? Pensa que os outros líderes da Abnegação não o ajudaram a perpetuar essa mentira? Eles sabiam que eu não estava grávida, que ninguém tinha chamado um médico, que não havia corpo. Mas eles ainda disseram que eu estava morta, não é?

Não tinha me ocorrido antes. Não havia nenhum corpo. Sem corpo, mas ainda assim todos os homens e mulheres sentados na casa de meu pai o velaram na terrível manhã e no funeral, e na noite seguinte entraram no jogo de fingir para mim e para o resto da comunidade da Abnegação, dizendo mesmo em seu silêncio: Ninguém nunca nos deixaria. Quem iria querer isso?

Eu não deveria estar tão surpreso ao descobrir que uma facção é tão cheia de mentirosos, mas acho que existem partes de mim que ainda são ingênuas como uma criança.

Não mais.

— Pense nisso — incita Evelyn. — Aquelas pessoas — que tipo de pessoa diria a uma criança que sua mãe está morta apenas para manter as aparências — são as que você quer ajudar? Ou você quer ajudar a removê-las do poder?

Eu achava que sabia. Aquela gente era a inocente Abnegação, com seus atos constantes de serviço e seus gestos deferentes, eles precisavam ser salvos.

Mas aqueles eram os mentirosos que me forçaram a sofrer, que me deixaram sozinho com o homem que me causou dor. Eles deveriam ser salvos?

Não posso olhar para ela, não posso responder. Espero que o trem passe por uma plataforma, em seguida, salto sem olhar para trás.

+ + +

— Não me leve a mal, mas você parece horrível.

Shauna afunda na cadeira ao lado da minha, trazendo a bandeja para baixo. Parece que a conversa de ontem com minha mãe é um súbito ruído ensurdecedor, e agora todos os outros sons estão abafados. Eu sempre soube que meu pai era cruel. Mas sempre pensei que os outros da Abnegação fossem inocentes; no fundo, sempre pensei em mim como fraco por

deixá-los, como uma espécie de traidor de meus próprios valores. Agora parece que não importa o que eu decida, estarei traindo alguém. Se eu avisar a Abnegação sobre os planos de ataque que encontrei no computador de Max, estarei traindo a Audácia. Se não avisá-los, trairei minha antiga facção novamente, de uma forma muito maior do que fiz antes. Eu não tenho escolha, mas tenho que decidir, e o pensamento me faz sentir enjoado.

Enfrento o dia da única maneira que conheço: eu me levantei e fui trabalhar. Coloquei o ranking – que foi uma fonte de controvérsias, comigo defendendo dar um maior peso para a melhoria, e Eric defendendo a consistência. Fui comer. Eu me deixei levar pelos movimentos, deixando a memória dos músculos trabalhar por mim.

— Você vai comer alguma coisa? — Shauna pergunta, apontando para o meu prato cheio de comida.

Dou de ombros.

— Talvez — posso dizer que ela está prestes a perguntar o que há de errado, então introduzo um novo tópico. — Como Lynn está se saindo?

— Você saberia melhor do que eu — ela responde. — Vendo seus medos e tudo o mais.

Corto um pedaço de carne e começo a mastigá-la.

— Como é? — Ela pede com cautela, levantando uma sobrancelha para mim. — Ver todos os medos deles, quero dizer.

— Não posso falar sobre os medos dela. Você sabe disso.

— Essa é uma regra sua, ou da Audácia?

— Será que isso importa?

Shauna suspira.

— Às vezes sinto como se eu nem sequer a conhecesse, isso é tudo.

Terminamos nossas refeições sem falar. Isso é o que eu mais gosto em Shauna: ela não sente a necessidade de preencher os espaços vazios. Quando terminarmos, deixamos o refeitório juntos, e Zeke chama por nós do outro lado do Abismo.

— Ei! — Ele está girando um rolo de fita adesiva no dedo. — Estão a fim de socar alguma coisa?

— Sim — Shauna e eu respondemos em uníssono.

Caminhamos em direção à sala de treinamento, Shauna atualizando Zeke sobre sua semana na cerca:

— Há dois dias, eu, idiota, estava em patrulha e comecei a surtar, jurando que vi algo lá fora...

Acontece que era um saco de plástico...

E Zeke desliza o braço nos ombros dela.

Ando silenciosamente e tenho não ficar em seu caminho. Quando nos aproximamos da sala de treinamento, penso ter ouvido vozes no interior. Franzindo a testa, abro a porta com o pé. Lá dentro estão Lynn, Uriah, Marlene, e... Tris. A colisão de mundos me assusta um pouco.

— Pensei ter ouvido algo daqui — eu falo.

Uriah está disparando em um alvo com uma das armas de munição de plástico que a Audácia costuma usar para se divertir – eu sei pelo fato de que ele não tem uma, de modo que aquela deve ser de Zeke – e Marlene está mastigando alguma coisa. Ela sorri para mim e acena quando entro.

— Acontece que é meu irmão idiota — Zeke fala. — Você não deveria estar aqui depois do horário. Cuidado, ou Quatro contará ao Eric, e então você estará praticamente escalpelado.

Uriah enfia a arma em sua cintura, contra a parte baixa de suas costas, sem puxar a trava de segurança. Ele provavelmente vai acabar com um hematoma no traseiro quando a arma disparar de dentro de suas calças. Eu não menciono isso a ele.

Mantenho a porta aberta para eles passarem. Enquanto passa por mim, Lynn diz:

—Você não contaria ao Eric.

— Não, eu não contaria — concordo.

Quando Tris passa, eu estendo a mão, e ela se encaixa automaticamente no espaço entre suas omoplatas. Eu nem sei se isso foi intencional ou não. Realmente não me importo.

Os outros chegam ao corredor, e nosso plano original de passar um tempo na sala de treinamento é esquecido uma vez que Uriah e Zeke iniciam uma briga e Shauna e Marlene compartilham o resto de um muffin.

— Espere um segundo — peço a Tris.

Ela se vira para mim, preocupada, então eu tento sorrir, mas é difícil sentir vontade de sorrir agora. Notei tensão na sala de treinamento quando pendurei os rankings mais cedo esta noite – nunca pensei que, quando eu estava calculando os pontos para o ranking, talvez devesse diminuir seus pontos para a sua proteção. Teria sido um insulto à sua habilidade nas simulações colocá-la mais abaixo na lista, mas talvez ela preferisse o insulto ao crescente abismo entre ela e seus companheiros transferidos. Mesmo que ela esteja pálida e exausta, e haja pequenos cortes em torno de suas unhas e um olhar vacilante em seus olhos, sei que não é o caso. Essa garota nunca quereria estar protegida no meio dos outros, nunca.

— Você pertence a este lugar, sabe disso? — eu digo. — Você deve ficar conosco. Isso acabará em breve, então só aguarde firme, ok?

A minha nuca de repente parece quente, e a coço com uma das mãos, incapaz de encontrar seus olhos, embora eu possa senti-los em mim enquanto o silêncio se alonga. Em seguida, ela desliza os dedos entre os meus, e eu olho para ela, assustado. Aperto-lhe a mão, de leve, e isso é registrado através do meu tumulto interior e cansaço como se eu a tivesse tocado meia dúzia de vezes – cada uma um lapso de julgamento – e esta é a primeira vez que ela fez isso de volta. Então ela se vira e corre para alcançar seus amigos.

E eu fico no corredor, sozinho, sorrindo como um idiota.

+ + +

Tento dormir durante quase uma hora, me revirando debaixo da coberta para encontrar uma posição confortável. Mas parece que alguém trocou meu colchão por um saco de pedras. Ou então minha mente está ocupada demais para eu conseguir dormir.

Eventualmente eu desisto, coloco meus tênis e jaqueta e caminho para a Caverna, como sempre faço quando não consigo dormir. Penso em rodar o programa da paisagem do medo de novo, mas não lembrei de repor meu suprimento de soro de simulação esta tarde, e seria muito arriscado tentar conseguir um agora. Em vez disso, vou para a sala de controle, onde Gus me cumprimenta com um grunhido e os outros dois funcionários nem percebem minha presença.

Não tento olhar os arquivos de Max novamente – sinto como se eu já soubesse tudo o que preciso saber, que algo ruim está para acontecer e eu não faço a mínima ideia de como tentarei impedir.

Preciso contar para alguém, preciso de alguém para compartilhar isso comigo, para me dizer o que fazer. Mas não há ninguém a quem eu confiaria algo como isso. Mesmo os meus amigos que nasceram e foram criados na Audácia; como eu saberia que eles não confiariam em seus líderes? Eu não posso saber.

Por algum motivo, o rosto de Tris vem à minha mente, e lembro quando ela apertou minha mão no corredor.

Eu observo as filmagens, olhando para as ruas da cidade e depois voltando para o complexo da Audácia. A maioria dos corredores está tão escura que eu praticamente não conseguiria ver mesmo que houvesse algo lá. Em meus fones de ouvido, ouço apenas a água correndo ou o zumbido do vento pelos becos. Eu suspiro, apoiando a cabeça na mão, e olhando as imagens mudando, uma após a outra, e deixando-as me levar para um tipo de sono consciente.

— Vá para cama, Quatro — Gus fala do outro da sala.

Eu desperto e concordo com a cabeça. Se eu não estou realmente olhando as imagens, não é uma boa ideia continuar na sala de controle. Saio da minha conta no computador e ando pelo corredor até o elevador, piscando para me manter acordado.

Enquanto caminho pelo hall de entrada, escuto um grito vindo de baixo, vindo do Abismo. Não é um grito normal de um integrante da Audácia, ou o grito de alguém que está assustado, é um tom particular, o tom particular de terror.

Pequenas pedrinhas voam atrás de mim enquanto corro para a beira do Abismo, minha resCavernação rápida e pesada, mas contínua.

Três pessoas altas e com roupas escuras estão perto do parapeito. Eles estão em volta de uma quarta pessoa, menor, e mesmo que eu não saiba quem eles são daqui de longe, reconheço uma briga quando vejo uma. Ou eu chamaria isso de briga, se não fosse três contra um.

Um dos sujeitos olha em volta, me vê e sai correndo para o outro lado. Quando chego mais perto, vejo que um dos atacantes está segurando a vítima para cima, sobre o parapeito, e grito: — Ei!

Eu vejo seu cabelo loiro, e dificilmente consigo ver outra coisa depois disso. Eu me choco contra um dos atacantes – Drew, eu posso dizer pela cor de seu cabelo vermelho alaranjado – e o empurro para o parapeito. Eu o acerto uma, duas, três vezes no rosto, e ele cai no chão, e então começo a chutá-lo, e eu não estou raciocinando, não consigo raciocinar de forma alguma.

— Quatro.

Sua voz é baixa, rouca, e é a única coisa que possivelmente poderia me atingir nesse lugar. Ela está apoiada na beira do Abismo, balançando como se fosse um peixe numa vara. O outro, o último atacante, foi embora.

Eu corro até ela, pegando-a por debaixo dos braços, e a puxo da beira do Abismo. Eu a seguro contra meu peito. Ela pressiona o rosto em meu ombro, enrolando os dedos na minha camiseta.

Drew está no chão, desmaiado. Eu o ouço gemer enquanto carrego Tris para longe – não para a enfermaria, onde os outros que foram atrás dela pensariam em ir, mas para o meu apartamento, em um corredor solitário e isolado. Entro no apartamento e a deito em minha cama. Passo meus dedos por seu nariz e clavículas procurando por fraturas, depois checo sua pulsação e me inclino para ouvir sua respiração. Tudo parece normal, estável. Até o machucado na parte de trás de sua cabeça, mesmo que arranhado e sujo de sangue, não parece sério. Ela não está seriamente ferida, mas poderia estar.

Minha mão está tremendo quando eu me afasto dela. Ela não está machucada seriamente, mas Drew pode estar. Eu nem sei quantas vezes o acertei antes de ela chamar meu nome e me despertar. O resto do meu corpo começa a tremer também, e checo se há um travesseiro embaixo de sua cabeça, depois deixo o apartamento para ir ao Abismo. No caminho, tento repassar os últimos minutos em minha mente, tento recordar onde eu acertei, quando e com que intensidade, mas tudo está perdido em uma vertigem de fúria.

Imagino se era assim para ele, lembrando do olhar selvagem e frenético de Marcus toda vez que ele ficava com raiva.

Quando chego até o Abismo, Drew ainda está lá, deitado em uma posição estranha e contorcida no chão. Coloco seu braço sobre meus ombros e meio carrego, meio arrasto o garoto para a enfermaria.

+ + +

Quando volto para o meu apartamento, imediatamente vou para o banheiro lavar o sangue das minhas mãos – alguns dos meus dedos estão cortados por conta do impacto contra o rosto de Drew. Se Drew estava lá, o outro atacante deveria ser Peter, mas quem era o terceiro? Molly não – a forma era muito alta, muito grande. Na verdade, só há um iniciado daquele tamanho.

Al.

Checo o meu reflexo, esperando ver pequenos pedacinhos de Marcus olhando de volta para mim. Há um corte no canto da minha boca – Drew me atacou de volta em algum momento?

Não importa. Meu lapso de memória não importa. O que importa é que Tris está respirando.

Deixo minhas mãos embaixo da água até que fiquem limpas, depois as seco na toalha e vou até o freezer pegar um saco de gelo. Enquanto eu o levo até Tris, percebo que ela está acordada.

— Suas mãos — ela diz, e é algo ridículo a se dizer, tão estúpido estar preocupada com as minhas mãos quando ela estava pendurada no Abismo pouco tempo atrás.

— Minhas mãos — eu digo, irritado. — Não são da sua conta.

Eu me inclino sobre ela, deslizando o saco de gelo sob sua cabeça, onde senti um inchaço mais cedo. Ela levanta a mão e toca as pontas dos dedos em minha boca.

Nunca pensei que poderia sentir um toque dessa forma, como um choque de energia. Seus dedos são macios, curiosos.

— Tris — eu digo. — Eu estou bem.

— Por que você estava lá?

— Eu estava voltando da sala de controle. Ouvi um grito.

— O que você fez com eles?

— Eu deixei Drew na enfermaria meia hora atrás. Peter e Al correram. Drew alegou que tentavam apenas te assustar. Pelo menos acho que isso era o que ele estava tentando dizer.

— Ele está muito mal?

— Ele vai viver. Em que condições, eu não posso dizer — eu cuspo.

Eu não deveria deixá-la ver esse meu lado, o lado que sente prazer na dor de Drew. Eu não deveria ter esse lado.

Ela alcança o meu braço e o aperta.

— Bom, — ela diz.

Eu olho para ela. Ela tem esse lado também, tem que ter. Eu vi como ela estava quando venceu Molly, como se fosse continuar sem se importar se a oponente estivesse inconsciente ou não. Talvez eu e ela sejamos iguais.

Seu rosto se contorce, e ela começa a chorar. Na maior parte do tempo, quando alguém chora na minha frente, eu me sinto pressionado, como se eu precisasse escapar da presença da pessoa para conseguir respirar. Não me sinto dessa forma com ela. Eu não me preocupo que ela espere muito de mim, ou que ela precise de mim de qualquer forma. Eu sento no chão para ficar da mesma altura que ela e a observo cuidadosamente por um momento. Depois toco seu rosto, cuidadosamente, para não pressionar nenhum dos seus machucados. Passo meu dedão pela sua bochecha. Sua pele está quente.

Eu não tenho a palavra certa para descrever como ela é, mas mesmo agora, com partes do seu rosto inchadas e pálidas, há algo atraente nela, algo que nunca vi antes.

Naquele momento, eu sou capaz de aceitar a inevitável forma de como me sinto, mesmo que não com alegria.

Eu preciso falar com alguém. Eu preciso confiar em alguém. E por qualquer razão que seja, eu sei, eu sei que é ela.

Eu tenho que começar dizendo o meu nome.

+ + +

Eu me aproximo de Eric na fila do café da manhã, ficando atrás dele com minha bandeja enquanto ele usa uma colher de cabo longo para colocar ovos mexidos em seu prato.

— Se eu te dissesse que um dos iniciados foi atacado na noite passada por outro iniciado — eu digo — você ao menos se importaria?

Ele coloca os ovos em um lado de seu prato, e dá de ombros.

— Talvez eu me importe com o fato de que o instrutor deles não parece ser capaz de controlar seus iniciados — Eric diz enquanto eu pego uma tigela de cereais para mim. Ele olha para os meus dedos cortados. — Eu poderia me importar com esse ataque hipotético se ele fosse o segundo sob as vistas do instrutor... considerando que os nascidos na Audácia não tem esse problema.

— Tensões entre os transferidos são naturalmente mais frequentes — eles não conhecem uns aos outros, ou essa facção, e seus passados são bem diferentes — eu digo. — E você é o líder deles, não deveria ser responsável por mantê-los sob controle?

Ele coloca um pedaço de torrada perto de seus ovos mexidos com um pegador. Então se inclina para perto do meu ouvido e diz:

— Você está andando sobre gelo fino, Tobias — ele sussurra. — Discutindo comigo na frente dos outros. “Perdeu” os resultados de simulações. Sua óbvia inclinação para os iniciantes mais fracos do ranking. Até Max concorda agora. Se houve um ataque, não acho que ele ficará muito feliz com você, e ele talvez não se oponha quando eu sugerir que você seja removido de seu posto.

— Então você seria o instrutor dos iniciados uma semana antes do final da iniciação.

— Eu posso terminá-la eu mesmo.

— Só posso imaginar como ela seria sob sua supervisão — eu digo, estreitando meus olhos.

— Nós nem precisaríamos fazer nenhum corte. Todos eles morreriam ou desertariam por conta própria.

— Se você não for cuidadoso, não precisará imaginar nada — ele chega ao final da fila e se vira para mim. — Ambientes competitivos criam tensões, Quatro. É natural que a tensão precise ser liberada de alguma forma. — Ele sorri um pouco, esticando a pele entre seus piercings. — Um ataque certamente nos mostraria, em uma situação no mundo real, quem são os mais fortes e os mais fracos, você não acha? Nós não precisaríamos nos basear nos resultados, dessa forma. Poderíamos fazer uma decisão mais informada de quem não pertence à Audácia... Se um ataque acontecesse.

A implicação é clara: como sobrevivente do ataque, Tris seria vista como mais fraca do que os outros iniciantes, e propensa à eliminação.

Eric não correria para ajudar a vítima, mais facilmente ele votaria por sua expulsão da Audácia, como fez antes de Edward sair por conta própria. Não quero que Tris seja forçada a ser uma sem-facção.

— Certo — eu digo calmamente. — Bem, então é bom que nenhum ataque tenha acontecido recentemente.

Eu derramo um pouco de leite em cima do meu cereal e ando para a minha mesa. Eric não vai fazer nada com Peter, Drew ou Al, e não posso fazer nada sem pisar fora da linha e sofrer as consequências. Mas talvez — talvez eu não tenha que fazer isso sozinho. Coloco minha bandeja entre Zeke e Shauna e digo:

— Preciso da ajuda de vocês com uma coisa.

+ + +

Depois que a explicação sobre a paisagem do medo termina e todos os iniciados serem liberados, puxo Peter para o canto da sala de observação, perto da sala de simulação. Essa sala contém fileiras de cadeiras, prontas para os iniciados sentarem enquanto esperam sua vez para fazer o teste final. Ela também contém Zeke e Shauna.

— Nós precisamos ter uma conversinha — eu digo.

Zeke anda até Peter, e o empurra contra a parede de concreto com uma força alarmante. Peter bate a parte de trás da cabeça e estremece.

— E aí? — Zeke diz, e Shauna anda até eles, girando uma faca em sua mão.

— O que é isso? — Peter pergunta. Ele não parece nem um pouco com medo, mesmo quando Shauna pega a lâmina pelo cabo e pressiona a ponta em sua bochecha. — Tentando me assustar? — ele zomba.

— Não — respondo. — Tentando deixar algo claro. Você não é o único que tem amigos que querem fazer algum mal.

— Eu não acho que instrutores de iniciação devam fazer ameaças, não é? — Peter me olha com as sobrancelhas erguidas, um olhar que eu talvez confundiria com inocência se eu não soubesse como ele realmente é. — Terei que perguntar ao Eric, só para ter certeza.

— Eu não o ameacei — replico. — Eu não estou nem tocando em você. E de acordo com as imagens desta sala que estão guardadas nos computadores da sala de controle, nós nem estamos aqui agora.

Zeke ri como se não pudesse aguentar mais. Foi ideia dele.

— Quem está te ameaçando sou eu — Shauna diz, quase em um rosnado. — Mais uma interrupção e terei que lhe ensinar uma lição sobre justiça. — Ela segura a ponta da faca sobre

seu olho, e a empurra para frente vagarosamente, aproximando a ponta de sua pupila. Peter congela, mal se mexendo até para respirar. — Olho por olho. Arranhão por arranhão.

— Talvez Eric não ligue se você fizer mal aos seus colegas — Zeke diz, — mas nós ligamos, e há vários na Audácia como nós. Pessoas que não acham que você deveria tocar um dedo em companheiros de facção. Pessoas que ouvem fofocas, e as espalham como fogo vivo. Não vai demorar muito para contarmos a elas que tipo de verme você é, ou para elas fazerem sua vida ficar bem, bem difícil. Sabe como é, na Audácia, reputações tendem a permanecer por um longo tempo.

— Nós vamos começar com todos os seus chefes em potencial — Shauna diz. — Os supervisores na sala de controle — Zeke pode falar com eles; os líderes lá fora na cerca — eu fico com eles. Tori conhece todos no Abismo — Quatro, você é amigo da Tori, não é?

— É, sou sim — confirmo. Eu chego mais perto de Peter, e inclino a cabeça. — Você talvez seja capaz de causar dor, novato... mas nós podemos te causar uma miséria a longo prazo.

Shauna afasta a faca do olho de Peter.

— Pense nisso.

Zeke solta a camiseta de Peter, ainda sorrindo. De alguma forma, a combinação da ferocidade de Shauna e a alegria de Zeke é estranha o suficiente para ser ameaçadora.

Zeke acena para Peter, e nós vamos embora juntos.

— Você queria que a gente fale com as pessoas de qualquer forma, né? — Zeke me pergunta.

— Ah sim — eu digo. — Definitivamente. Não só sobre Peter. Drew e Al também.

— Talvez, se ele sobreviver à iniciação, eu tropece acidentalmente nele e ele acidentalmente caia no Abismo — Zeke reflete esperançosamente, fazendo um gesto de mergulho com a mão.

+ + +

Na manhã seguinte, há uma multidão reunida perto do Abismo, todos muito quietos e tranquilos, embora o cheiro do café da manhã chame todos nós em direção ao refeitório. Eu não tenho que perguntar por que eles estão reunidos.

Isso acontece quase todo ano, estou dizendo. Uma morte. Como Amar, repentina, terrível e devastadora. Um corpo içado do Abismo como um peixe no anzol. Normalmente alguém jovem — um acidente, por causa de um ato audacioso que deu errado, ou talvez não um acidente, uma mente ferida pela escuridão, pela pressão, pelo preço de ser da Audácia.

Eu não sei como me sentir com essas mortes. Culpado, talvez, por não ver a dor eu mesmo. Doloroso, que outras pessoas não conseguem achar outro jeito de fugir.

Ouço o nome do falecido falado à frente, e ambas emoções me atacam com força.

Al. Al. Al.

Meu iniciado — minha responsabilidade e eu falhei, e estive tão obcecado por pegar Max e Jeanine, ou acusando Eric por tudo, ou com a minha indecisão sobre avisar a Abnegação. Não — nenhuma dessas coisas tanto quanto essa: eu me distanciei deles para minha própria proteção, quando deveria estar atraindo-os para fora dos lugares escuros daqui e para aqueles mais leves. Rindo com amigos nas pedras do Abismo. Tatuagens tarde da noite depois de uma rodada de Desafio. Um mar de abraços depois das posições serem anunciadas. Essas são as coisas que eu poderia tê-lo mostrado — mesmo que não o tivesse ajudado, eu deveria ter tentado.

Eu sei de uma coisa: depois de a iniciação desse ano acabar, Eric não precisará tentar com tanto afinho me expulsar dessa posição. Eu já terei saído.

+ + +

Al. Al. Al.

Por que todos precisam morrer para se tornarem heróis na Audácia? Por que nós precisamos deles para isso? Talvez eles sejam os únicos que podemos encontrar em uma facção de líderes corruptos, colegas competitivos e instrutores cínicos. Pessoas mortas podem ser

nossos heróis porque elas não podem nos desapontar depois; só podem melhorar ao longo do tempo, enquanto nos esquecemos mais e mais deles.

Al era inseguro e sensível, e depois foi invejoso e violento, e então se foi. Homens mais tranquilos que Al viveram e homens mais duros que Al morreram e não houve nenhuma explicação para isso.

Mas Tris quer uma, anseia por uma, posso ver no seu rosto, um tipo de desejo. Ou raiva. Ou ambos. Não posso imaginar que seja fácil gostar de alguém, odiá-lo, e depois perdê-lo antes que qualquer um desses sentimentos sejam resolvidos. Eu a sigo para longe dos cânticos Audaciosos porque sou arrogante o suficiente para acreditar que posso fazê-la se sentir melhor.

Certo. Claro. Ou talvez eu a siga porque estou cansado de ser tão distante de todos, e eu já não estou certo de qual é a melhor maneira de ser.

— Tris — chamo.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta amargamente. — Não deveria estar prestando suas condolências?

— E você também não deveria? — Me movo em direção a ela.

— Não posso prestar meu respeito quando não tenho nenhum.

Estou surpreso, por um momento, que ela consiga ser tão fria – Tris não é sempre agradável, mas ela raramente é arrogante sobre alguma coisa. Ela só leva um segundo para sacudir a cabeça.

— Eu não quis dizer isso.

— Ah.

— Isso é ridículo — ela diz, corando. — Ele se jogou no abismo e Eric o está chamando de corajoso? Eric, que tentou fazer você jogar facas na cabeça de Al?

— O que você quer que eles façam? Condená-lo? Al já está morto. Ele não pode ouvir isso e é tarde demais.

— Isso não é sobre Al! — ela diz. — É sobre todos assistindo! Todos que agora veem como uma opção se atirar no abismo. Quero dizer, por que não fazê-lo se todos irão chamá-lo de herói depois? Por que não fazê-lo se todos irão lembrar seu nome? É... Eu não posso...

Mas é claro, isso é sobre Al, e ela sabe disso.

— Isso nunca teria acontecido na Abnegação! Nada disso! Nunca. Esse lugar o perverteu e o arruinou, e eu não ligo se dizer isso faz de mim uma Careta. Eu não ligo, eu não ligo!

Minha paranoia está tão enraizada que olho automaticamente para a câmera enterrada na parede acima do bebedouro, disfarçada pela lâmpada azul fixada lá. As pessoas na sala de controle podem nos ver, e se tivermos azar, eles poderiam escolher esse momento para nos ouvir, também.

— Cuidado, Tris — eu digo.

— Isso é tudo o que você pode dizer? Que eu deveria tomar cuidado? É isso?

Entendo que minha resposta não foi exatamente o que ela estava esperando, mas para alguém que só protestou contra a imprudência da Audácia, ela definitivamente está agindo como um deles.

— Você é tão ruim quanto os membros da Franqueza, sabia disso? — Eu digo.

A Franqueza está sempre com suas bocas soltas, nunca pensam nas consequências. Eu a puxo para longe do bebedouro, e então estou perto do seu rosto e consigo imaginar seus olhos mortos flutuando na água do rio subterrâneo e não posso suportar isso, não quando ela estava sendo atacada e quem sabe o que teria acontecido se eu não a tivesse ouvido gritar.

— Eu não vou dizer isso de novo, então escute atentamente — coloco as mãos em seus ombros. — Eles estão de olho em você. Você, em particular.

Lembro dos olhos de Eric nela depois do arremesso de facas. Suas perguntas sobre os dados deletados de sua simulação. Eu aleguei que foram danos causados pela água. Ele pensou ser interessante que a água tenha danificado os arquivos menos de cinco minutos depois da simulação de Tris ter terminado. Interessante.

— Me solte — ela diz.

Eu o faço imediatamente. Não gosto de ouvir sua voz desse jeito.

— Eles estão vigiando você também?

Sempre estiveram, sempre estarão.

— Eu continuo tentando te ajudar, mas você se recusa a ser ajudada.

— Ah, claro. Sua ajuda — ela diz. — Apunhalando minha orelha com uma faca, me provocando e gritando comigo mais do que com qualquer outro, com certeza ajuda.

— Provocando você? Você quer dizer quando eu atirei as facas? Não estava te provocando! — Eu balanço minha cabeça. — Eu estava te lembrando que se você falhasse, outra pessoa teria que tomar o seu lugar.

Para mim, no momento, quase parecia óbvio. Eu pensei, já que ela parecia me entender melhor que a maioria das pessoas, que ela entenderia isso, também. Mas claro que ela não entendeu. Ela não é leitora de mentes.

— Por quê?

— Porque você é da Abnegação — respondo. — E é quando você age altruisticamente que você é mais corajosa. E se eu fosse você, eu me esforçaria mais em fingir que esses impulsos altruístas já não existem mais. Porque se as pessoas erradas descobrirem... Bem, não será bom para você.

— Por quê? Por que eles se importam com as minhas intenções?

— Intenções são as únicas coisas com as quais eles se importam. Eles tentam fazer com que você pense que eles se preocupam com o que você faz, mas não. Eles não querem que você aja de certa forma. Eles querem que você pense de um modo específico. Para que você seja fácil de ser decifrada. Para que você não represente uma ameaça para eles.

Coloco a mão na parede perto do rosto dela e me inclino para ela, pensando nas tatuagens que formam uma linha nas minhas costas. Elas não me faziam um traidor de facção. Era o que elas representavam pra mim — uma fuga dos pensamentos restritos de uma facção, o pensamento que me fatia em diferentes partes de mim, me diminuindo para uma pequena versão de mim.

— Eu não entendo. Por que eles se importam com o que eu penso, mesmo quando eu ajo como eles esperam de mim?

— Você está agindo como eles querem agora — respondo. — Mas o que acontece quando seu lado da Abnegação mandar que você faça alguma outra coisa, algo que eles não querem que você faça?

Tanto quanto eu gosto dele, Zeke é um exemplo perfeito. Nascido na Audácia, criado na Audácia, escolheu Audácia. Posso contar com ele para abordar isso. Ele foi treinado desde o nascimento. Para ele, não existem outras opções.

— Talvez eu não precise que você me ajude. Já pensou sobre isso? — Quero rir da pergunta. Claro que ela não precisa de mim. Quando foi que ela precisou? — Eu não sou fraca, você sabe. Posso fazer isso sozinha.

— Você pensa que meu primeiro instinto é proteger você — eu me movo, então estou mais perto dela. — Porque você é pequena, ou uma garota, ou uma Careta. Mas você está errada. Sempre mais perto. Eu toco o queixo dela, e por um momento penso em acabar com essa distância completamente.

— Meu primeiro instinto é empurrá-la até que você quebre, só para ver quão forte eu tenho que pressioná-la — eu digo, e esta é uma admissão estranha, e perigosa. Não quero dizer que espero que ela se machuque, eu nunca sentiria isso, e espero que ela saiba que não é isso o que quero dizer. — Mas eu resisto.

— Por que esse é seu primeiro instinto?

— Medo não te derruba. Ele faz você levantar. Eu já vi isso. É fascinante.

Os olhos dela em toda simulação do medo, são apenas gelo, aço e chama azul. A pequena e leve garota com braços de arame esticado. A contradição ambulante. Minha mão desliza sobre sua mandíbula, toca seu pescoço.

— Algumas vezes eu só quero ver isso de novo. Ver você despertar.

Suas mãos tocam minha cintura, e ela se puxa para mim, ou me puxa contra ela, eu não posso dizer qual. As mãos dela se movem pelas minhas costas, e eu a quero, de um jeito que não

sentia antes, não apenas uma espécie de unidade física irracional, mas um desejo específico real. Não por “alguém”, somente por ela.

Toco suas costas, seu cabelo. É o suficiente por enquanto.

— Eu deveria estar chorando? — ela pergunta, e me leva um segundo para perceber que ela está falando de Al novamente. Bom, porque se esse abraço a fez querer chorar, tenho que admitir não saber absolutamente nada sobre romance. O que pode ser verdade, de qualquer maneira. — Tem alguma coisa errada comigo?

— Você acha que sei alguma coisa sobre lágrimas?

As minhas vêm sem avisar e desaparecem alguns segundos depois.

— Se eu o tivesse perdoado... você acha que ele estaria vivo agora?

— Eu não sei — coloco a mão em sua bochecha, meus dedos se esticam atrás da orelha dela. Ela é realmente pequena. Eu não me importo.

— Eu sinto como se fosse a minha culpa — ela diz.

Eu também.

— Não é sua culpa.

Coloco minha testa sobre a dela. Sua respiração é quente sobre meu rosto. Eu estava certo, isso é melhor do que manter minha distância, isso é muito melhor.

— Mas eu deveria tê-lo perdoado. Eu deveria.

— Talvez. Talvez todos nós pudéssemos ter feito alguma coisa — falo, e então solto uma banalidade da Abnegação sem pensar. — Mas nós só podemos deixar a culpa nos lembrar de fazer mais da próxima vez.

Ela se inclina para trás imediatamente, e eu sinto um impulso familiar de ser ruim com ela de modo que ela esqueça o que eu disse e não me faça perguntas.

— De qual facção você veio, Quatro?

Acho que você sabe.

— Não importa. Aqui é onde eu estou agora. Uma coisa que seria boa que você lembrasse.

Eu não quero mais apenas ficar perto dela; é tudo o que quero fazer.

Eu quero beijá-la; mas agora não é a hora.

Toco meus lábios em sua testa, e nenhum de nós se move. Não há volta agora, não para mim.

+ + +

Algo que ela disse fica comigo o dia todo.

Isso não aconteceria na Abnegação.

Primeiro eu me encontrei pensando, Ela apenas não sabe do que eles realmente gostam.

Mas eu estou errado, e ela está certa. Al não teria morrido na Abnegação, ele não a teria atacado lá, tampouco. Eles podem não ser tão puramente bons como eu acreditava – ou queria acreditar – mas eles não são maus, tampouco.

Vejo o mapa do setor da Abnegação, aquele que encontrei no computador de Max, impresso em minhas pálpebras quando fecho meus olhos. Se eu avisá-los, ou se não fizer isso, serei um traidor de qualquer forma, de um jeito, ou de outro. Então, se a lealdade é impossível, que alternativa tenho?

+ + +

Leva um tempo até eu bolar um plano sobre como lidar com isto. Se ela fosse uma garota normal da Audácia e eu um simples rapaz da Audácia, eu a convidaria para sair e iríamos nos divertir perto do Abismo, onde eu poderia mostrar os meus conhecimentos sobre a nossa sede. Mas isso parece demasiado vulgar depois das coisas que dissemos um ao outro, depois de eu ter visto as partes mais profundas de sua mente.

Talvez esse seja o problema – o peso está todo apenas de um lado neste momento, porque eu a conheço, sei do que ela tem medo e o que ela mais ama e odeia, mas tudo o que ela sabe sobre mim foi o que eu lhe contei. E o que eu lhe contei é tão vago que pode ser posto de lado, porque eu tenho um problema específico.

Depois que já sei o que tenho que fazer, apenas saber como fazê-lo será o problema.

Ligo o computador na sala da paisagem do medo e o preparo para seguir a minha paisagem.

Arranjo duas seringas com o soro da simulação do depósito e ponho-as na pequena caixa preta que uso para guardá-las. Depois vou para o dormitório dos transferidos, sem ter a certeza de como vou apanhá-la sozinha tempo o suficiente para pedir-lhe para vir comigo. Mas aí eu a vejo com Will e Christina, juntos à grade do Absimo, e eu devia chamá-la, mas não sou capaz. Sou maluco, ao pensar em deixá-la entrar na minha cabeça? Deixá-la ver Marcus, descobrir o meu nome, conhecer tudo o que tentei tanto deixar escondido?

Volto para a sala da paisagem medo, o meu estômago às voltas. Quando chego ao lobby, reparo que as luzes começaram a se acender pela cidade à nossa volta. Ouço os passos dela nas escadas. Ela veio atrás de mim.

Agarro na minha pequena caixa preta.

— Já que você está aqui — eu digo, como se fosse normal — você pode muito bem vir comigo.

— Para sua paisagem do medo?

— Sim.

— Eu posso fazer isso?

— O soro te conecta ao programa, mas o programa determina qual paisagem você vai passar. E agora, está configurado para nos colocarmos na minha.

— Você me deixaria ver isso?

Eu mal consigo olhar para ela.

— Por que outra razão você acha que eu vou entrar? — o meu estômago dói ainda mais. — Há algumas coisas que eu quero te mostrar.

Abro a caixa e tiro a primeira seringa. Ela inclina a cabeça, e eu injeto o soro, tal como nós sempre fizemos durante as simulações. Mas invés de me injetar com a outra seringa, eu ofereço-lhe a caixinha. Supõe-se que esta é a minha maneira de sair à noite, apesar de tudo.

— Eu nunca fiz isso antes — ela fala.

— Bem aqui — eu toco no lugar.

Ela treme um pouco enquanto insere a agulha, e a dor da agulha já é familiar, já não me incomoda mais. Fiz isto demasiadas vezes.

Eu vejo o rosto dela. Não volte atrás, não volte atrás. É hora de ver do que ambos somos feitos.

Dou-lhe a mão, ou talvez ela que me dá a dela, e nós andamos para a sala da simulação de medo juntos.

— Veja se você pode descobrir por que eles me chamam de Quatro.

A porta se fecha atrás de nós, e a sala fica escura. Ela vem para perto de mim e diz:

— Qual é o seu verdadeiro nome?

— Veja se você pode descobrir isso também.

A simulação começa.

A sala abriu-se para um largo céu azul, e nós estamos no telhado do edifício, rodeados pela cidade, com o sol brilhando. É lindo apenas por um momento antes de o vento começar, destemido e poderoso, e eu ponho o meu braço à volta dela porque sei que ela é mais segura do que eu neste lugar.

Tenho dificuldade em respirar, o que é normal para mim, aqui neste espaço. Acho esta onda de ar sufocante, e sua força me faz querer enrolar numa bola e me esconder.

— Temos de saltar, certo? — ela pergunta, e eu me lembro de que não posso me enrolar numa bola e me esconder; tenho de encarar isto agora.

Eu aceno.

— No três, ok?

Volto a acenar. Tudo o que tenho de fazer é segui-la, é só isso que tenho de fazer.

Ela conta até três e me leva atrás dela à medida que corre, como se ela fosse um veleiro e eu uma âncora, puxando nós dois para baixo. Nós caímos e eu luto contra a sensação com todas as minhas forças, o medo gritando em cada nervo, e a seguir estou no chão, a respiração presa em meu peito.

Ela me ajuda a levantar. Sinto-me estúpido ao lembrar de como ela escalou aquela roda gigante sem medo e sem hesitação.

— Qual é o próximo?

Quero dizer-lhe que isto não é um jogo; os meus medos não são aventuras em que ela pode seguir em frente. Mas provavelmente ela não quis dizer aquilo desta maneira.

— É...

A parede aparece do nada, contra as costas dela e as minhas, e dos nossos lados. Nos força a nos aproximar, mais perto do que alguma vez tivemos antes.

— Confinamento — eu digo, e fica pior do que o habitual com ela aqui, sugando metade do meu ar.

Eu gemo um pouco ao dobrar-me sobre ela. Odeio este lugar. Odeio isto aqui.

— Ei. Está tudo bem. Aqui...

Ela puxa o meu braço ao redor dela. Sempre pensei nela magrinha, sem nada “extra” sobre ela. Mas a cintura dela é macia.

— Esta é a primeira vez que fico feliz por ser tão pequena.

— Mmmm.

Ela está falando sobre como sair. Estratégia da paisagem do medo. Estou tentando me concentrar em respirar. Ela nos para baixo, de maneira a fazer com que a caixa fique menor ainda, e vira-se com as costas contra o meu peito, então estou envolvendo-a completamente.

— Isso é pior — digo, porque com o meu nervosismo por causa da caixa e o nervosismo por estar encostado em todo o seu corpo, não consigo sequer pensar direito. — Isso sem dúvida...

— Shh. Braços envoltos em mim.

Coloco os meus braços em volta da sua cintura, e enterro o rosto em seu ombro. Ela cheira como o sabonete da Audácia, e doce, como uma maçã.

Estou esquecendo de onde estou.

Ela voltou a falar sobre a paisagem do medo, e estou ouvindo, mas também estou concentrado em tentar perceber o que ela sente.

— Portanto, tente esquecer que estamos aqui — ela conclui.

— Sim? — Ponho os meus lábios junto à sua orelha, desta vez de propósito, para tentar manter a distração, mas também porque tenho a sensação de que não sou o único distraído.

— Isso é fácil, hein?

— Você sabe, a maioria dos meninos gostaria de estar preso em quartos fechados com uma garota.

— Não pessoas claustrofóbicas, Tris!

— Ok, ok — ela agarra a minha mão e a leva ao seu peito, logo abaixo de onde a sua clavícula mergulha. Tudo em que consigo pensar é no que quero, o que de repente não tem nada a ver com sair desta caixa.

— Sinta meu coração. Você pode sentir isso?

— Sim.

— Sente como ele está estável?

Sorrio por cima do seu ombro.

— Está muito rápido.

— Sim, bem, isso não tem nada a ver com a caixa.

Claro que não tem.

— Toda vez que me sentir respirar, você respira. Concentre-se nisso.

— Ok.

Nós respiramos juntos, uma, duas vezes.

— Por que você não me diz de onde esse medo vem? Talvez falar sobre o assunto vá nos ajudar... de alguma forma.

Sinto que este medo já devia ter desaparecido, mas o que ela está fazendo é a aumentar o meu nível de inquietação, não fazendo desaparecer por completo o meu medo. Tento concentrar-me de onde esta caixa vem.

— Hum... tudo bem — certo, apenas o faça, diga algo verdadeiro. — Este é da minha infância fantástica. Castigos de infância. O pequeno armário sob a escada.

Calado no escuro do armário para pensar sobre o que tinha feito. Era melhor do que outros castigos, mas às vezes eu ficava lá por muito tempo, desesperado por ar fresco.

— Minha mãe guardava nossos casacos de inverno no armário — ela fala, e é uma coisa boba de se dizer depois do que acabei de lhe contar, mas consigo perceber que ela não sabe o que mais fazer.

— Eu não... Eu não quero mais falar sobre isso — eu digo com um suspiro.

Ela não sabe o que dizer, ninguém conseguiria saber o que dizer, porque a dor da minha infância é demasiado patética para que mais alguém consiga lidar — os meus batimentos cardíacos voltam a disparar.

— Ok. Eu posso falar. Pergunte-me alguma coisa.

Eu levanto a minha cabeça. Estava funcionando antes, concentrar-me nela. O seu coração acelerado, o seu corpo contra o meu. Dois fortes esqueletos embrulhados em músculo, entrelaçados; dois transferidos da Abnegação se esforçando para deixar a tentativa de flerte para trás.

— Ok. Por que seu coração está acelerado, Tris?

— Eu mal te conheço — quase consigo imaginar o seu sorriso. — Eu não te conheço e estou enrolada contra você dentro de uma caixa, Quatro, o que você acha?

— Se nós estivéssemos em sua paisagem do medo — falo — eu estaria nela?

— Eu não tenho medo de você.

— Claro que você não tem. Mas não foi isso que eu quis dizer.

Eu não queria dizer Tem medo de mim?, mas Sou importante o suficiente para você para estar na sua paisagem de qualquer maneira?

Provavelmente não. Ela tem razão, ela mal me conhece. Mas mesmo assim, seu coração está rápido. Eu rio, e as paredes se partem como se o meu riso as obrigasse a se quebrar, e o ar abresse à nossa volta. Respiro profundamente, e nos afastamos um do outro. Ela olha para mim de uma maneira suspeita.

— Talvez você tenha sido descartada da Franqueza — falo — porque você é uma péssima mentirosa.

— Acho que o meu teste de aptidão decidiu que eu minto muito bem.

— O teste de aptidão não diz nada.

— O que você está tentando me dizer? O teste não é a razão de você acabar na Audácia?

Dou de ombros.

— Não exatamente. Eu...

Eu dou de ombros.

Reparo numa sombra pelo canto do olho, e viro-me para ela. Uma mulher de rosto comum está sozinha no outro canto da sala. Entre ela e nós está uma mesa com uma arma em cima.

— Você tem que matá-la — Tris fala.

— Toda vez.

— Ela não é real.

— Ela parece real. É uma sensação real.

— Se ela fosse real, ela já teria te matado.

— Isso é certo. Eu vou... fazer isso. Isso não é... não é tão ruim. Não há muito pânico nisso.

Pânico e terror não são os únicos tipos de medo. Há medos mais profundos, mais aterrorizadores. Apreensão e medo pesado, muito pesado.

Carrego a arma sem pensar sobre isso, seguro-a na minha frente, e olho para o seu rosto. Está sem expressão, como se ela soubesse o que estou prestes a fazer e aceitasse.

Ela não está usando as roupas de nenhuma facção, pode ser tanto da Abnegação, ali à espera que eu a machuque, da maneira que eles fariam. Da maneira que eles farão, se Max, Jeanine e Evelyn, todos conseguirem o que querem.

Fecho um olho, para focar o meu alvo e disparo.

Ela cai, e penso na surra que dei em Drew até que ele ficou quase inconsciente.

As mãos de Tris fecham-se ao redor do meu braço.

— Vamos embora. Continue se movendo.

Nós passamos pela mesa, e eu tremo com medo. À espera deste último obstáculo que pode ser um medo em si.

— Aqui vamos nós — eu falo.

Andamos para dentro de um círculo de luz, as sombras escondendo uma figura em que somente a ponta dos seus sapatos é visível. Então ele começa a andar na nossa direção, Marcus, com os seus olhos pretos, as suas roupas cinza e o seu corte de cabelo curto, mostrando os contornos de seu rosto.

— Marcus... — ela sussurra.

Eu o observo. Espero que a primeira cintada venha.

— Aqui está a parte onde você descobre meu nome.

— Ele é...

Ela sabe, agora sabe. Ela saberá para sempre; não conseguirei fazê-la esquecer mesmo que quisesse.

— Tobias.

Já passou tanto tempo desde que alguém falou o meu nome daquela maneira, como se fosse uma revelação e não uma ameaça.

Marcus desenrola um cinto do seu punho.

— Isso é para o seu próprio bem — ele diz, e eu quero gritar.

Ele se multiplica imediatamente, rodeando-nos, os cintos sendo arrastados pelos azulejos brancos. Eu me encolho, curvando os meus ombros, à espera, à espera. O cinto é puxado para trás e eu recuo antes que me acerte, mas isso não acontece.

Tris entre na minha frente, com o seu braço levantado, tensa da cabeça aos pés. Ela cerra os dentes quando o cinto se enrola no seu braço, e então ela puxa para livrar-se e ataca. O movimento é poderoso, estou espantado como parece forte, com a força com que o cinto bate na pele do Marcus.

Ele se lança para Tris, e eu me jogo na frente dela. Estou preparado desta vez, preparado para lutar de volta. Mas o movimento nunca vem. As luzes baixam e a paisagem do medo acabou.

— É isso? — ela diz enquanto eu vejo o lugar em que Marcus estava. — Aqueles foram os seus piores medos? Por que você só tem quatro... oh — ela olha para mim. — É por isso que eles chamam você de...

Eu tinha medo que se ela soubesse sobre Marcus, olharia para mim com pena e me faria me sentir fraco, pequeno e vazio.

Mas ela viu Marcus e olhou para ele, com raiva e sem medo. Ela me fez sentir, não fraco, mas poderoso. Forte o suficiente para encará-lo.

Puxo-a para mim pelo seu cotovelo, e beijo-lhe a bochecha, devagar, deixando a sua pele arder com a minha. Seguro-a com força, curvando-me sobre ela.

— Ei — ela suspira. — Nós superamos isso.

Ponho os meus dedos pelo seu cabelo.

— Você me fez superar isso — respondo.

+ + +

Levo-a para ao pé das rochas aonde Zeke, Shauna, e eu vamos às vezes, à noite. Tris e eu nos sentamos numa pedra rasa suspensa sobre a água, e as gotas molham os meus sapatos, mas não está tão frio para me importar. Como todos os iniciados, ela está demasiado concentrada no teste de aptidão, e eu reluto em falar com ela sobre isso. Pensei que quando contasse um segredo, o resto viria logo a seguir, mas a franqueza é um hábito que se forma com o tempo, e não um interruptor que você liga quando quer, penso.

— Estas são coisas que eu não digo para as pessoas, você sabe. Nem mesmo meus amigos — observo a escuridão, a água escura e as coisas que ela carrega — pedaços de lixo, roupas velhas, garrafas a flutuar como se fossem pequenos barcos numa jornada. — Meu resultado era como esperado. Abnegação.

— Oh. Mas você escolheu Audácia de qualquer maneira?

— Por necessidade.

— Por que você teve que sair?

Olho para o lado, sem certeza de que vou conseguir explicar, porque admitir as minhas razões me faz sentir um traidor, um covarde.

— Você teve que fugir do seu pai — ela fala. — É por isso que você não quer ser um líder da Audácia? Porque se você fosse, teria que vê-lo de novo?

Suspiro.

— Isso, e eu sempre senti que não pertenço completamente à Audácia. Não da maneira que ela é agora, em todo o caso.

Não é bem a verdade. Eu não tenho certeza se este é o momento para lhe contar o que sei sobre Max, Jeanine e o ataque – egoistamente, quero manter este momento para mim mesmo, apenas um pouquinho.

— Mas você é... incrível — ela fala. Ergo minhas sobrancelhas e ela parece envergonhada. — Quero dizer, pelos padrões da Audácia. Quatro medos é inédito. Como você pode não pertencer a aqui?

Suspiro outra vez. Quanto mais tempo passa, mais estranho acho a minha paisagem de medo não estiver cheia de medos como a dos outros. Muitas coisas me deixam nervoso, ansioso, desconfortável... mas quando confrontado com essas coisas, eu consigo fingir, nunca fico paralisado. Os meus quatro medos, se não for cuidadoso, vão-me paralisar. Essa é a única diferença.

— Eu tenho uma teoria que altruísmo e coragem não são tão diferentes assim — olho para cima para a Caverna, subindo por cima de nós. Daqui consigo ver apenas uma pequena parte do céu da noite. — Durante toda a sua vida você é treinado para esquecer de si, então quando você está em perigo, isso se torna o primeiro instinto. Eu poderia pertencer à Abnegação facilmente.

— Sim, bem. Eu deixei a Abnegação, porque não era altruísta o suficiente, não importava o quanto eu tentasse.

— Isso não é inteiramente verdade — discordo, sorrindo. — Aquela garota que deixa alguém atirar facas contra ela para poupar um amigo. Aquela que bateu no meu pai com um cinto para me proteger – aquela garota altruísta, ela não é você?

Nesta luz, ela parece ser de outro mundo, os seus olhos tão pálidos quase parecem brilhar no escuro.

— Você tem prestado atenção, não tem? — ela me pergunta, como se lesse minha mente. Mas ela não está falando sobre eu estar olhando para o seu rosto.

— Eu gosto de observar as pessoas — digo maliciosamente.

— Talvez você tenha sido descartado da Franqueza, Quatro, porque você é um péssimo mentiroso.

Abaixo minha mão sobre a dela e chego mais perto.

— Ótimo — os seus ferimentos – o nariz estreito não está mais inchado do ataque, nem os seus lábios. Ela tem uma boca agradável. — Eu te observei, porque gosto de você. E não me chame de Quatro, ok? É bom ouvir o meu nome novamente.

Ela olha para mim confusa por um momento.

— Mas você é mais velho que eu... Tobias.

Soa tão bem quando ela fala. Como se não fosse nada que eu devesse ter vergonha.

— Sim, essa diferença gritante de dois anos é realmente insuperável, não?

— Eu não estou tentando ser autodepreciativa — ela diz teimosamente. — Eu simplesmente não entendo. Eu sou mais jovem. Eu não sou bonita. Eu...

Rio e beijo-lhe a têmpora.

— Não finja — ela fala, soando um pouco sem fôlego. — Você sabe que eu não sou. Eu não sou feia, mas certamente não sou bonita.

A palavra “bonita” e tudo o que ela representa, me parece completamente inútil neste momento.

— Certo. Você não é bonita. E então? — movo meus lábios para a sua bochecha, tentando arranjar alguma coragem. — Gosto de como você é. Você é mortalmente inteligente. É valente.

E mesmo descobrindo sobre Marcus... Você não está me dando aquele olhar. Como se eu fosse um filhote de cachorro chutado ou algo assim.

— Bem, você não é — ela diz como se fosse um fato.

Os meus instintos estavam certos: ela vale a confiança. Com os meus segredos, minha vergonha, meu nome, o nome que abandonei. Com as belas verdades e com as más. Eu sei. Junto os meus lábios aos dela. Os nossos olhos encontram-se, sorrio e volto a beijá-la, desta vez com mais certeza.

Não é suficiente. Puxo-a para mais perto de mim, e beijo-a com mais força. Ela ganha vida ao por os seus braços à minha volta e inclina-se para mim, e mesmo assim ainda não é suficiente, como é possível?

+ + +

Levo-a de volta ao dormitório dos transferidos, os meus sapatos ainda molhados da água do rio, e ela sorri quando passa pela porta. Faço meu caminho em direção ao meu apartamento, e não demora muito até que o alívio volte a dar lugar à inquietação. Entre ver aquele cinto à volta do braço dela, na minha paisagem do medo e dizer-lhe que altruísmo e coragem são na maioria das vezes a mesma coisa, eu tomei uma decisão. Viro na próxima esquina, não na direção do meu apartamento, mas para a escada que leva lá para fora, junto à casa de Max. Diminuo a velocidade quando passo pela porta dele, com medo que os meus passos sejam ruidosos demais para acordá-lo.

Absurdo.

O meu coração bate rápido quando alcanço o topo das escadas. Um trem está passando, o seu lado prateado captura o luar. Corro junto com os vagões e vou em direção ao setor da Abnegação.

+ + +

Tris veio de Abnegação – parte do seu poder inicial vem deles, sempre que ela defende as pessoas que são mais fracas do que ela. E eu não consigo suportar pensar nos homens e mulheres que são como ela virando armas para a Audácia/Erudição. Eles podem ter mentido, e talvez eu tenha falhado com eles quando escolhi Audácia, e provavelmente estou falhando com a Audácia agora, mas não posso falhar comigo mesmo. E, não importa em que facção estiver, sei a coisa certa a fazer.

O setor da Abnegação é tão limpo, não há nada de lixo nas ruas, calçadas ou na grama. Os edifícios cizentos são todos iguais em lugares onde pessoas altruístas recusaram a reconstruí-los quando os sem facção precisavam tanto dos materiais, mas limpo e normal. As ruas poderiam facilmente ser confundidas, mas eu não partira há tanto tempo para esquecer o caminho para a casa de Marcus.

Estranho quão rapidamente tornou-se a casa dele em vez da minha na minha mente.

Talvez eu não tenha que lhe contar; eu podia dizer a outro líder da Abnegação, mas ele é o mais influente, e há ainda uma parte dele que é meu pai, que tentou proteger porque sou Divergente. Tento me lembrar do poder que senti na minha paisagem do medo quando Tris me mostrou que ele era só um homem, não um monstro, e que eu o podia enfrentá-lo. Mas ela não está comigo aqui agora, e eu me sinto fraco, como se fosse feito de papel.

Ando em direção do caminho da casa, e as minhas pernas estão rijas, como se não tivessem articulações. Eu não bato; não quero acordar mais ninguém. Pego a chave de reserva que fica embaixo do tapete para destrancar a porta da frente.

É tarde, mas a luz ainda está acesa na cozinha.

No momento em que passo pela porta, ele já está parado onde eu o consiga ver. Por trás dele, a mesa da cozinha está coberta com papéis. Ele não está de sapatos – eles estão no tapete da sala de estar, com o seus laços desfeitos – e os seus olhos são apenas sombras, como se estivéssemos em meus pesadelos sobre ele.

— O que é que faz aqui? — ele olha para mim de cima a baixo.

Pergunto-me o que ele está olhando quando me lembro de que estou usando as roupas pretas da Audácia – as botas pesadas e o casaco – e a tatuagem em meu pescoço. Ele chega mais perto de mim, e eu reparo que estou tão alto quanto ele, e mais forte do que alguma vez fui. Ele nunca poderia rebaixar-me agora.

— Já não mais bem-vindo nesta casa — ele diz.

— Eu... — endireito-me, e não porque ele odeia a má postura. — Eu não quero saber — respondo, e as suas sobrançelas erguem-se como se eu o tivesse surpreendido. Talvez o tenha surpreendido mesmo.

— Vim avisar-lhe que encontrei uma coisa. Planos de ataque. Max e Jeanine vão atacar a Abnegação. Eu não sei quando, ou por que.

Ele me observa por um segundo, de uma maneira que me faz sentir como se estivesse sendomedido, e então sua expressão muda para um sorriso sarcástico.

— Max e Jeanine vão atacar? — ele repete. — Só eles os dois, armados com seringas de simulação? — ele estreita os olhos. — Max te enviou? Tornou-se o rapaz de recados dele? O que, ele quer me assustar?

Quando pensei em avisar a Abnegação, eu tinha a certeza de que a parte mais difícil seria atravessar esta porta. Nunca me ocorreu que ele não fosse acreditar em mim.

— Não seja estúpido! — Eu nunca teria dito isso a ele quando vivia nesta casa, mas dois anos da adoção dos padrões de fala intencionalmente da Audácia fizeram as palavras saírem da minha boca naturalmente. — Se está desconfiado de Max, é por uma razão, e estou dizendo que é por uma boa. Tem razão em estar desconfiado. Está em perigo – vocês todos estão.

— Você se atreve a vir até minha casa depois de trair sua facção — ele fala, a sua voz baixa — depois de trair a sua família... e ainda me insulta? — ele abana a cabeça. — Recuso-me a ser intimidado a fazer o que Max e Jeanine querem, e com certeza não por meu filho.

— Sabe o que mais? Esqueça. Eu deveria ter ido até outra pessoa.

Viro-me para a porta, e ele diz:

— Não vire as costas para mim!

As suas mãos seguram o meu braço apertado. Eu o encaro, por um segundo me sentindo tonto, como se estivesse fora do meu próprio corpo, já separado de mim mesmo à espera de sobreviver a isto.

Você consegue enfrentá-lo, eu penso, à medida que me lembro de Tris agarrando o cinto na minha paisagem do medo para atacá-lo.

Puxo o meu braço e me liberto, sou forte demais para que ele se consiga me segurar. Mas eu só consigo ter força para me afastar, e ele não se atreve a gritar atrás de mim, não quando os vizinhos poderiam ouvir. As minhas mãos tremem um pouco, por isso ponho-as nos bolsos. Eu não ouço a porta da frente se fechando atrás de mim, por isso sei que ele está me vendo partir. Não foi o triunfante retorno que imaginei.

Sinto-me culpado quando passo através da porta para a Caverna, como se olhos da Audácia estivessem em cima de mim, me julgando pelo o que acabei de fazer. Eu fui contra os líderes de Audácia, e por quê? Por um homem que odeio, que nem sequer acreditou em mim? Não parece algo pela qual vale a pena, a pena de ser chamado de traidor de facção.

Olho através do piso de vidro para o Abismo muito longe de mim, a água escura e calma, demasiado longe para refletir o luar. Há poucas horas eu estava mesmo ali, prestes a mostrar para uma garota que eu mal conhecia todos os segredos que lutei com tanta força para proteger.

Ela era digna da minha confiança, mesmo que Marcus não fosse. Ela e a sua mãe, e o resto da facção que acredita, ainda vale a pena proteger. Então é o que farei.